



UNIVERSIDADE LUSÍADA DO PORTO

ESCOLAS DO PLANO DOS CENTENÁRIOS
Reabilitação da Escola Primária de Paderne

Carlos José Marques Rodrigues

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre

Porto 2013

Conservar a esperança equivale a não envelhecer. A velhice é mais do que cabelos brancos e rugas. É o sentimento de que é tarde demais, de que o palco já pertence a outra geração. A verdadeira doença da velhice não é o enfraquecimento do corpo, é a apatia da alma.

André Maurois, i. e. Émile Herzog, (1885 - 1967) escritor francês

AGRADECIMENTOS

Para concretizar esta dissertação, tive a ajuda preciosa de numerosas pessoas e entidades. Tanto pelo bom acolhimento que nos eximiram, como pelo contributo que obtivemos, a todos muito agradeço:

- Prof. Doutor Miguel Malheiro;
- Prof. Doutor Manuel Maria Diogo;
- Prof. Doutora Graça Correia;
- Prof. Doutora Ana Paula Nápoles;
- Prof. Clara Barros;
- Família e amigos;
- Sr^a Benedita
- Arq. Elsa Rodrigues;
- Câmara Municipal de Melgaço;
- Juntas de freguesias do concelho de Melgaço;

Índice

	Agradecimentos
	Resumo
	Abstract
	Palavras chaves
15	1. Introdução
	Motivação
	Âmbito
	Estado da arte
	Metodologia
	Contextualização e Objectivos
	Estrutura
31	2. Enquadramento Histórico do ensino em Portugal
33	2.1. A evolução do ensino em Portugal
34	2.2. O Marquês de Pombal e suas Reformas
35	2.3. D. Maria I - o fim do Pombalismo e o início do liberalismo
36	2.4. O legado do Conde Ferreira
39	2.5. Escola Primária Adães Bermudes
43	2.6. Arquitectura escolar do Plano dos Centenários
53	3. Património Escolar em Melgaço
55	3.1. Escola primária de Chaviães
61	3.2. Escola primária do Prado
67	3.3. Escola primária de S.Paio
73	3.4. Escola primária de Paderne
79	3.5. Conclusão
81	4. Residências assistidas
83	4.1. Arquitectura geriátrica contemporânea
87	4.2. Casos de referência
87	4.2.1. Peter Zumthor - conjunto habitacional para idosos, Suíça
93	4.2.2. Aires Mateus - lar de idosos, Alcácer do Sal, Portugal
101	4.2.3. Toyo Ito - elderly people's home, Yotsushiro
107	4.3. Conclusão

109	5. Caso de Estudo
111	5.1. Proposta de recuperação, reutilização e valorização da escola de Paderne
111	5.1.1. Desenvolvimento do projecto
126	5.1.2. Estudo e desenhos do módulo
129	5.1.3. Corte construtivo pela fachada nascente
131	5.1.4. Maquetas do lar de idosos escala 1:50
133	6. Conclusão
139	7. Bibliografia
141	7.1. Bibliografia de figuras
143	8. Anexos

RESUMO

Nesta dissertação analisaremos, sob o ponto de vista arquitectónico, a evolução dos espaços escolares, desde os mosteiros até as escolas do Plano dos Centenários, cuja ambição era que o ensino primário abrangesse todo o território nacional, e a sua reconversão.

Empreendido durante o governo de Salazar, entre 1940 e 1960, o Plano dos Centenários foi regulado por Duarte Pacheco, Ministro de Obras públicas e Comunicações, que impôs uma revisão aos projectos regionais então em vigor, o que resultou numa interligação entre a standardização dos edifícios escolares, conservação das raízes da tradição da arquitectura portuguesa e identidade estética de cada região. Ao longo do tempo e em consequência da diminuição da natalidade, desertificação local e implantação de novos planos escolares, essas escolas sofreram deterioração ou abandono, tendo-se perdido, em certa medida, o sentido para que foram edificadas.

Considerando que estes edifícios sempre tiveram carácter público, procurámos manter-lhes esse mesmo carácter, para melhor se compreender o objecto arquitectónico e para que a população o possa distinguir também como tal. Teremos o cuidado de tratar a história e a evolução da linguagem arquitectónica dos edifícios escolares e a adaptação destes mesmos espaços a outras funções, tais como, centros de dia, juntas de freguesias, lar de idosos.

É aqui que surge a ideia de recuperar, reabilitar, valorizar e adaptar estes espaços a um novo serviço comunitário de apoio à população mais idosa, tendo como caso de estudo o concelho de Melgaço.

Com este trabalho, foi possível fazer uma análise à história da arquitectura escolar portuguesa, enquadrada na própria análise do nosso projecto, desenvolvendo, assim, um estudo das construções escolares até ao final do Plano dos Centenários e a sua possível recuperação para benefício de uma arquitectura característica da história do nosso país, aliada à sua potencial utilização como novas estruturas do edifício arquitectónico.

ABSTRAT

This thesis is all about the analysis of the architectural evolution of school buildings. It goes right back to the days in which schools existed in monasteries through to the days of the “Plano dos Centenários” (Plan of Centenarians). Its main intention was for primary education to cover the entire national territory, as well as its conversion.

The “Plano dos Centenários” was undertaken during the Salazar government, between 1940 and 1960. It was regulated by Duarte Pacheco, Minister of Public Works and Communications, who ordered a revision of the regional projects in force at the time. The result was the link between the standardization of school buildings, the preservation of the roots of Portuguese architectural tradition and the aesthetic identity of each region. Over the years and as a result of declining birth rates, local desertification and the introduction of new schools, these buildings have deteriorated or were even abandoned, thus losing to a certain degree the very reason for which they were built.

Considering that these buildings were created within the state education system, we tried to maintain their character, in order to better understand the “architectural object” and to enable the population to perceive them as such. We will treat the history and the evolution of the “architectural language” of these school buildings very carefully as these buildings are adapted to other functions, such as day centres, or nursing homes.

This is where the idea arises to recover, rehabilitate, enhance and adapt these buildings to a new community service created to support the elderly population, based on a study carried out in the county of Melgaço.

This thesis enabled us to analyze the history of Portuguese architecture of schools, within our own project. This culminated in a study of school buildings until the end of “Plano dos Centenários” and their possible recovery. The study would greatly benefit from a very characteristic type of architecture within Portuguese history, together with their possible utilization as new structures of the do architectonic building.

Palavras-chaves

Recuperar

Reabilitar

Reutilizar

Valorizar

1. Introdução

MOTIVAÇÃO

O presente trabalho foi elaborado após várias visitas ao concelho de Melgaço, tendo-nos baseado na análise circunstancial que fizemos das suas diversas potencialidades naturais. Essa riqueza encontrámo-la bem patente no factor de produção de Vinho Alvarinho, de características únicas, que desempenha um papel vital no desenvolvimento da região; igualmente na actividade piscatória, assente na riqueza piscícola que a sua densa rede hidrográfica oferece, juntamente com os moinhos movidos a água. Constatámos também uma forte inter-relação fronteiriça com as regiões vizinhas do norte de Portugal e a Galiza, evidenciando vivências muito semelhantes, e finalmente apreciámos / atentámos a cultura e a arquitectura locais muito próprias, tendo como exemplo as habitações de Castro Laboreiro, mais propriamente conhecidas por Brandas e Inverneiras.

Não podendo ignorar a importância dos monumentos que ajudaram ao desenvolvimento da história e da vida deste concelho (o Mosteiro de Fiães e o Mosteiro de Paderne), a nossa atenção centra-se, contudo, na escola Primária de Paderne, um tipo de arquitectura bastante característico e pertencente a uma época mais recente: trata-se da arquitectura escolar do Plano dos Centenários, um projecto de construção de escolas levado a cabo pelo Estado Novo, entre 1940 e 1960, e cujo nome se deve ao terceiro centenário da Restauração da Independência e ao oitavo da Independência de Portugal. Este tipo de edifício já está em desuso, essencialmente devido às modernas ideias e pensamentos que revolucionaram a forma de encarar a educação.

Tal transformação contribuiu para que parte deste património arquitectónico tivesse caído em abandono, tendo-se vindo também a assistir à desertificação populacional do concelho, com a permanente saída das camadas mais jovens através da emigração, e a população idosa cada vez mais abandonada nas suas próprias casas. Restam as memórias, ressaltando a triste evidência de que tanto

as escolas como a população estão esquecidas, abandonadas e em degradação. Foi nesse contexto que propusemos (tal como em tempos se traçou um plano, apoiado em fundos, para pôr fim ao analfabetismo) um plano de apoio e residência para os idosos da região.

Admitindo que seria necessário criar um novo plano de apoio à população idosa e visto que já existem dois lares no concelho de Melgaço, conseguimos aqui criar uma triangulação com este novo projecto, de forma a beneficiar a população do concelho. Os lares já existentes são: o Lar da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço (público), situado na vila e que recebe a população a norte/ nordeste do concelho; e a Residência para Seniores “Idade d’Ouro” (privada), situada em Paderne. Com a nossa proposta de criação de uma rede de lares públicos neste concelho, a freguesia de Paderne (local proposto e que, segundo o censo 2011 (INE,2011), é a 2ª freguesia com mais idosos deste concelho) seria equipada com um novo lar de carácter público e ficaria responsável pela população a norte/noroeste/oeste/sudoeste, enquanto a freguesia de Castro Laboreiro se responsabilizaria pela parte sul/sudeste do concelho. Deste modo, contribuiríamos para um maior apoio aos idosos através da reabilitação, restauro e adaptação dos edifícios escolares do Plano dos Centenários, os quais tiveram o seu tempo e a sua história, conferindo-lhes agora novas valências e vivências e transportando-os assim para o século XXI.

A opção pelo tema de restauro/reabilitação das escolas do “Plano dos Centenários” e a sua adaptação a lar e apoio a idosos nasce pelo facto de elas terem sido outrora idealizadas e projectadas para um melhor ensino e melhor educação às crianças dessa época, que são afinal estes idosos de hoje, tão esquecidos, abandonados e sem apoio, quer da nossa sociedade quer do Estado. Com tudo isto nasce também o fascínio pelos locais onde estas escolas estão implementadas – tendo elas tido um plano que regularizava várias exigências para a sua construção, tais exigências são as mesmas que pretendemos para o

nosso projecto: boa visibilidade do local de implantação, possibilitando assim que toda a gente da aldeia as localize facilmente; implantação em locais altos, como por exemplo, em topos de montanhas intermédios, que deveriam ter boa acessibilidade para toda a população, e orientação solar voltada a sul, permitindo uma boa iluminação; abastecimento de água garantido, existindo espaços de recreio amplos; local calmo e em contacto com a Natureza, para uma maior tranquilidade e um melhor ensinamento; a obrigatoriedade à utilização de materiais da região na sua construção. Estas são algumas das exigências e características impostas que ainda hoje se mantêm, obviamente adaptadas a outras gerações e a outras funções.

Outro motivo que nos levou a trabalhar este tema foi o facto de nunca termos podido fazê-lo em anos anteriores, nas Unidades Curriculares de Arquitectura e Projecto, tema esse que incide na recuperação, reabilitação e adaptação do edifício escolar. Pudemos, desta forma, realçar memórias esquecidas no tempo, recuperar valores, vivências e conhecimentos de tempos antigos. Conseguimos manter vivo e saudável um edifício, um espaço que é de cada um e que se irá, assim, partilhando com todas as gerações que nos vão sucedendo; portanto, ao interferirmos em memórias deste tipo, podemos manter vivo o testemunho e a história de um outro tempo, fazendo a salvaguarda do património cultural e arquitectónico, preservando enfim o seu carácter original.

Conclui-se que na época em que vivemos se impõe aprendermos a valorizar o que temos, e actualmente este tema está a ganhar impacto através de obras de arquitectos mais conscientes da reabilitação e restauração do património, tanto a nível nacional como internacional.

ÂMBITO

No presente ano lectivo 2011/2012, a Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada do Porto, juntamente com o Centro de Investigação

em Território, Arquitectura e Design, elegeu o concelho de Melgaço para que os seus alunos do quinto ano desenvolvessem um programa, à sua escolha, na Unidade Curricular de Projecto III, com vista à obtenção do Grau de Mestre, dando assim continuidade a um trabalho já a decorrer desde 2007, subordinado ao tema “Os Itinerários de Fronteira”.

Remetemo-nos, então, a uma análise do ensino em Portugal, tendo-nos fixado, porém, efusivamente no Plano dos Centenários, época muito característica e cheia de desigualdades no nosso País, ocorrida durante a ditadura salazarista.

O regime submeteu este plano estrategicamente, ou seja, criou um programa capaz de levar a construção escolar a todo o território, algo que era necessário para a evolução do país, mas que, ao mesmo tempo, projectava uma imagem melhorada do país para o exterior, disfarçando assim os verdadeiros problemas da desigualdade e miséria, existentes à época. Assim, ao criar uma arquitectura escolar bastante regional, o regime combate o estrangeirismo e demonstra também que ainda está bem activo.

Sabemos que a grande problemática destas escolas é não estarem adaptadas aos ideais da vida quotidiana, principalmente ao novo modelo do parque escolar, o que as faz entrarem em degradação, destruição e abandono. Conforme se tem verificado, esta problemática emerge por todo o país e não apenas pela região de Melgaço.

Em síntese, esta dissertação estuda o Plano dos Centenários num prisma arquitectónico, para que se encontrem soluções de reabilitação, restauração e reutilização, mantendo o edifício, por sua vez, com cariz de utilidade pública, podendo assim salvaguardar-se este tipo de arquitectura. Assim sendo, finaliza-se este trabalho com um ensaio de reabilitação e reutilização da escola de Paderne, pertencente ao Plano dos Centenários, com vista a apoiar a classe sénior.

ESTADO DA ARTE

Pretendemos aqui aprofundar os nossos conhecimentos, de forma a podermos elaborar um projecto, que proporcione conforto e esteja em harmonia com o local visado e a população-alvo. Assim, analisaremos vários trabalhos/projectos, tanto teóricos como práticos.

Para abordarmos a história e evolução da arquitectura escolar, bem como a fonte dos respectivos documentos, foi necessário recorrermos à colecção bibliográfica de Filomena Beja “Muitos anos de escolas, vol. I e II”, tendo-nos também apoiado na tese de doutoramento de Ana Paula Nápoles “A escola – Do Edifício aos Territórios, vol. I e II”, para percebermos melhor a evolução e o impacto que a escola teve e tem na vida de uma cidade ou território.

Entendemos também, visto que o nosso estudo se foca na evolução histórica do ensino até aos centenários, que seria importante estudar a “História do Ensino em Portugal”, “A Escola Portuguesa” e as “Escolas do Ensino Básico “tipificadas”, de Rómulo de Carvalho, Paulo Pimenta e Jorge Carlos, respectivamente. Foram igualmente importantes para o nosso percurso as teses de mestrado de Ana Pinto “A Arquitectura Escolar”; de Joana Saraiva “Arquitectura de Ensino – Projecto para um Equipamento de Ensino Artístico”; e de Jóni Teixeira “Escolas dos Centenários Reabilitadas – Caso de Estudo de Melgaço”.

Em relação ao contexto do território, para podermos enquadrar o concelho de Melgaço, foi necessário analisarmos a publicação de José Marques Rocha “Melgaço: Memória dos tempos passados e presente”, aproveitando também a informação disponível no portal da Câmara de Melgaço e as nossas visitas ao local de intervenção para recolhermos o máximo de informação sobre o meio físico e humano da região próxima.

Para finalizarmos, todo este processo teórico culmina no caso de estudo prático, desenvolvido e formalizado num capítulo exclusivo desta dissertação, o qual será produto do candidato. No entanto, é necessário salvaguardar que o

processo prático deste trabalho exhibe todo um trilha académico do candidato, mas que assume nele influências (casos de referência) dos arquitectos e das suas obras, para podermos entrar no processo da reabilitação e reutilização de edifícios para apoio a idosos. Tais obras são: “Conjunto Habitacional para Idosos, Suíça”, de Peter Zumthor, “Lar para Idosos, Alcácer do Sal”, de Francisco Aires Mateus e “Elderly People’s Home, Yatsushiro” de Toyo Ito. Abordaremos ainda dois exemplos de recuperação e reutilização para efeitos de apoio a idosos de Escolas dos Centenários, os quais nos permitirão um melhor estudo e um projecto em concordância com o edifício: a Escola de S. Paio e a Escola de Chaviães, ambas em Melgaço, Portugal.

A escolha destas obras deveu-se a estarem relacionadas com o meio natural, ou seja, inseridas na comunidade local e em consonância com a natureza, o que nos pareceu bastante adequado para o trabalho que desenvolvemos. O cuidado especial que estes autores evidenciaram no uso da geometria, das cores e dos materiais endógenos, explorando-os na sua máxima essência e realçando as suas qualidades únicas, foi também um dos motivos que nos moveu a seleccioná-los. O trabalhar da iluminação natural nos espaços sem que esta prejudique o utente foi outro fundamento da nossa opção. O tipo de programa que estas obras suportam e a capacidade de se relacionarem/interligarem, ou seja, os espaços escolares estão/são capazes de poderem suportar e adaptarem-se a flexibilidade de um programa de apoio a idosos, também contribuiu para as termos preferido.

METODOLOGIA

No que respeita a metodologia, pretendemos explicar e traçar o percurso para obter um trabalho científico que seja capaz de abranger um estudo alicerçado na reabilitação, reutilização e salvaguarda do património escolar dos Centenários.

Assim, procurámos examinar o território de Melgaço, mais especifica-

mente o edificado escolar. Foi importante termos inicialmente estudado a evolução da arquitectura escolar em Portugal, para depois podermos aprofundar o tema dos Centenários, tendo como suporte tanto a informação bibliográfica, como a visita a várias entidades ligadas à arquitectura escolar. É de real interesse mencionar que este tema nos levará constantemente à história recente de Portugal, mais propriamente ao regime ditatorial, e por seguinte ao recurso a cartografias e documentos de fontes bibliotecárias ou arquivos históricos. Analisámos, portanto, as escolas de Melgaço relativamente ao seu estado de conservação, implantação/localização, materialidade e programa, de forma a apreender-se o máximo de informação que as relacione com o programa de apoio a idosos através de análises feitas com a mesma configuração, para os casos de referência.

O caso de estudo concretizado nesta dissertação presume a reabilitação e a reutilização da escola de Paderne, pertencente ao Plano dos Centenários. A metodologia aplicada para a selecção da escola a reabilitar foi, numa primeira fase, visitas às várias escolas existentes no concelho de Melgaço, o que nos permitiu verificar em pormenor o seu estado de conservação, funções, materialidades e localizações. Numa segunda fase, resolvemos intervir numa zona estratégica do concelho de Melgaço, propondo assim, um programa evolutivo e expansivo no terreno, ou seja, criar uma triangulação (Melgaço, Paderne e Castro Laboreiro) com este tipo de escolas desactivadas, mas susceptíveis de reabilitação e reutilização para apoio a idosos. Numa terceira e última fase, resolvemos intervir numa escola dos Centenários em Paderne, para dar mais ênfase à arquitectura escolar do Plano dos Centenários, fortemente ligada ao regime ditatorial e resguardada de influências modernistas. Considerando a referida triangulação, fica a faltar, portanto, uma intervenção em Castro Laboreiro, visto que já existia uma em Melgaço e nós agora propusemos uma para Paderne.

Importa mencionar que estas propostas de reabilitação e de reutilização foram realizadas com base nas necessidades e virtualidades dos locais de im-

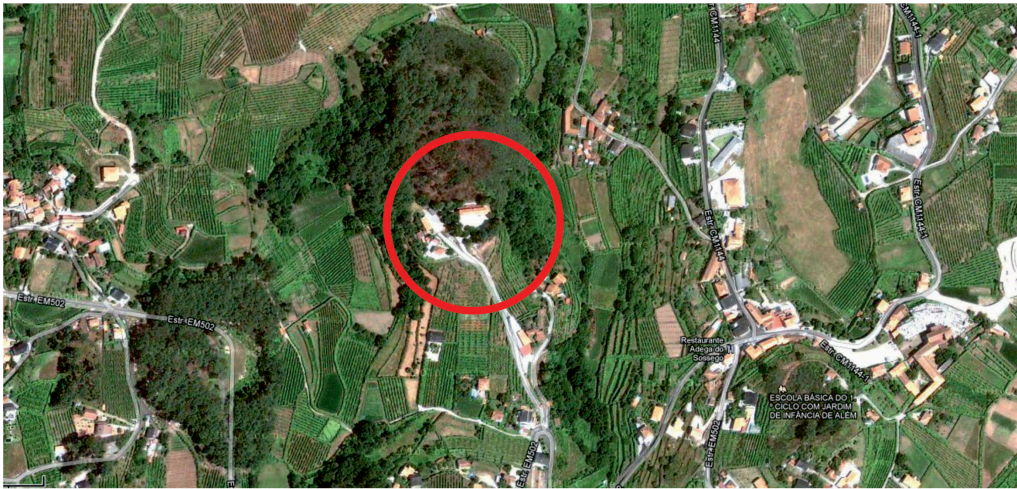


Figura 1 - Aproximação à envolvente da escola de Paderne



Figura 2 - Panorâmica da envolvente da escola de Paderne



Figura 3 - Vista principal da escola de Paderne

plantação, tendo sido decisivas para a adaptação dos edifícios a novas funcionalidades as visitas constantes que efectuámos às escolas e suas envolventes.

CONTEXTUALIZAÇÃO E OBJECTIVOS

Melgaço é um concelho que se situa na região norte de Portugal, na sub-região do Minho/Lima; sede de município, com uma área de 239,04 Km² e com 9179 habitantes, é composto por 18 freguesias. Geograficamente caracterizado pela zona ribeirinha que pertence à bacia do rio Minho, fica limitado a norte e a leste por Espanha, a sudoeste pelo município de Arcos de Valdevez e a oeste por Monção.

Embora apresente algumas características distintivas, Melgaço, no plano natural, mantém usos e costumes que preservam as suas heranças identitárias.

A freguesia que seleccionámos como local de intervenção, Paderne, localiza-se sobre o vale de Melgaço e o rio Minho, na continuidade do Vale do Minho; tem uma paisagem humanizada, atendendo ao seu habitat e à vinha, aos seus campos e sistemas de cultivo.

A sua actividade económica baseia-se na agricultura e pecuária, na viticultura, na hotelaria, na exploração de águas mineromedicinais, no comércio misto e na pequena indústria. Da nossa investigação nasce a intenção de lhe aumentarmos o seu património arquitectónico através da valorização de escolas do Plano dos Centenários e sua reabilitação, dando vulto a um projecto de apoio aos seus habitantes. Tendo nós detectados falhas na população mais idosa, sobretudo a nível socioeconómico, considerámos que edifícios que desempenharam uma função específica numa dada época poderiam renascer com outras funções, servindo para beneficiar essa população em abandono.

“ No início deste século, a longevidade do homem moderno e a falta de tempo da população mais jovem para cuidar dos mais idosos obrigam a uma profunda análise de novos contornos de um habitat adequado para a população

idosa.” O arquitecto tem a capacidade de melhorar as necessidades das pessoas através da criação e projecção do bem-estar, criando espaços e ambientes especificados e otimizados na relação entre a Habitação e o Homem (normalmente debilitado) (SILVA, 2007: 7)

Corroborando a análise acima citada, torna-se necessário criar e valorizar o projecto arquitectónico, de forma a proporcionar bem-estar, e reinventar também ideias e modos de operar que gerem conforto e tranquilidade. Um ambiente acolhedor e humanizado, potenciado pela arquitectura, permitirá que tanto utentes como funcionários se sintam confortáveis e como que “em casa”. A partir dos trabalhos estudados, verificámos que cada um dos arquitectos que seleccionámos demonstra uma orientação distinta no seu projecto, relativamente ao estabelecimento de equilíbrio entre o respeito pela privacidade/intimidade dos utentes, o incentivo à actividade social e o encontro entre todos os utilizadores.

“A geração que dominará o século XXI europeu é o idoso, já que são os idosos e os adultos que constituem uma percentagem cada vez maior da população. É verdade que a população mundial está a envelhecer, graças a uma melhor alimentação e estilo de vida com hábitos positivos – evitar fumar, exercício físico, entre outro, – a melhores serviços médicos, e a todos os avanços na medicina que, efectivamente, ajudaram a estender o tempo de vida” (VAVILI, 2002: 11).

Assim, demonstrámos que o objectivo desta investigação é primeiramente a reabilitação/restauração do património arquitectónico escolar, seguindo-se a adaptação destas escolas a lares de idosos ou a estruturas de outro carácter público, tais como, p. ex., centros de dia, centros de convívio ou universidades seniores. A lacuna actual seria, portanto, minimizada, ficando garantidas melhores condições de habitabilidade aos seus residentes e, em simultâneo, transformada a alma desses espaços: convertê-los, de forma a proporcionarem uma vida calma, saudável e duradoura, alicerçada na transmissão de valores e testemunhos de vivências que passam pela aprendizagem do meio rural.

A nível urbanístico, é nosso propósito: intervir na melhoria dos acessos e revitalização de Paderne, expandindo-a a nível socioeconómico e desenvolvendo programas que lhe promovam o turismo; criar um espaço-museu (representativo das Escolas dos Centenários do concelho de Melgaço); criar espaços verdes de lazer (jardim), onde seja possível ler e passear, sentindo e contemplando a Natureza.

Temos também como objectivo criar tipologias T1 para uma classe etária mais autónoma, ainda capaz de exercer funções naturais (esses T1 permitir-lhes-iam viver como se estivessem nas suas antigas casas), além de quartos duplos ou individuais para os acamados e os que tenham mobilidade reduzida. Finalmente, todos os idosos beneficiariam de serviços permanentes, prestados por um centro de assistência implantado no edifício.

Este será um edifício que tem quartos com casas de banho onde se procura o máximo de conforto, e isso não é diferente de um hotel. Depois há utentes que necessitam de cuidados de saúde e tem de se fazer uma adaptação mais hospitalar (Maribela Freitas, 2011). Neste sentido, tentaremos fazer com que todas as áreas habitacionais (percursos, quartos, jardins, salas...) propiciem a criação de espaços diversificados.

Para quem está no domínio das suas plenas capacidades, sair de um quarto e ir a uma zona comum é um acto mais ou menos imediato. Nesta população, muitas vezes com mobilidade reduzida, ir de um lado para o outro transforma-se num trabalho que é preciso fazer para chegar a outro espaço (Maribela Freitas, 2011).

Eis, pois, os objectivos específicos da nossa investigação.

ESTRUTURA

Numa primeira fase, abordámos uma pequena contextualização geográfica, histórica e socioeconómica da localidade em investigação. Para podermos entender e enraizar o nosso trabalho, fizemos uma breve introdução ao Plano dos Centenários, que nos mostrou o porquê, o que é, onde, como e quando surgiu. Esta fase apoia-se nos artigos, teses, e dissertações de Ana Paula Nápoles, de Ana Filipa Costa Pinto, de Joana Correia de Saraiva, de Jóni Teixeira, entre outros. Posteriormente, através de mapas e imagens, identificámos onde se interveio com este plano no concelho de Melgaço, criando assim uma inventariação dos edifícios escolares existentes e a verificação das suas funções e estado de conservação.

Numa segunda fase, trabalhámos a arquitectura escolar, isto é, verificámos as exigências impostas para que este tipo de escolas fosse implementado no território, realizando uma análise formal e espacial; de seguida, estudámos as variações morfotipológicas (estudo das escolas, programas, tipologias, características, semelhanças...), completando, finalmente, este estudo com o detalhe dos materiais e sistemas construtivos utilizados.

Numa terceira fase desenvolveremos os nossos conhecimentos através dos trabalhos mencionados no Estado da Arte, isto é, dando exemplos e estudando-os, o que implica um aprofundamento desses conhecimentos sobre a arquitectura, tanto práticos como teóricos, e nos permitirá, numa última fase, desenvolver um trabalho/projecto capaz de se adequar ao local e à população, perfeitamente inserido na paisagem, e sobretudo a funcionar em pleno, proporcionado conforto aos residentes/utentes

2. Enquadramento Histórico do ensino em Portugal

2.1. A evolução do ensino em Portugal

A escola, enquanto organização formal, resultou de um processo (re) construtivo, iniciado pelas instituições eclesiásticas e submetido posteriormente à tutela do Estado (NÁPOLES, 2010).

As origens do ensino remetem-nos para os primeiros séculos da religião Cristã, cujo objectivo era transferir as suas ideologias aos mais novos, para que estas perdurassem e se consolidassem ao longo dos tempos (PINHO, 2009/2010: 7).

Aqui, introduzimos a figura de Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), que ocupava o cargo de Secretário de Estado e Ministro do Reino. Desde logo promoveu reformas nos principais sectores de actividade social, incluindo o da Instrução, que necessitava de uma administração correspondente com a sua própria especificidade.

Sabemos que em Portugal as primeiras escolas foram criadas nos edifícios religiosos, mosteiros e conventos, os quais deram um grande contributo para a evolução da história do nosso ensino. Os seus ensinamentos chegavam a ser bastante populares, tanto na Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra) (PINHO, 2009/2010: 7), como na Ordem de Cister (mosteiro de Alcobaça) (BEJA, 1990: 11), estando os alunos destas escolas limitados à vida eclesiástica. Contudo, começou a querer-se que o ensino da leitura e da escrita fosse para além dos conventos e dos mosteiros, isto é, que o ensino se tornasse livre, gratuito e público, e em 1269 iniciam-se as primeiras aulas públicas (BEJA, 1990: 12). Mas, apesar destas iniciativas, o ensino continuou na tutela dos religiosos e dificilmente era penetrado por laicos (BEJA, 1990: 14). Em 1290 cria-se a Universidade Portuguesa (BEJA, 1990: 14) que, contudo, manteve os mesmos métodos, pouco dinâmicos e ainda de carácter religioso.

O ensino só voltou a ser impulsionado no reinado de D. Manuel I, altura em que se iniciou uma nova técnica - a impressão tipográfica -, a qual veio favo-

recer o aparecimento de gramáticas e livros de apoio ao ensino (BEJA, 1990: 20).

“Após a morte de D. Manuel I sucede-lhe D. João III, que propõe uma reforma que tem como princípio a divisão clara entre dois tipos de ensino, as disciplinas de base e as disciplinas maiores, assim como a sua reestruturação interna. Eram estas “os colégios onde se leccionavam as disciplinas de base, e as Universidades para as disciplinas maiores”.

“O Colégio do Espírito Santo é, ainda hoje, um dos mais notáveis monumentos da cidade de Évora. O Claustro, que servia de pátio para os escolares (...), é rodeado por setenta e duas colunas de mármore que servem de sustentáculo aos arcos das varandas superiores e às salas de aula”, onde “são muito apreciados os azulejos, azuis e brancos, que cobrem parte das paredes” (cit. PINHO, 2009/2010: 28)

2.2. O Marquês de Pombal e suas reformas

Durante a sua governação, D. José I (1714 -1777) atribuiu a D. Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido por Marquês de Pombal, importantes funções governativas, funções essas que começaram por versar assuntos meramente comerciais e logo passaram a assuntos escolares.

Como já sabemos, as ordens religiosas tutelavam uma enorme parte da responsabilidade pelo ensino nacional. Mas em 1759, o Marquês de Pombal expulsa a Companhia de Jesus de Portugal e proíbe os seus métodos de ensino no território português, facto este fomentado *“muito por culpa dos excessos de intolerância e de afinidades que esta tinha à Inquisição, tornando-a assim indesejável”* (BEJA, 1990: 28).

Deparando-se, assim, com as escolas fechadas, o Marquês de Pombal empreendeu um projecto de educação reformista, sustentado por mestres capazes de cumprir o seu plano.

Após a concepção do Alvará de 28 de Junho de 1759 (BEJA, 1990: 29), que

expulsa os jesuítas do território português, é estabelecido um novo regime de estudos que vigia a evolução do ensino, surgindo, desde logo, a entidade Direcção-Geral de Estudos. Deste modo nasce em Portugal o ensino público, pela primeira vez sob tutela do estado português (BEJA, 1990: 30).

Assim, desenvolveu-se pela primeira vez o ensino em casas particulares alugadas pelo próprio estado, mas por razões económicas este método fracassou (BEJA, 1990: 30). A 10 de Novembro de 1772 (BEJA, 1990: 31) criou-se um imposto (“subsídio literário”) a cobrar à população, de maneira a que, o que se arrecadaria, seria para pagar aos mestres e professores e para outras despesas que viessem a surgir com o ensino.

2.3. D. Maria I - o fim do pombalismo e o início do liberalismo

Após a morte do rei D. José I, D. Maria assume o trono do país e assim começa a ganhar forma o fim do Pombalismo. A nova rainha era muito devota, mas também vulnerável a superstições. Ela tinha sido instruída pelos melhores mestres, que rapidamente a influenciaram em questões religiosas. D. Maria I, desde que subiu ao trono, depressa foi envolvida pelo clima de inimizade contra o Marquês de Pombal. A fidalguia e o clero clamavam o restabelecimento da sua antiga situação de privilégio, criando um movimento contra o poder do estado e a laicização. A 16 de Agosto de 1779 (BEJA, 1990: 33) D. Maria I assina a *Resolução Régia* (BEJA, 1990: 33), em que consagra um aumento no número de escolas das primeiras letras, que assim voltaram a funcionar nos espaços convencionais.

Em 1792, a rainha abandona o trono, e D. João VI, seu filho, toma a regência do país. Em 1807, Portugal entra em constante instabilidade política e financeira; começavam as invasões francesas e, mais uma vez, o dinheiro era dispensado para fins de protecção do território, aumentando a lacuna no ensino por falta de economias. Após a morte do rei, Portugal enfrenta uma crise de sucessão, visto que a família real e sua corte permaneciam no Brasil.

Em 1820, Portugal estava de novo envolvido numa revolução, desta vez sem conflito armado: a implantação do regime liberal. Uma experiência de pouca duração mas de grande intensidade de ideologias radicais e com medidas legislativas que se afiguraram incapazes de vigorar.

Em 1835 ocorre uma medida que torna viável um processo de evolução, no que toca a construções para o ensino pré-escolar - trata-se da inauguração da instituição e Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida, que cooperava com a fundação da Sociedade da Instrução Primária. O seu objectivo era dar protecção, educação e instrução a crianças de ambos os sexos, sendo sete anos a idade limite para acolhimento nas Casas de Asilo (PINHO, 2009/2010: 12).

2.4. O legado do Conde Ferreira

Até ao ano de 1866, o Estado pouco se empenhou na construção e no alargamento do sistema de ensino elementar, e o que ajudou a promover o sistema educativo foi a iniciativa privada (PINHO, 2009/2010: 15), tendo também dado um importante contributo nesta área o Conde Ferreira, que deixa no seu testamento financiamento para se dar início à construção de 120 casas para escolas primárias de ambos os sexos, nas terras que forem cabeça de concelho (BEJA, 1990: 45).

É neste mesmo ano que o governo é verdadeiramente confrontado com a problemática das escolas primárias: a iniciativa privada veio responsabilizá-lo pela inexistência, tanto de instalações apropriadas para o funcionamento de escolas primárias como de falta de regras, mesmo mínimas, que garantissem um grau meramente aceitável de habitabilidade e conforto nas casas que eram usadas como salas de aula.

Assim, a importância deste legado e o vasto volume de obras a fazer exigiria da governação uma orientação bem definida, quanto ao programa e condições dos edifícios, quer funcionais, quer construtivas. Nesse âmbito, pelo go-

verno “a 14 de Janeiro de 1867 era expedida uma carta a todas as câmaras municipais do país, dando conhecimento da existência do testamento e apelando a que estas se candidatassem ao mesmo” (GRAÇA, 2009: 31).

É aqui que se verifica o início da construção e existência de edifícios dotados para o ensino, graças ao benfeitor Conde de Ferreira.

Este foi um momento histórico, no que respeita ao ensino escolar, tendo levado a que surgissem novas iniciativas por parte de outros beneméritos, tais como as escolas Conde de S. Bento, as Escolas Amorim Campos, as Escolas Moraes e as Escolas Grandellas (BEJA, 1990: 60). O Estado ainda pouco financiava, assumindo aqui a iniciativa privada um papel importante.

Na mesma altura da construção das escolas Conde de Ferreira surgiram as Escolas Centrais, da responsabilidade do plano da instrução dos respectivos municípios. Estas Escolas Centrais vieram introduzir uma inovação na programação escolar, da qual resulta um novo significado de escola: a escola passa a ter um modelo organizacional mais abrangente, isto é, escolas capazes de funcionar com vários professores e vários grupos de alunos, distribuídos por turmas e salas, assim o conceito de escola deixou de estar limitada apenas ao vestíbulo, a sala de estudo e a casa do professor.

O edifício escolar “Conde de Ferreira”

O edifício escolar é expandido em apenas um piso. Desta maneira, a planta é de forma rectangular, organizando-se ela mesma na parte frontal com as salas destinadas ao ensino, e na parte posterior, com as áreas programadas para a habitação do professor.

Analisando assim as figuras 9 e 10 da p. 38, verificamos que a organização do programa é simples: logo após a porta da entrada deparamo-nos com o vestíbulo, que serve de hall de entrada e é responsável pela distribuição organizada que dá acesso às salas de aula ou bibliotecas e às instalações sanitárias, e que por sua vez faz ligação com a habitação do professor, sendo que esta última

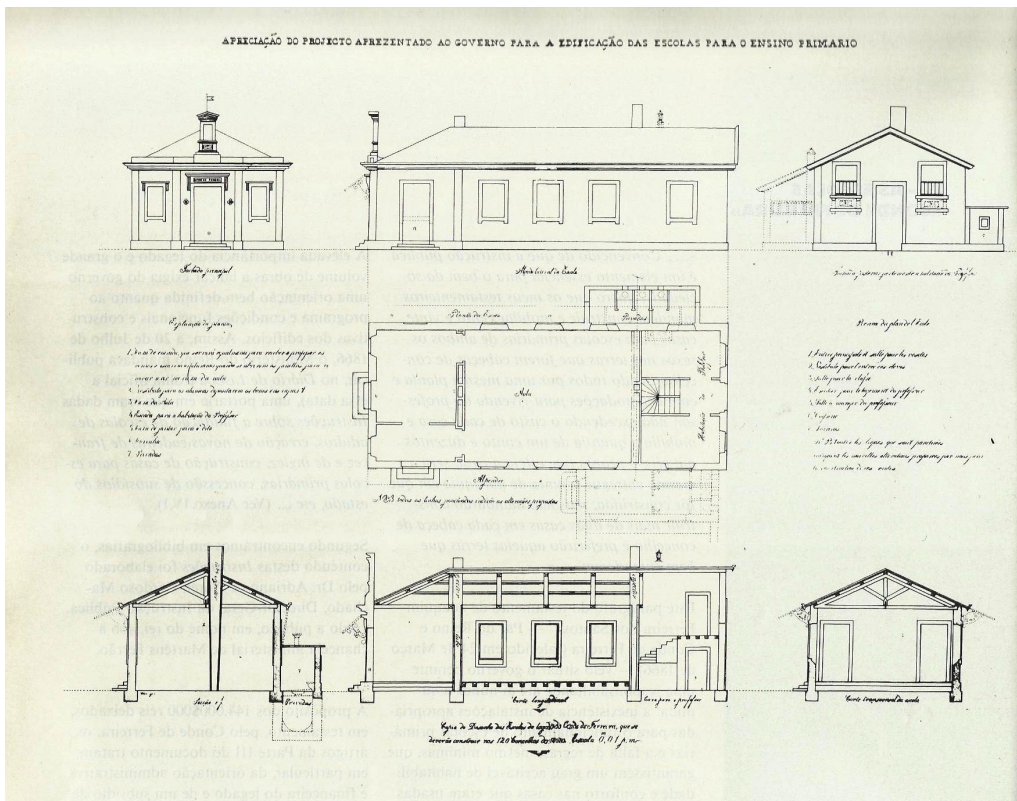


Figura 9
 Reprodução da estampa do projecto para as escola Conde Ferreira, com proposta de alteração ao traçado inicial - 1866.
 (Arquivo Histórico da Div. de Documentação da Secretaria - Geral M.O.P. - Lisboa)



Figura 10
 Reprodução em maquete da escola Conde Ferreira, com proposta de alteração ao traçado inicial - 1866. (Arquivo Histórico da Div. de Documentação da Secretaria - Geral M.O.P. - Lisboa)

não tem um lugar de destaque porque, à época, o papel de professor não era reconhecido pelas classes sociais mais abastadas.

O edifício escolar tem a forma de um paralelepípedo, com cobertura de 4 águas, revestido a telha cerâmica, com características de *“linguagem arquitectónica clássica, visível nas pilastras dos cunhais, a delimitar os panos das fachadas laterais e no frontão triangular que coroa a sineira”* (cit. PINHO, 2009/2010: p.46). No alçado frontal, ao centro, encontra-se a porta da entrada, sinalizada com a torre sineira e os degraus de acesso à escola (características desta construção), e duas janelas laterais; mas, apesar da importância desempenhada pela fachada frontal, a entrada dos alunos far-se-ia pela porta lateral. Como sabemos, todas as escolas Conde Ferreira apresentam as mesmas características, de maneira a que o formato do edifício escolar seja igual para todo o país, tornando-se a escola de fácil detecção por parte da população, assumindo igualmente um carácter público.

2.5. Escola Primária Adães Bermudes

Os grandes países da Europa e dos Estados Unidos, nos finais do séc. XIX, tinham como o centro de todas as atenções os temas de educação, pedagogia e higiene escolar. Em Portugal, existia uma valorização harmoniosa proporcionada pelos ginásios e campos de jogos anexos às escolas inglesas (BEJA, 1990: 75). Neste sentido, Portugal publica em 1881 “as normas de construção escolar” que teriam sido aprovadas pelo governo francês no ano anterior.

Assim, a 2 de Março de 1898 é aberto um concurso para a elaboração de projectos para um novo plano de escola e, em Outubro desse mesmo ano, o júri aprova como vencedor o trabalho de Adães Bermudes. Em 1900 ele é nomeado delegado à Exposição Universal de Paris, acabando por obter a medalha de ouro da Secção de Arquitectura Escolar pelo seu projecto anteriormente apresentado e premiado em Portugal (BEJA, 1990: 77).

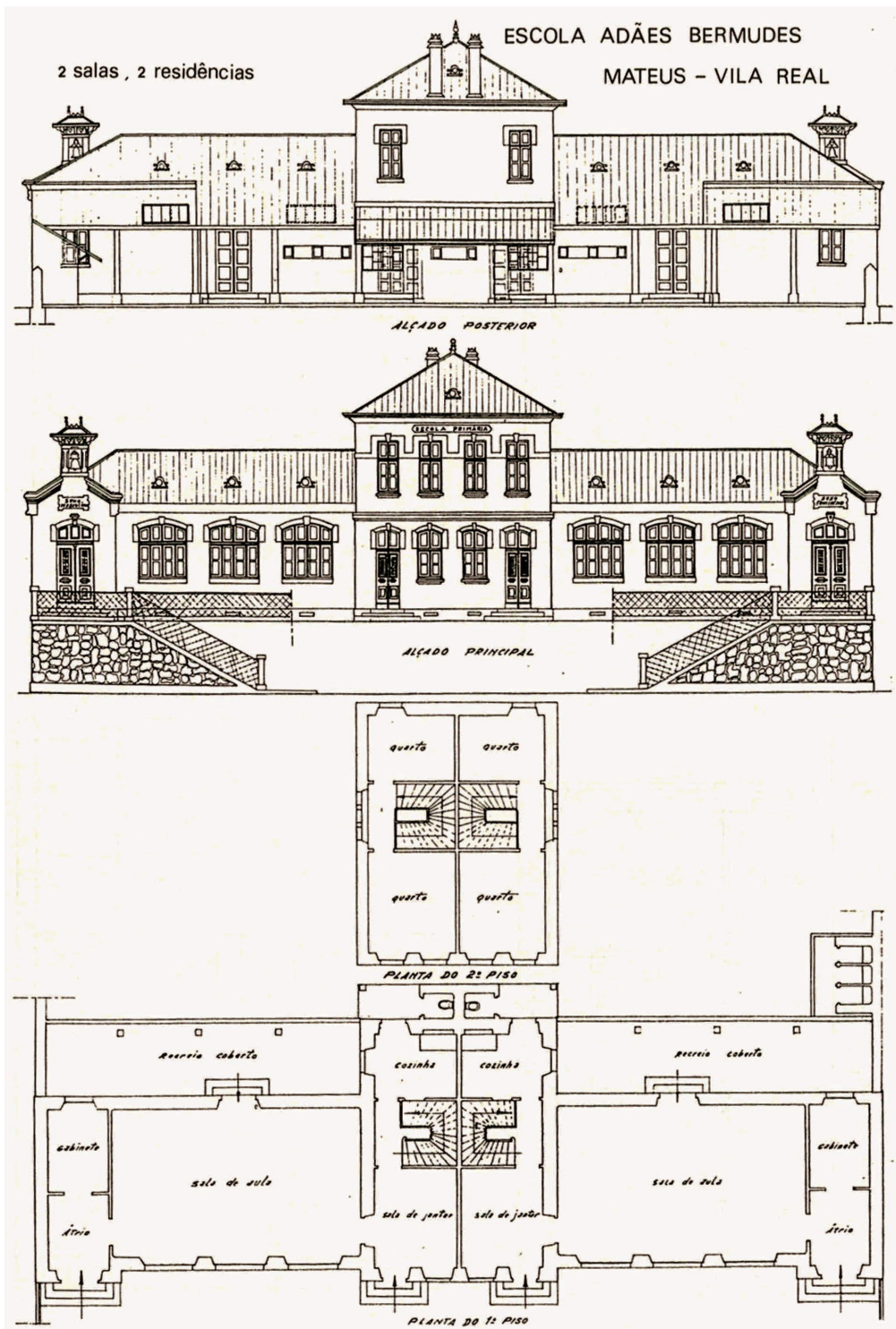


Figura 11

Alçados e plantas da escola Adães Bermudes, de duas salas e duas residências- Vila Real, BEJA, Filomena, Muitos anos de escolas, vol. I, p. 80

No projecto Adões Bermudes, também existia lugar para a residência do professor mas, ao contrário do que tinha sucedido nas escolas tipo “Conde Ferreira”, aqui a habitação do professor ganhava um novo destaque, no que respeita à organização e volumetria do projecto escolar, isto é, a volumetria da residência assume-se no alçado principal como sendo o volume de maior cêrcea, com dois pisos. A organização formal da escola baseia-se no vestíbulo, na sala de aula e nas instalações sanitárias, sendo o acesso à casa de banho feito pelo alpendre. Por vezes, estes projectos teriam duas salas e duas habitações; consoante o valor financeiro disponível e o número da população, optar-se-ia por uma ou duas salas.

Em 1911, o governo republicano introduz um programa revolucionário e estabelece a instrução oficial e livre para todas as crianças, bem como a instrução obrigatória entre os sete e os dez anos de idade. Desta forma, o governo viria a exigir soluções novas à arquitectura escolar e a pressionar a construção e remodelação dos equipamentos educativos, iniciando-se então um período de novas escolas, denominadas Escolas da República.

2.6. Arquitectura escolar do Plano dos Centenários

Este tópico leva-nos a perceber que o Plano dos Centenários contribuiu, não só para a diminuição do analfabetismo, mas também como tentativa de espalhar a marca do regime pelo território nacional e, de alguma maneira, combater a emigração rural. Assim, podemos dizer que este é o plano que melhor satisfaz o território nacional, no que toca a educação. Como refere Paulo Pimenta, “ (...) o certo é que foi este o melhor plano de construções que conseguiu cobrir quase todo o país com escolas primárias” (PIMENTA, 2006: 79).

Em meados de 1935, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais aprovou os projectos-tipo regionalizados para escolas primárias, elaborados por Raul Lino e Rogério de Azevedo, para a sua construção em todo o território Nacional. Os projectos de edifícios foram executados, em Lisboa, por Raul Lino com 3 tipos regionais (12 soluções), e no Porto, por Rogério de Azevedo com 6 tipos regionais e 1 tipo rural (32 soluções) (BEJA, 1990: 119). O País estava dividido em 7 regiões, destinadas a agrupar as construções com afinidades de construção, mão-de-obra, processos construtivos e afinidades climáticas, a saber (BEJA, 1990: 203):

À época (1933)	Actualmente (1941-2013)
Região A – Algarve	Região A - Sul
Região B – Alentejo	Região B - Lisboa e Vale do Tejo
Região C – Estremadura	Região C- Centro
Região D – Beira Litoral	Região D - Norte
Região E – Beira Baixa do Sul	
Região F – Beira Baixa do Norte, Beira Alta e Minho	
Região G – Trás-os-Montes	

Os projectos foram concebidos para serem construídos em série, de harmonia com as características da arquitectura regional impostas, de maneira a que

PROJECTOS-TIPO REGIONALIZADOS
ARQUITECTO ROGERIO DE AZEVEDO

MINHO

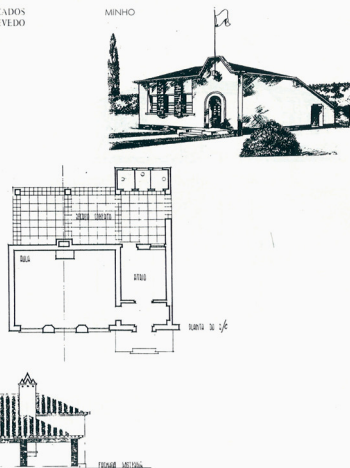


Figura 12 — Perspectiva, planta e alçado posterior do edifício Tipo Minho Riposte — 1 sala. (Arquivo DGCE).

Figura 12
Escola tipo para o Minho



ALTO MINHO

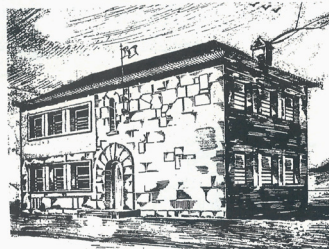


Figura 13
Escola tipo para o Alto Minho

DOURO

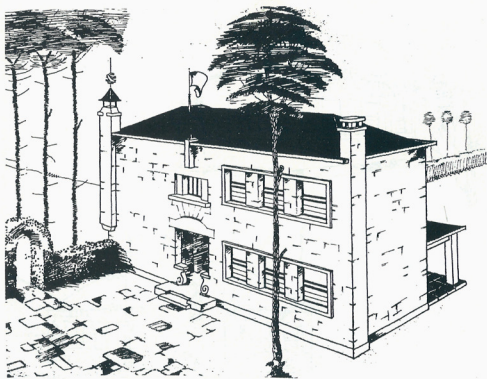


Figura 14 — Perspectiva do edifício Tipo Douro — 4 salas. (Arquivo DGCE).

Figura 14
Escola tipo para Douro

BEIRA ALTA

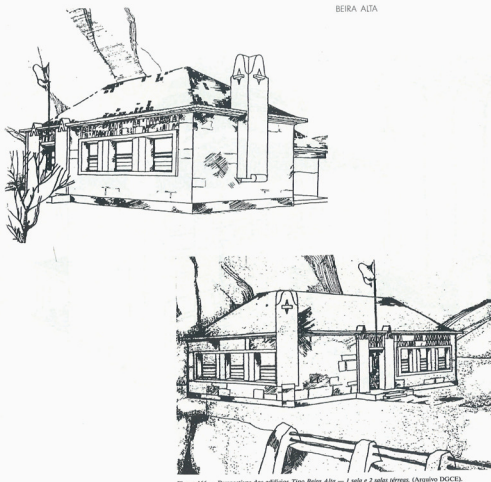


Figura 15 — Perspectivas dos edifícios Tipo Beira Alta — 1 sala e 2 salas interiores. (Arquivo DGCE).

Figura 15
Escola tipo para a Beira Alta

BEIRA LITORAL

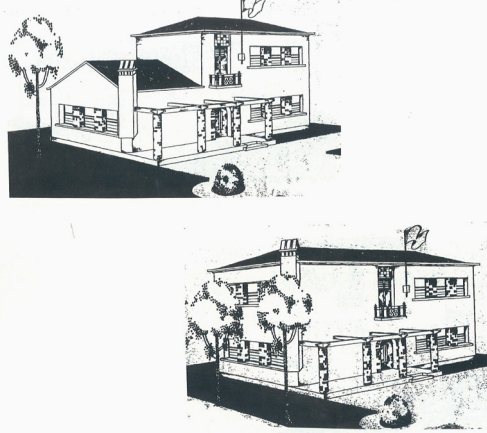


Figura 16 — Perspectivas dos edifícios Tipo Beira Litoral — 2 salas e 4 salas. (Arquivo DGCE).

Figura 16
Escola tipo para Beira Litoral

TRÁS-OS-MONTES

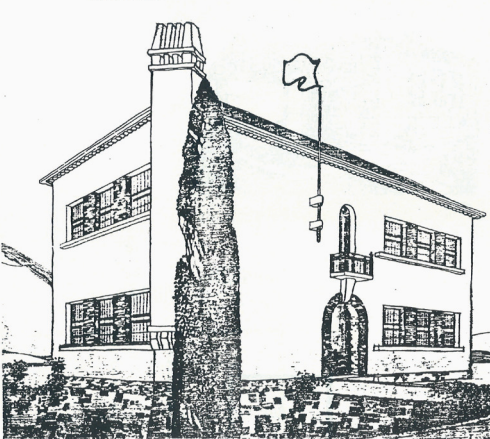


Figura 17 — Perspectiva do edifício Tipo Trás-os-Montes — 4 salas. (Arquivo DGCE).

Figura 17
Escola tipo para Trás-os-Montes

o orçamento se tornasse o mais barato possível, com a aplicação de materiais nativos, e criando ao mesmo tempo uma ideia que facilitasse a standardização e unidade entre todas as Escolas dos Centenários; o edifício deveria adaptar-se ao local e ao clima e, por sua vez, o espaço escolar deveria proporcionar conforto tanto às crianças como aos seus funcionários. O governo, ao utilizar a regionalização, leva-nos a ter uma interpretação antagónica, isto é, consegue criar a identidade estética de cada região, sendo para tal fundamental manter as características locais na imagem formal do edifício; mas, por outro lado, cria-se aqui uma ligação às raízes da tradição da arquitectura portuguesa, de maneira a combater as ideias e ideais modernistas à época, e fazendo uma referência ao mundo rural, mostrando, ao mesmo tempo, de uma forma política, a força e o poder do governo. Deu-se igualmente importância à variação da luminosidade e ao grau de arejamento, o que condicionava a abertura de vãos e o pé-direito do edifício.

Coube a Rogério de Azevedo a concepção de edifícios escolares para quase todos os Distritos do Norte e Centro do País, e a Raul Lino a concepção de edifícios para as restantes regiões. Rogério de Azevedo projectou as suas escolas com aplicação de granito, tijolo e xisto, entre outras pedras. As plantas eram repetitivas, com soluções para 1 sala, 2 salas sobrepostas, 2 salas térreas, 3 e 4 salas, agrupando-se em seis tipos regionais: Minho, Alto Minho, Douro, Beira Alta, Beira Litoral e Trás-os-Montes. Por sua vez, Raul Lino projectou escolas para os Distritos de Faro, Beja, Évora, Portalegre, Setúbal, Lisboa, Santarém e Leiria (BEJA, 1990: 203), onde repetiu a mesma planta para um mesmo número de salas de aula com três tipos diferentes de arquitectura regional; para o Algarve, Estremadura, Alentejo e Ribatejo utilizou cantaria e tijolo.

Em 1938, quando estariam concluídas ou em fase de conclusão cerca de uma centena de edifícios escolares, o Governo estabelecia expressamente a proibição de se começarem novos edifícios para escolas primárias até à aprovação

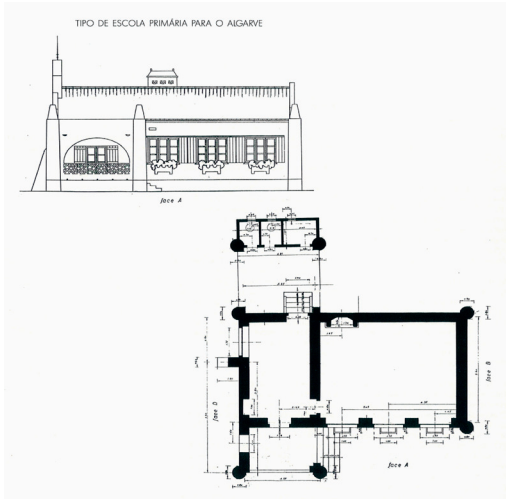


Figura 18
Escola tipo para o Algarve

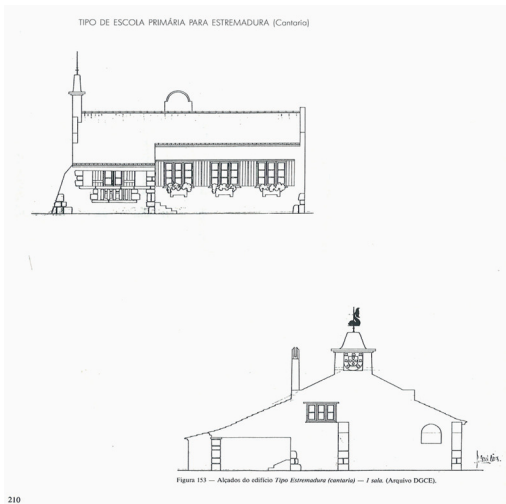


Figura 19
Escola tipo para Estremadura

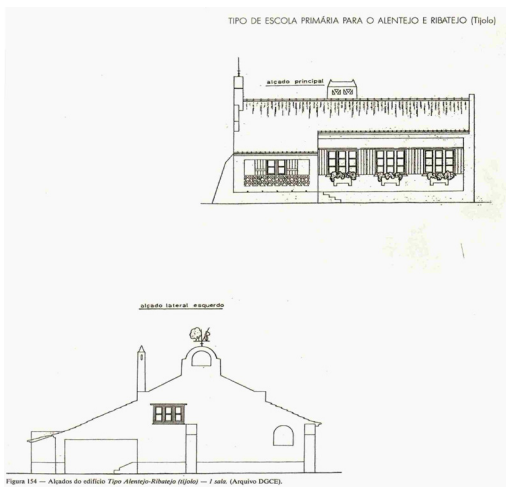


Figura 20
Escola tipo para Alentejo e Ribatejo

do plano geral (BEJA,1996: 13). Tal interdição veio a ser levantada apenas a 29 de Julho de 1941, com um novo Despacho do Presidente do Conselho, onde eram definidas as condições de execução do Plano dos Centenários (BEJA,1996: 14).

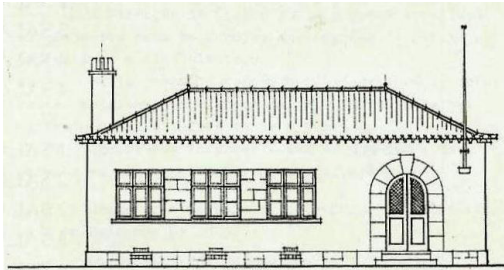
Nem Raul Lino nem Rogério de Azevedo trabalhariam nos projectos das Escolas dos Centenários. No entanto, os novos edifícios-tipo basear-se-iam nos seus projectos regionalizados de 1935, com modificações da linguagem então expressa. Podemos, portanto, concluir que os seus projectos serviram como base ao Plano dos Centenários. Independentemente das modificações a nível das técnicas de construção e de algumas exigências funcionais, os projectos desenvolver-se-iam sempre em torno da mesma interpretação do espaço/escola.

No princípio do ano de 1943, a Comissão de Revisão e Reajustamento da Rede Escolar concluiu o seu trabalho, cujo desenvolvimento final do plano passaria a ser obrigatório para todas as decisões sobre a construção de escolas primárias. Ainda em 1943 foram redigidas instruções para a escolha de terrenos destinados à edificação de escolas primárias, cujas principais regras eram as seguintes:

- Orientação entre Nascente e Sul, com preferência para a banda de Este;
- Área não inferior a 2000 m², com uma frente adequada às dimensões das fachadas principais dos edifícios;
- Serem planos e geologicamente facilitar a construção;
- Terem pontos de água, ou serem facilmente abastecíveis;
- Servirem correctamente o núcleo que o Plano dos Centenários determinava para a escola (BEJA,1996: 106).

Pela grande dificuldade de se adquirirem terrenos com estas características, houve algumas cedências. Muitos edifícios ficaram orientados mais a Poente que a Nascente; alguns situavam-se no cimo de taludes, entre outras, tendo no entanto sido respeitada a área mínima.

Posteriormente, a Portaria n.º 15760, de 9 de Março de 1956 (BEJA, 1996:



MINHO-GRANITO

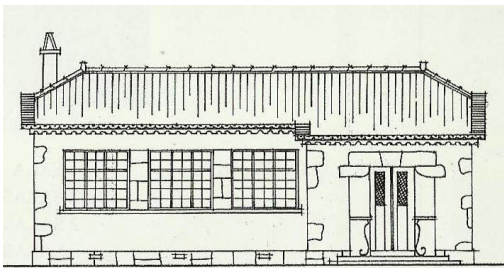
Figura 21

Projecto para o norte do país de
1 sala, tipo Minho- granito



Figura 22

Escola de Pulo, Aldão,
Guimarães, foto 1970;
arquivo ex-DGEE



BEIRA ALTA-GRANITO

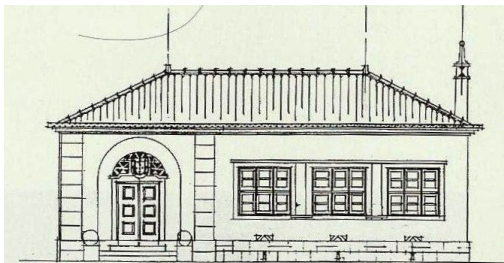
Figura 23

Projecto para o centro do país de
1 sala, tipo Beira Alta-granito



Figura 24

Escola de Penhaforte,
Lamegal, (Pinhel) Guarda, foto 1970;
arquivo ex-DGEE



ESTREMADURA

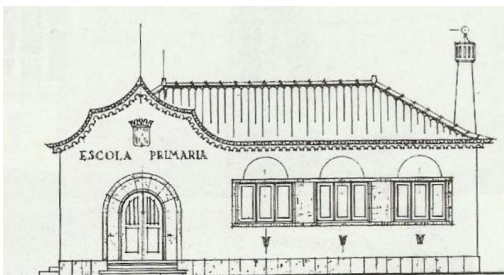
Figura 25

Projecto para a zona de Lisboa de
1 sala, tipo Estremadura



Figura 26

Escola em Arruda dos
Vinhos (Lisboa), foto 1949;
arquivo ex-DGEE



ALGARVE

Figura 27

Projecto para o sul do país de
1 sala, tipo Algarve

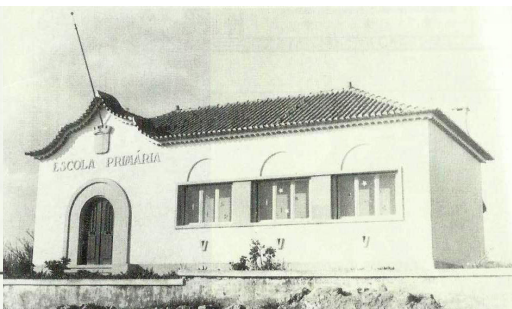


Figura 28

Escola de Barão de S.
Miguel, Vila do Bispo, foto construções escolares do Sul;
arquivo ex-DGCE

311) expunha, com rigor, as exigências para os terrenos onde viria localizar-se o edifício escolar: assim, as áreas mínimas a adquirir seriam escalonadas em relação ao número de salas a construir, bem como o afastamento às povoações.

Após um questionário junto das Câmaras Municipais, em 1944, deu-se início à primeira fase do Plano dos Centenários que incluía apenas os concelhos cujas Câmaras responderam (cerca de 1/3) ao questionário. As fases seguintes sucederam-se até finais de Setembro de 1969, quando a Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias cessou funções.

Quando se pretendeu lançar as primeiras escolas do Plano dos Centenários, o então Ministro Duarte Pacheco determinou que os projectos regionais de 1935 fossem revistos, obrigando a algumas reformas de economia da construção. Os arquitectos Manuel Fernandes de Sá, Joaquim Areal, Eduardo Moreira dos Santos e Alberto Braga de Sousa encarregaram-se da remodelação dos projectos, tendo como base algumas experiências já realizadas no Norte. Os edifícios baseavam-se todos nas mesmas plantas e obedeciam a dois tipos determinados: edifícios destinados a um só sexo ou com separação de dois sexos. Os alçados seriam desenhados com características da região onde se iam inserir, incluindo elementos que formavam a imagem dos Centenários, tais como o desenho dos vãos, o embasamento e os degraus.

O módulo do edifício escolar dos Centenários principia no vestíbulo ou átrio de entrada, que dá acesso à sala de aula, esta com aproximadamente 50m². O elemento principal da organização espacial do edifício seria a referida sala de aula, com uma orientação sul/nascente, sendo, desta maneira, projectadas no alçado principal três janelas unidas por um só vão de maneira a assegurar o cumprimento das condições de insolação e iluminação previstas no regulamento. O telhado destas escolas seria de quatro águas, e no prolongamento do telhado de algumas existia o recreio em forma de alpendre, onde as crianças poderiam brincar e, ao mesmo tempo, tinham acesso às instalações sanitárias.

Escolas do Concelho de Melgaço

Freguesia:	Designação do Núcleo escolar:	Data de início de construção:	Data de encerramento:	Reutilização:
Alvaredo	Charneca	1963		
Alvaredo	Alvaredo (Jardim)			
Castro Laboreiro	Adofreire	1958		
Castro Laboreiro	Ribeiro de Cima (Pousios)	1961		
Castro Laboreiro	Vila		2000	
Castro Laboreiro	Ribeiro de Baixo			
Castro Laboreiro	Vido			
Castro Laboreiro	Cainheiras e Assureira			
Chaviães	Portela	1947	2004	Centro de Dia
Chaviães	Chaviães (Jardim Portela)		2009	
Couso	Pomares (cela)	1964		
Couso	Couso	1964	2000	Projecto
Cristóval	Sobreiro	1962	2004	ACRD Jovens Raianos
Cristóval	S. Gregório	1963		Cruz vermelha
Cubalhão	Cubalhão de Baixo	1960	2000	
Cubalhão	Cubalhão de Cima (Orjaz)			
Fiaes	Terreiro	1967		
Fiaes	Adedela	1962		
Gave	Pias	1962	2000	Junta de Freguesia
Lamas do Mouro	Igreja	1963	2000	
Paços	Outeiro			
Paços	Igreja	1962	2009	Junta de freguesia
Paderne	Centro Escolar de Pomares	2000	Em funcionamento	
Paderne	Além n.º 3 - Cabeceiras		2001	Alojamento de famílias desfavorecidas
Paderne	Além n.º 2 - Peso	1958	2004	
Paderne	Além n.º 1 - Paderne	1957	2009	Projecto
Parada do Monte	Tablado	1962	2000	Junta de Freguesia
Parada do Monte	Cortegada			
Penso	S. Bartolomeu	1963		
Prado	Cerdedo		2009	
Remoães	Corga	1959		
Rouças	Crasto			Associação "Os Cucos"
S. Paio	Cavaleiro Alvo			
S. Paio	Outeiro		2009	
S. Paio	S. Paio (Jardim)		2009	
Vila	Vila	1967	2009	
Vila	Centro Escolar da Vila	2009	Em Funcionamento	
Vila	EPRAMI		Em funcionamento	
Vila	Santo Cristo (Jardim)		2009	

Figura 29 - Quadro Assinalado a vermelho as 4 escolas do tipo urbano do Plano dos Centenários, da região Norte, do concelho de Melgaço

O Primeiro de Janeiro noticiou, a 13 de Maio de 1944, o arranque da execução da primeira Fase do Plano dos Centenários, compreendendo 561 edifícios com 1250 salas, distribuídas por todos os distritos do País, incluindo as Ilhas (BEJA, 1996: 102). Pretendia-se que esse ritmo fosse mantido por 10 anos, até se concluírem cerca de 12500 salas de aula. O total previsto no Plano dos Centenários compreendia cerca de 11458 salas de aula, a que correspondiam 6809 edifícios (BEJA, 1996: 102).

Ao longo do período em que se cumpriu o Plano dos Centenários (5 fases), houve ajustes nas técnicas de construção e foram-se alterando os projectos iniciais dos edifícios. À medida que as escolas foram ficando concluídas, reconheceram-se deficiências de funcionamento e de conforto, entre outras. O aumento do preço dos materiais e mão-de-obra também obrigou a rever os materiais a empregar, com consequências para a qualidade dos mesmos. Adelgaram-se as paredes, substituíram-se elementos em pedra por cimento, suprimiram-se elementos sanitários, procedeu-se à redução do pé-direito, etc (BEJA, 1996: 36).

Perspectivando a importância destas construções no panorama nacional, de uma forma estatística podemos ver que no concelho de Melgaço, até à presente data, foram construídos 38 edifícios destinados a escolas primárias (ver figura 29, pág. 50), sendo 4 edifícios do tipo urbano e 13 do tipo rural do Plano dos Centenários. Conforme se pode depreender da tipologia destes edifícios, estes não apresentam, nos dias de hoje, as condições necessárias para albergarem os serviços mínimos, face às actuais exigências da educação.

As Normas sobre as Construções Escolares: “Edifícios e Terrenos para Escolas Primárias”, publicação do Ministério da Habitação e Obras Públicas em 1977 (doc. E1/77); “Edifícios para Escolas Primárias - Actualização Outubro 1977”, publicação da Direcção-Geral das Construções Escolares; e “Indicações para a Concepção e Construção de Instalações para o Ensino Básico – 1.º Ciclo”,

publicação da Direcção-Geral de Administração Escolar, em 1992, demonstram a preocupação em dotar os edifícios escolares de outros espaços, inexistentes nos edifícios do Plano dos Centenários. Por esse motivo tem havido algumas intervenções neste tipo de edifícios, remodelando-os e ampliando-os, em função das necessidades mais prementes e também da disponibilidade financeira. Justifica-se, por isso, uma análise ponderada sobre a intervenção neste tipo de edifícios, com vista à melhoria das condições ambientais e redução do consumo energético; também achámos por bem reabilitar estes edifícios, de maneira a que eles mantenham o seu carácter público, e adaptá-los a determinadas funções, como p. ex. centros de dia, juntas de freguesia, centros de convívio e lares de idosos. Desta forma, conseguimos dar utilidade aos edifícios, evitando a sua degradação, ao mesmo tempo que se apoia a população e se combate a solidão e o abandono dos idosos. Acima de tudo, reabilitam-se e salvaguardam-se edifícios históricos que marcaram o desenvolvimento de um período da nossa história, o qual ajudou a mudar a visão do ensino até aos dias de hoje.

3. Património Escolar em Melgaço

3.1. Escola de Chaviães

Integrada nas primeiras empreitadas do norte do Plano dos Centenários, a escola de Chaviães é de pequena dimensão, por razões de economia (terrenos, prazos e custos da construção civil), uma construção que cumpre o requisito de não ter mais do que 4 salas. Este edifício é uma germinação, isto é, integra a escola feminina e a masculina num mesmo terreno, separadas, porém, através da sua simetria ao centro; as suas entradas, recreio e salas são separadas. A sua autoria é do arquitecto Rogério de Azevedo.

De referir que, para aplicação ao Plano dos Centenários, Manuel Fernandes de Sá revê os projectos de Rogério de Azevedo e também de Raul Lino, sujeitando-os às suas próprias alterações: obriga a que todas as janelas e entradas principais tenham a mesma orientação; retira dos edifícios as cornijas de cantaria e substitui-as por beirais; as portas interiores passam a ser de uma só folha; as chaminés passam a ficar ambas ao centro dos edifícios e por vezes são transformadas em uma; os materiais escolhidos para serem empregues nos edifícios estavam sujeitos a severos critérios de selecção (BEJA, 1990: 31).

O terreno para a construção da escola gémea de duas salas na freguesia de Chaviães, concelho de Melgaço, foi aprovado em 1948 (ANEXO 1, 050: p.151).

Implantação

A escola está situada no meio da zona urbana, permite acesso rápido da população, e o seu alçado principal está direccionado para Sul, onde se situam as duas salas de aula; quanto ao alçado posterior, está voltado a Norte, aí se situa o alpendre e as instalações sanitárias.

É um edifício longitudinal com duas entradas, uma em cada extremo da fachada principal; a sua cércea é constante e baixa, com apenas um piso (rés-do-chão), tratando-se de um edifício gémeo de duas salas para dois sexos, tipo Minho. Tendo sido sujeita a uma adaptação, esta escola funciona actualmente

como Centro de Dia para os idosos da freguesia de Chaviães.

Programa

É uma escola gémea de duas salas para ambos os sexos, sendo as suas janelas voltadas para a fachada principal (Sul); tem duas entradas e dois vestíbulos que, ao mesmo tempo, fazem de átrio; estes vestíbulos dão acesso directo às salas de aula, ao alpendre e aos sanitários.

Este edifício é uma propagação do edifício escolar de uma sala tipo Minho, de um só sexo.

Materialidade

Apostando nos materiais da região, o edifício escolar foi programado para a sua utilização, o que, por um lado, implicou um menor custo de construção e, por outro, o tornou num edifício característico da zona onde se insere.

É composto por alvenaria de pedra nas suas fundações e paredes; o chão e o tecto foram feitos com vigas pré-esforçadas e abobadilhas de tijolo, revestidos depois com soalho de pinho ou carvalho nas salas de aula, e nos restantes espaços com tijoleira; as janelas e portas também foram feitas com o mesmo tipo de madeira, sendo as portas interiores de uma só folha e as exteriores de duas. As colunas do alpendre (recreio) e as escadas da entrada foram feitas em blocos de granito, assim como as ombreiras, as soleiras, as padieiras e os peitoris. As paredes interiores e exteriores foram revestidas com reboco, e os muros de vedação e de separação dos recreios construídos com blocos de granito. O edifício também está equipado com duas lareiras, uma em cada sala.

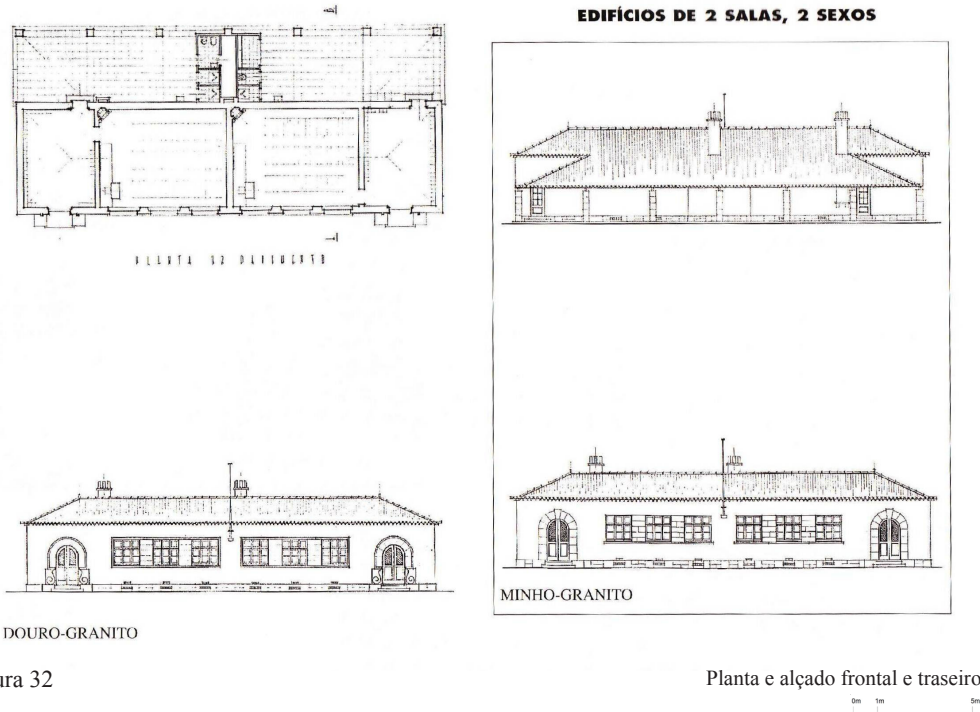


Figura 32

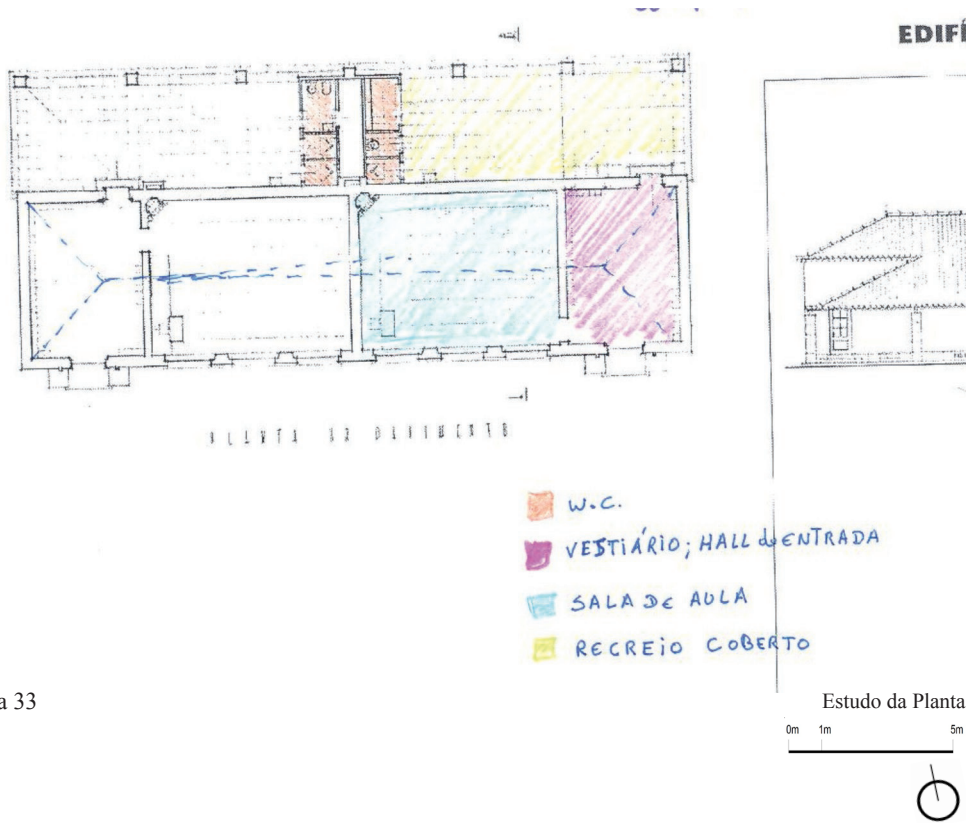


Figura 33



Figura 34

Escola de Chaviães - Melgaço



Figura 35

Escola de Chaviães - Melgaço

3.2. Escola do Prado

Implantação

A escola está situada no meio da zona urbana, tendo acesso rápido da população pela rua principal, a qual fica a cerca de cinco minutos de carro do centro da vila de Melgaço.

O alçado principal está direccionado para Sudeste, onde se situam as duas salas de aula, e o alçado posterior voltado a Noroeste, onde se situam o alpendre e as instalações sanitárias; apenas o alçado posterior do edifício é semelhante ao edifício gémeo de duas salas, com simetria ao centro e separação das instalações sanitárias e do alpendre.

É um edifício vertical, que possui duas entradas, uma em cada extremo, mas uma delas situa-se na fachada principal, estando a outra um pouco recuada dessa fachada. Este edifício contempla uma solução estudada por Manuel Fernandes de Sá, que permitiu tornar o rés-do-chão independente do primeiro andar, fazendo-se assim a separação dos dois sexos (BEJA, 1996: 30). É um edifício com cêrcea de dois pisos (rés-do-chão e 1º piso), com duas salas verticais para dois sexos, tipo Minho.

Actualmente fechada e ao abandono, esta escola não tem projecto de recuperação nem de reuso para um possível benefício da população.

Programa

A escola compreende duas salas para ambos os sexos, tendo as suas janelas direccionadas para Sudeste; duas entradas e dois vestíbulos fazem ao mesmo tempo de átrio. Estes vestíbulos dão acesso directo às salas de aula, ao alpendre e aos sanitários. Na porta principal existe uma circulação vertical que apenas dá acesso à sala do piso superior. A outra entrada do edifício, recuada, dá acesso à sala do piso de rés-do-chão. As duas fachadas laterais são completamente cegas. O acesso à escola é feito apenas por um portão e o recreio não apresenta indícios



Figura 36

Localização da Escola do Prado - Melgaço

Sem Escala



Figura 37

Implantação da Escola do Prado - Melgaço

Sem Escala



de alguma vez ter sido separado.

Materialidade

O edifício escolar é composto por alvenaria de pedra nas suas fundações e paredes; o chão e o tecto foram feitos com vigas pré-esforçadas e abobadilhas de tijolo, revestidos depois com soalho de pinho ou carvalho, nas salas de aula, e nos restantes espaços com tijoleira; as janelas e portas também foram feitas com o mesmo tipo de madeira, sendo as portas interiores de uma só folha e as exteriores de duas. As colunas do alpendre (recreio) e as escadas da entrada foram feitas em blocos de granito, assim como as ombreiras, as soleiras, as padieiras e os peitoris; as paredes interiores e exteriores são revestidas com reboco e os muros de vedação são construídos com pedra granítica. O edifício não está equipado com lareiras.

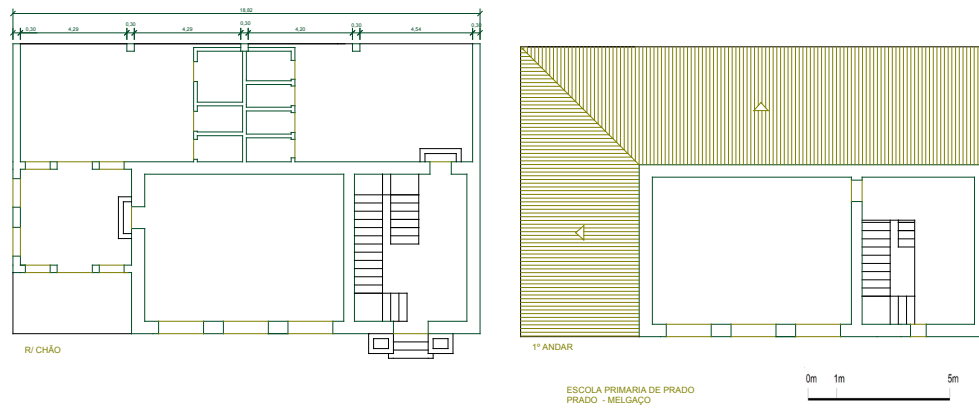


Figura 38

Escola do Prado, plantas- Melgaço



Figura 39

Escola do Prado - Melgaço



Figura 40

Escola do Prado - Melgaço



Figura 41

Escola do Prado - Melgaço

3.3. Escola de S. Paio

Implantação

A escola está situada no meio da zona urbana alta (montanha) da freguesia de S. Paio, tem acesso rápido da população pela rua principal, e o alçado principal está direccionado para Sudoeste, onde se situam as duas salas de aulas; o alçado traseiro está voltado a Nordeste, onde se situa o recreio coberto e as instalações sanitárias.

É um edifício longitudinal de duas entradas, uma em cada extremo da fachada principal. Está rodeado de arvoredo, e situa-se a dois metros acima da estrada principal. É um edifício de cêrcea constante e baixa com apenas um piso (rés-do-chão), um edifício gémeo de duas salas para dois sexos tipo Minho. Até há pouco tempo funcionava como escola e abrangia uma casa ao lado, onde se localizava a Creche e a cantina da escola; presentemente, a sua simetria faz a divisão da organização funcional do edifício, isto é, no edifício da escola funciona, por um lado, a Junta de Freguesia de S. Paio e, por outro, a Associação Recreativa de S. Paio.

Programa

É uma escola gémea de duas salas para ambos os sexos; nessas duas salas, as janelas estão voltadas para a fachada principal, direccionada para Sudoeste, com duas entradas e dois vestíbulos que, ao mesmo tempo, fazem de átrio da escola. Os vestíbulos dão acesso directo às salas de aula, ao alpendre e aos sanitários. Este edifício é uma multiplicação do edifício escolar de uma sala tipo Minho de um só sexo.

Materialidade

O edifício escolar é composto por alvenaria de pedra nas fundações e paredes, sendo o chão e o tecto feitos com vigas pré-esforçadas e abobadilhas de

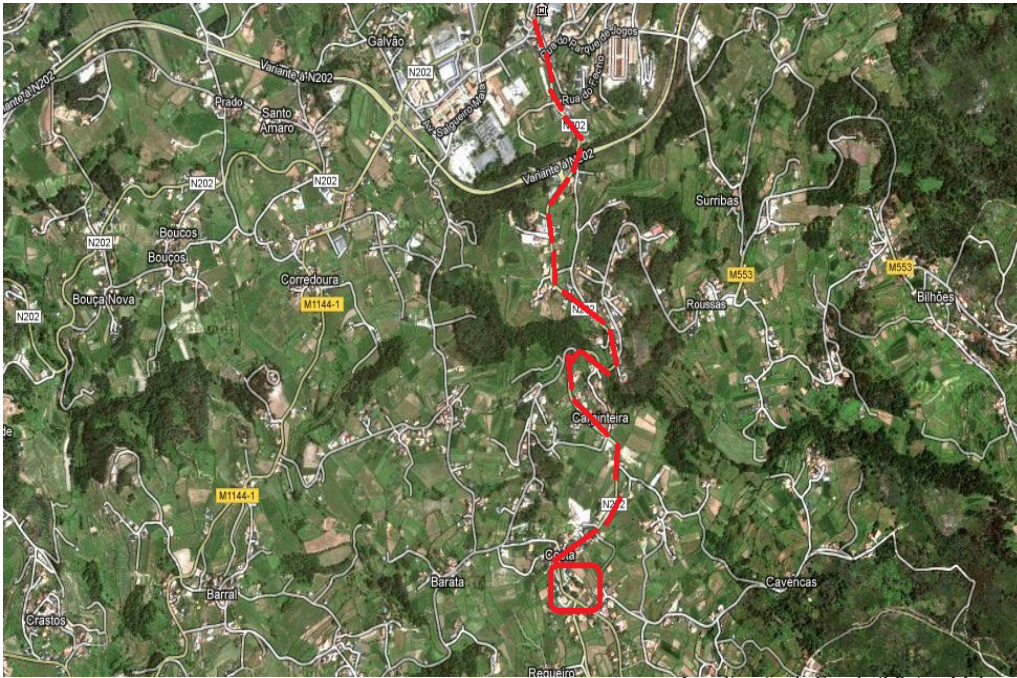


Figura 42

Localização da Escola S.Paio - Melgaço

Sem Escala



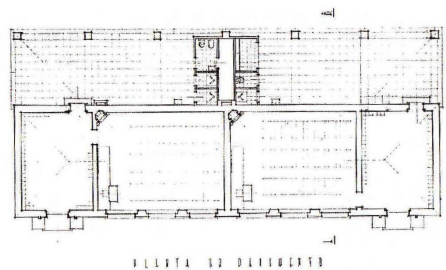
Figura 43

Implantação da Escola de S.Paio - Melgaço

Sem Escala

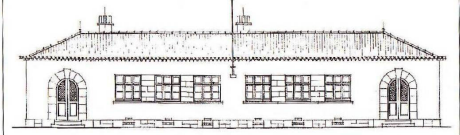
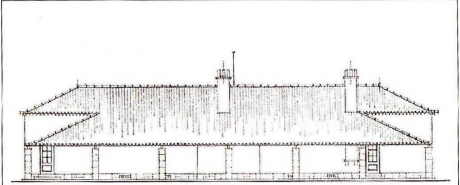


tijolo, revestidos depois com soalho de pinho ou carvalho, nas salas de aula, e no resto dos espaços com tijoleira; as janelas e portas também são feitas com o mesmo tipo de madeira, sendo as portas interiores de uma só folha e as exteriores de duas folhas. As colunas do alpendre (recreio) e as escadas da entrada são feitas em blocos de granito, assim como as ombreiras, as soleiras, as padieiras e os peitoris. As paredes interiores e exteriores são revestidas com reboco, e os muros de vedação e de separação dos recreios construídos com blocos de granitos. O edifício também está equipado com duas lareiras, uma em cada sala. Encontra-se rodeado de algum arvoredo de folha caduca, para que no inverno o sol possa entrar pelas janelas e aquecer o espaço, e no verão suceda precisamente o contrário.

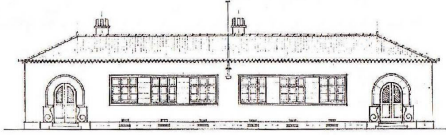


PLANTA DO BARRILETE

EDIFÍCIOS DE 2 SALAS, 2 SEXOS



MINHO-GRANITO



DOURO-GRANITO

Figura 44

Planta e alçado frontal e traseiro



Figura 45

Escola de S. Paio - Melgaço



Figura 46

Escola S. Paio - Melgaço



Figura 47

Escola de S. Paio - Melgaço

3.4. Escola de Paderne

Implantação

É um edifício feito pelo arquitecto Manuel Fernandes de Sá em 1958, edifício gémeo de 4 salas do tipo Minho, com base nas escolas de Rogério de Azevedo. A escola está situada no meio da zona rural alta (montanha), de acesso fácil e rápido a todos os lugares do núcleo, pelo caminho público que passa junto ao limite poente-sul do edifício escola. O alçado principal está direccionado a quadrante sul-nascente, para onde estão viradas as quatro salas de aula; nas tra-seiras do edifício situam-se o recreio coberto e as instalações sanitárias. O edifício situa-se no extremo poente-norte da sede do núcleo, em local airoso e batido pelo sol e, por se encontrar numa pequena elevação, pode ser visto de todos os pontos da sede do núcleo (Anexo 018).

É um edifício longitudinal com duas entradas, uma em cada extremo da fachada principal. Está rodeado de arvoredo (pinheiro, carvalho e eucalipto), não sendo esta última espécie característica da zona. Na parte frontal do edifício dá-se o cultivo de vinhas, o cultivo mais característico da região, tratando-se, portanto, de uma paisagem humanizada. É um edifício de cêrcea constante com dois pisos (rés-do-chão e 1º piso), um edifício gémeo de quatro salas para dois sexos tipo Minho. Presentemente, está a funcionar como centro de dia, tendo o apoio de uma casa ao lado a servir de cantina.

Programa

É uma escola gémea de quatro salas para ambos os sexos; as janelas das salas estão voltadas para a fachada principal, direccionada para o quadrante sul-nascente e que apresenta duas entradas e dois vestíbulos os quais, ao mesmo tempo, fazem de átrio; aí se situam também as duas caixas de escadas que dão acesso ao piso superior. Os vestíbulos dão acesso directo às salas de aula, ao alpendre e aos sanitários. A organização interna é idêntica à de duas salas de rés-



Envolvente

Esta rodeado de uma massa arvorece (pinheiro, carvalho, e eucalipto) esta última especie não é característica da zona.

Na parte frontal da escola, dá-se o cultivo de vinhas, cultivo mais característico da região.

Situa-se no alto de um monte para que toda a população possa ver o edifício escolar.

Edifício escolar

Feito pelo arquitecto Fernandes de Sá em 1958, edifício incluído no plano dos centenários, tipo minho com base no projecto de Rogério de Azevedo. Escola gemea de 4 salas e dois sexos.

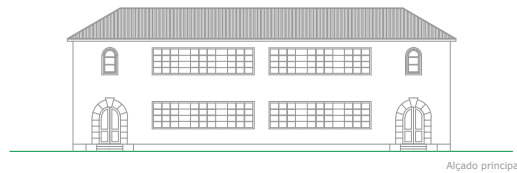
Redução drástica da imagem decorrente da utilização do granito, principalmente na entrada e nos contrafortes.

usa-se o granito para um pequeno embasamento, para marcação dos 3 vãos e na ombreira da porta principal (arco de volta perfeita) que apresenta uma redução na largura da guarnição. deixa de existir a marcação das chaminés nas paredes exterior.

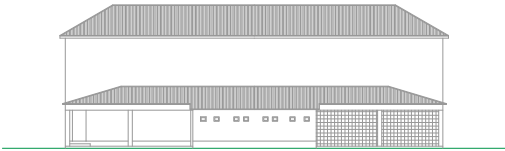
A organização interna é idêntica à de duas salas de rés do chão.

O piso superior é um mero somatório de duas salas, servidas de duas caixas de escadas nas laterais juntamente com os vestíbulos.

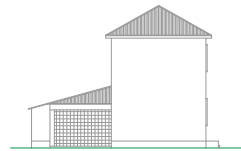
Não existe ligação interna na escola.



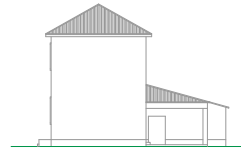
Alçado principal



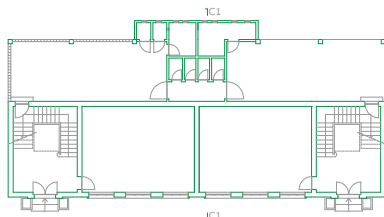
Alçado posterior



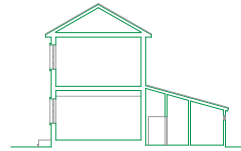
Alçado lateral esquerdo



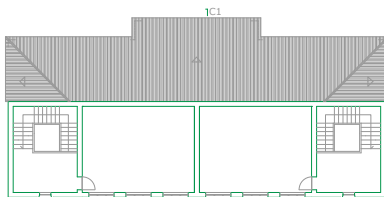
Alçado lateral direito



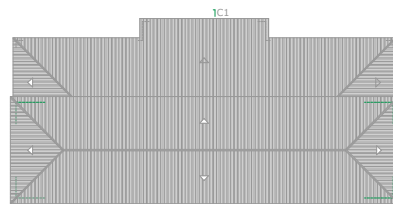
Planta do R/ Chão



Corte C1



Planta do 1º andar



Planta da cobertura



Figura 48, 49

-do-chão, e o piso superior é um mero somatório de duas salas, servidas de duas caixas de escadas nas laterais, juntamente com os vestíbulos. Este edifício é uma multiplicação do edifício escolar de duas salas tipo Minho de dois sexos e, mais uma vez, aqui não existe ligação interna.

Materialidade

O edifício escolar é composto por alvenaria de pedra nas fundações e paredes; o chão e o tecto são feitos com vigas pré-esforçadas e abobadilhas de tijolo, revestidos depois com soalho de pinho ou carvalho, nas salas de aula; no alpendre com tijoleira, e no vestíbulo e nas escadas com marmorite; as janelas e portas também são feitas com o mesmo tipo de madeira, sendo as interiores de uma só folha e as exteriores de duas folhas. As colunas do alpendre (recreio) e as escadas da entrada são em blocos de granito, assim como as ombreiras, as soleiras, as padieiras e os peitoris. As paredes interiores e exteriores são revestidas com reboco, e os muros de vedação e de separação dos recreios construídos com blocos de granito. O edifício também está equipado com duas lareiras, uma em cada sala. Encontra-se rodeado de algum arvoredado de folha caduca, para que no inverno o sol possa entrar pelas janelas e aquecer o espaço, e no verão suceda precisamente o contrário. Houve uma redução drástica da imagem decorrente da utilização do granito, principalmente nas entradas e nos contrafortes. Usa-se o granito apenas para um pequeno embasamento, para marcação dos três vãos e na ombreira da porta principal (arco de volta perfeita) que apresenta uma redução de largura da guarnição. A marcação das chaminés deixa de ser exposta nas paredes exteriores.

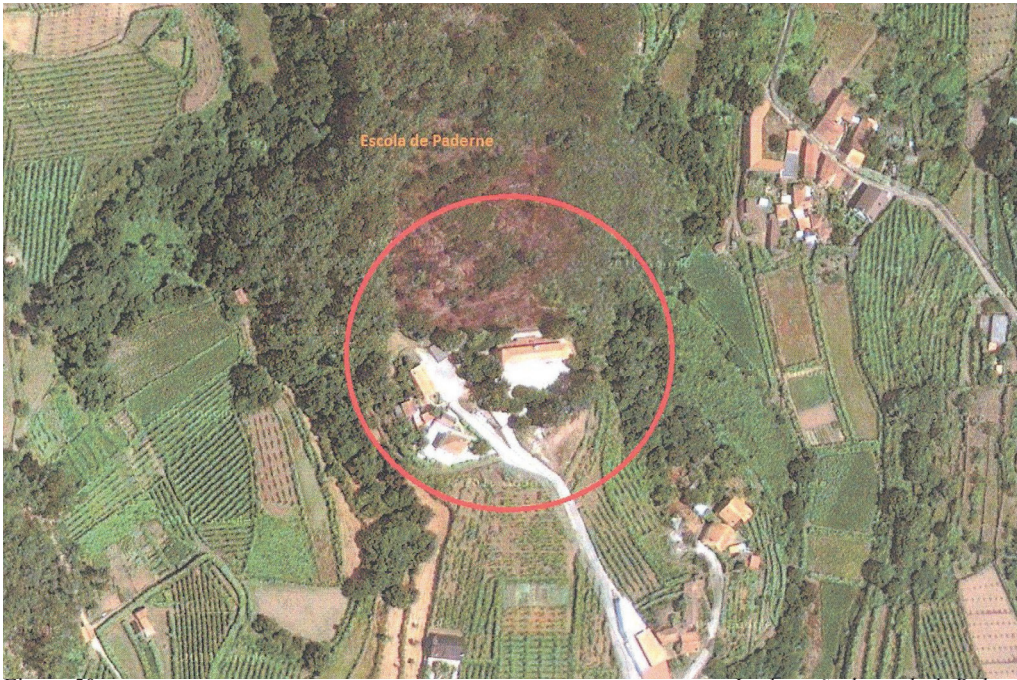


Figura 50

Implantação da escola de Paderne

Sem Escala

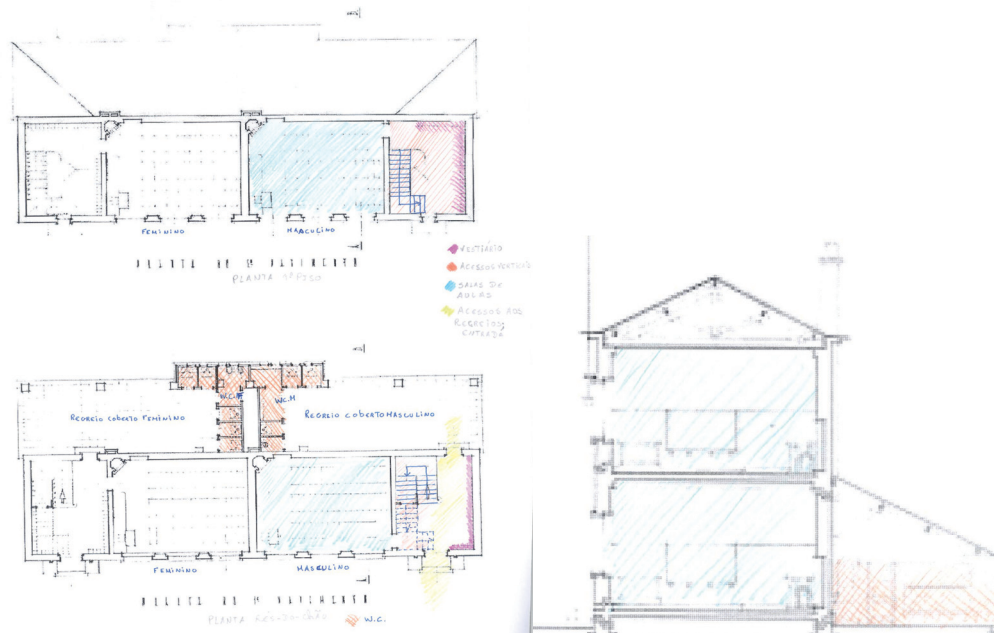


Figura 51

Alçado e plantas do rés do chão e 1º piso, corte pelo centro da escola de Paderne

Sem Escala





Figura 52

Aproximação à escola de Paderne



Figura 53

Escola de Paderne

3.5. Conclusão

Neste capítulo pretendeu-se analisar as escolas do Plano dos Centenários de Melgaço, do tipo urbano. Para tal, analisámos as suas tipologias e o meio onde se inserem, estudámos o seu espaço arquitectónico e o seu método construtivo, examinámos o seu estado de conservação e as semelhanças manifestas entre si. E chegámos à conclusão de que é possível reabilitar e reutilizar estas mesmas escolas para que sirvam de apoio à comunidade do concelho de Melgaço, procurando que as suas características arquitectónicas não sejam destruídas nem dissimuladas.

Verificámos que muitas das características destas escolas primárias do tipo urbano coincidem com as das de lares de idosos, de centros de dia, centros de convívio. Tais características são a sua boa localização, isto é, estas estruturas estão inseridas no meio urbano, são de acesso rápido e fácil à população, têm localização e visibilidade acessíveis, obedecendo sempre a sua construção a uma orientação favorável, e encontrando-se a fachada principal sempre localizada entre nascente e sul, o que faz com que o espaço em si tenha uma boa iluminação e, por conseguinte, seja salubre.

Encontrámos aqui requisitos que nos interessam, uma vez que podem ser adaptados ao espaço escolar e a novos programas de apoio a idosos e à sua comunidade.

Esta análise ajuda-nos a compreender a importância deste tipo de programas concretizados no nosso país, tanto pela sua história como pelas suas características arquitectónicas e também pelas suas funções e responsabilidade comunitária.

Por isso, foi importante estudarmos as suas características para que mais tarde as novas adaptações não mascarassem as escolas do Plano dos Centenários.

4. Residências Assistidas

4.1. Arquitectura geriátrica contemporânea

Neste tópico iremos fazer uma breve introdução sobre a problemática da arquitectura geriátrica actual, para posteriormente podermos estudar várias referências construídas sobre este tipo de arquitectura, como forma de apoio ao caso de estudo que desenvolvemos e que visa a reabilitação e adaptação de uma escola do Plano dos Centenários a uma nova função: apoio a idosos.

Sabemos bem que a esperança média de vida na Europa e inclusive Portugal aumentou, o que em certa medida proporciona algumas vantagens, isto é, aumenta o desenvolvimento económico e social mas, em paralelo, aumenta também o número de idosos, assistindo-se aqui lamentavelmente à falta de tempo dos jovens para se dedicarem aos mais velhos. Esta problemática faz-nos questionar sobre o futuro da terceira idade.

Os lares de idosos, tanto os legais como os ilegais, bem como os hospitais vão-lhes prestando, em certa medida, o apoio necessário, mas achamos que é fundamental recriar-se o mundo de modo a torná-lo mais acessível e adequado à população idosa. E é neste contexto que a arquitectura assume um papel primordial, no que respeita à humanização dos espaços de saúde e a sua importância profiláctica (Mário Silva, 2009: p.7).

Já Manuel da Silva Fernandes (Mário Silva, 2009: p.9) se insurge contra a atitude da arquitectura, referindo que:

“A Arquitectura condiciona comportamentos e interfere na parte psicológica dos seus principais utilizadores, os doentes. Um Hospital, um Centro de Saúde recebe pessoas em estado psicológico e físico diminuído; por isso reclamamos a urgência da presença da Arquitectura nos edifícios de saúde, não os entendendo como objectos arquitectónicos inevitavelmente perdidos pela sua carga funcional e tecnológica, o que me parece hoje inadmissível.”(Mário Silva, 2009: p.9).

M. Brullet defende que como o hospital é um local onde se passa momentos marcantes da vida humana, devia mudar as suas aparências. Deveria deixar o seu tradicional aspecto e funcionar melhor com, privacidade e conforto [do habitar] dando, por esta razão, uma importância muito acentuada ao seu contexto urbano, à sua localização criteriosa, ao seu desenho interior e, naturalmente, ao seu mobiliário.” (Mário Silva, 2009: p.9).

Neste contexto, a arquitectura pretende renovar lares e hospitais, dotando-os de condições mais acolhedoras, para que tanto funcionários como utentes se sintam mais aclimatados e confortáveis neste tipo de instalações e ambientes. No caso concreto de lares ou residências para idosos, verificámos uma tentativa de harmonização entre o respeito pela privacidade dos utentes, o incentivo à actividade social e o convívio entre todos os utilizadores. Isto significa que a arquitectura geriátrica está a tentar definir um novo modelo para que os utentes se sintam confortavelmente bem nesses espaços.

Como já anteriormente referimos, a Europa do séc. XXI será um continente envelhecido, resultando o aumento da expectativa de vida de uma melhor concepção do estilo de vida, de uma melhor e mais equilibrada alimentação e de avanços clínicos fundamentais, entre outros factores.

Para os idosos põe-se aqui um problema: apesar de existirem locais para os alojar, pouco é o valor que se lhes atribui, vendo eles as suas necessidades e direitos pouco atendidos e não encontrando, por vezes, uma oferta de actividades suficiente e adequada ao seu perfil. Nesta conjuntura pouco favorável, o seu isolamento social e a sua perda de importância na vida activa da sociedade acabam por se tornar inevitáveis, ignorando-se muitas vezes o facto de a idade representar um leque de capacidades e recursos.

Tendo em conta que, na generalidade, as nossas cidades não apresentam respostas suficientemente direccionadas às necessidades que o envelhecimento da população e, conseqüentemente, a actividade sénior exigem, é nos centros

de dia, centros de convívio, lar de idosos ou Universidades Seniores que essa lacuna vai sendo minorada, pois aí se concentram estruturas e ofertas de programas adequados a apoiar essa faixa etária, promovendo o seu envelhecimento saudável e activo. Todavia, o número dessas instituições revela-se insuficiente para abranger de forma eficaz a população idosa, especialmente no que toca ao interior do país.

No final da década de 1970 (SILVA, 2009: 13), a política social para os idosos era bastante limitada. Foi então que surgiu a necessidade de se criarem parcerias públicas e comunitárias que contribuíssem para a implementação de medidas que se revelassem eficazes em manter as pessoas idosas física e socialmente activas e autónomas. A desinstitucionalização dos serviços, os cuidados de internamento e tratamento dos idosos, e a diminuição da dependência foram medidas consideradas essenciais para lhes facultar uma melhor qualidade de vida adaptada. Assim, achámos por bem no nosso caso de estudo promover a criação de instalações residenciais (lar de idosos) para esta faixa etária.

O caso de estudo que propomos/desenvolvemos tem como objectivo auxiliar o idoso a manter parte da sua autonomia, promovendo a relação entre as famílias, bem como a sua integração na vida social, proporcionando-lhe acompanhamento nos seus últimos dias de vida.

Nessa medida, tentámos criar condições para que o lar, mais propriamente o espaço físico, respeitasse os critérios exigidos, incluindo o conforto e a privacidade. Além destes, foram também cumpridos os critérios relacionados com a sua localização, coincidentes com os que foram implementados nas escolas do Plano dos Centenários. Tais exigências são:

- Situar-se em aglomerados habitacionais e na proximidade de outros equipamentos (jardins, centros culturais, lojas, correios, bancos, cinemas, lugares de culto, estruturas de saúde), tendo em conta a facilidade em percursos a pé.
- Permitir fácil acesso aos meios de transporte (público ou privado, am-

bulâncias, bombeiros.) e também ao abastecimento e remoção de lixo.

- Ser servido de infra-estruturas básicas (abastecimento de água, electricidade, esgotos e telefone e internet).

- O edificio deve ser implantado em zona com boa salubridade, longe de estruturas ou infra estruturas que provoquem ruído, vibrações, cheiro, fumos ou outros poluentes considerados perigosos para a saúde pública e que perturbem ou interfiram no quotidiano dos utilizadores do lar (DGAS).

É solucionando ou minimizando os problemas da concepção dos espaços para apoio aos idosos que a arquitectura pode contribuir com o seu trabalho, através da criação de bem-estar, fortalecimento de sensações e auxílio na resolução de problemas, tais como a percepção de profundidade e visão prejudicada, tendo-se aqui em atenção a importância do contraste da cor, da luz e iluminação necessárias, brilho e luz indirecta; a contribuição do seu trabalho passa também por uma análise dos espaços em questão nos seguintes aspectos: se a área é suficiente, se os recursos não são confusos e se não faltam objectos com significado cultural.

Em resumo, torna-se, pois, importante o papel do arquitecto no que respeita à concepção destes espaços, pois, dispondo de uma visão ampla da vida do idoso, poderá melhor satisfazer o utente, precavendo, de forma cuidadosa, a sua segurança.

4.2. Casos de Referência

4.2.1. Peter Zumthor - conjunto habitacional para idosos, Suíça

Introdução ao Autor

A arquitectura de Peter Zumthor está em concordância com os princípios de sustentabilidade e integração harmoniosa no meio onde se insere o projecto e manifesta uma grande sensibilidade no que se refere ao tratamento dos materiais, explorando-os na sua essência e realçando-lhes as suas qualidades únicas (GONÇALVES, 2009: 20).

Peter Zumthor é um arquitecto que aposta numa filosofia em que a arquitectura tem que ser vivida, sentida e experimentada, e não meramente apreciada através de fotografias, vivida na sua própria pureza e simplicidade.

A obra de Zumthor não é muito extensa, mas sim muito diversa, e pouco pública porque, como referimos anteriormente, ele é apologista da filosofia de uma arquitectura vivida no local. Começou por trabalhar como carpinteiro, profissão que o entusiasmou a estudar arquitectura em 1963, aos 20 anos de idade, em Basileia, tendo-se mudado posteriormente para Nova Iorque.

Em 1968 trabalhou no departamento de manutenção e preservação de monumentos em Graubunder, na Suíça, sendo todos os especialistas unânimes em afirmar que essa experiência foi marcante na sua carreira, dando-lhe conhecimentos dos materiais de construção e das qualidades rústicas, como o demonstram vários dos seus projectos.

Zumthor leccionou em várias instituições académicas, tais como a Universidade de Zurique, 1978, no Southern California Institute of Architecture, Los Angeles, Estados Unidos, em 1988, a Technische Universität de Munique, Alemanha, em 1989, a Tulane University, Nova Orleães, Estados Unidos, em 1992, e a Academia de Arquitectura de Mendrisio da Università della Svizzera Italiana, em 1996. ¹

¹ Peter Zumthor. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-05-20]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$peter-zumthor](http://www.infopedia.pt/$peter-zumthor)>.

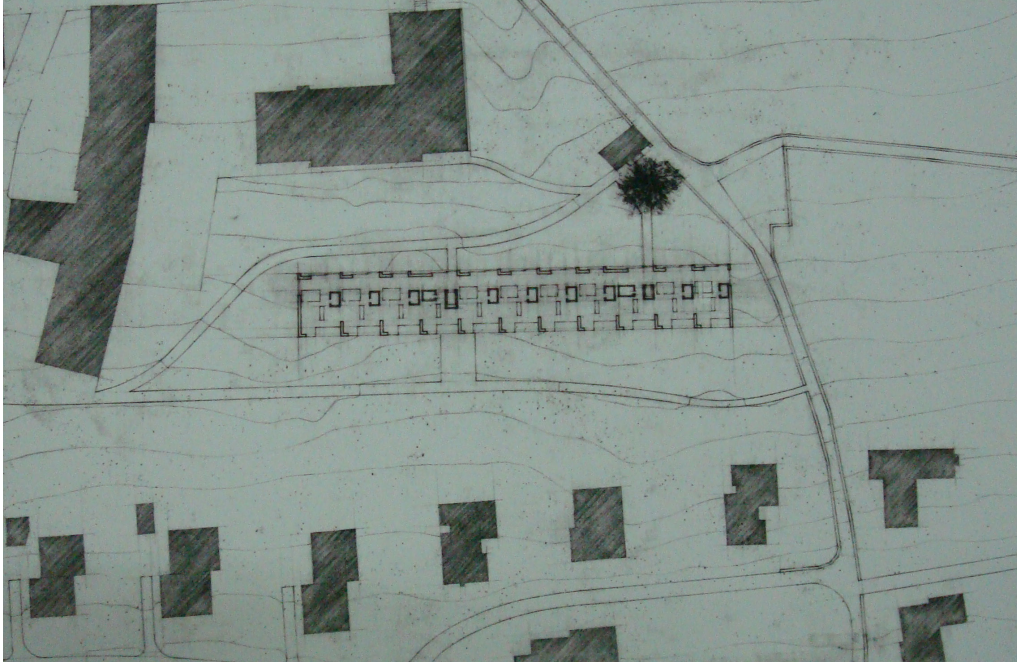


Figura 54

Implantação do conjunto habitacional para idosos - Suíça

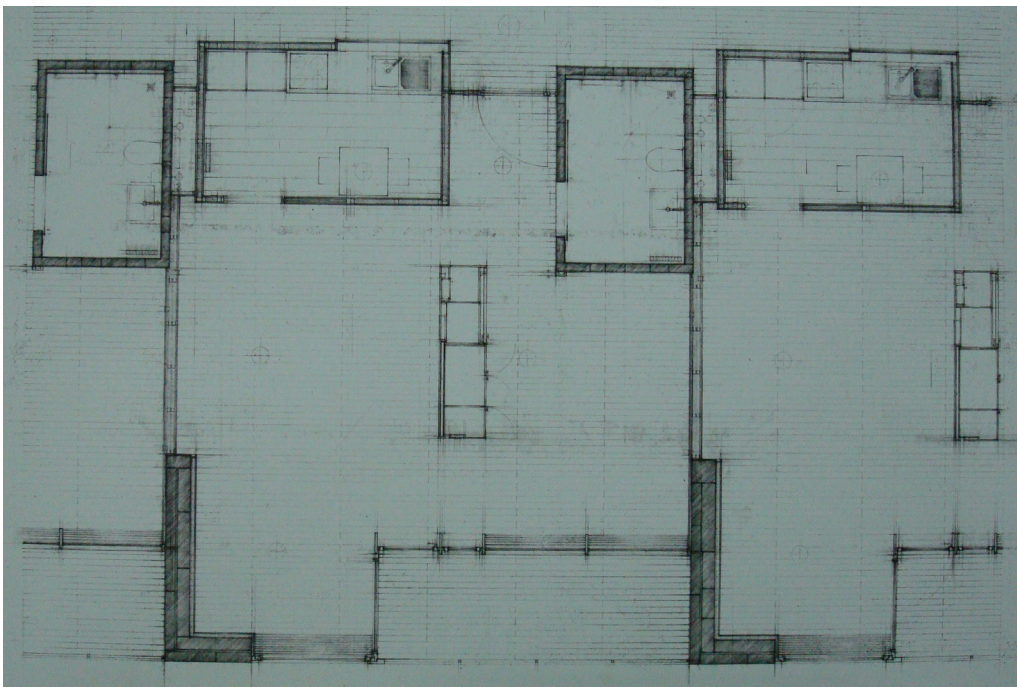


Figura 55

Planta do conjunto habitacional para idosos - Suíça

Em 1979 inicia a sua actividade profissional independente, projectando o seu próprio escritório em 1985. Neste mesmo ano projecta um abrigo de protecção das minas romanas na estação arqueológica de Chur, Suíça, onde faz o seu diálogo entre o passado e o presente.

Entre 1987 e 1989 projectou a capela de S. Benedito, na Suíça, edificada como que uma torre na paisagem natural da montanha onde se implanta; desta obra ressalta sobretudo a verdade que reside na sua natureza e a relação harmoniosa entre a pedra, a água e o Homem, numa profunda sintonia com o lugar.²

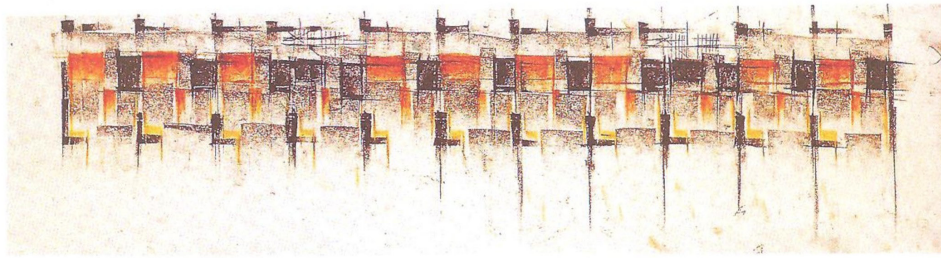
Zumthor ganhou vários prémios ao longo da sua vida profissional, incluindo o Prémio Pritzker 2009. Na sua obra ele não procura definir um modo de fazer arquitectura, muito menos definir estilos arquitectónicos: ele apenas procura respostas para cada caso, tanto nas relações de reciprocidade que estabelece entre o Homem, a obra e o lugar, como do ponto de vista tectónico; essas relações mostram-se rigorosas e eficazes, denotando uma capacidade de cada projecto/obra ter a sua própria vida/alma, isto é, algo que esteja inteiramente íntimo/relacionado com o mundo e com tudo que o rodeia.

Implantação

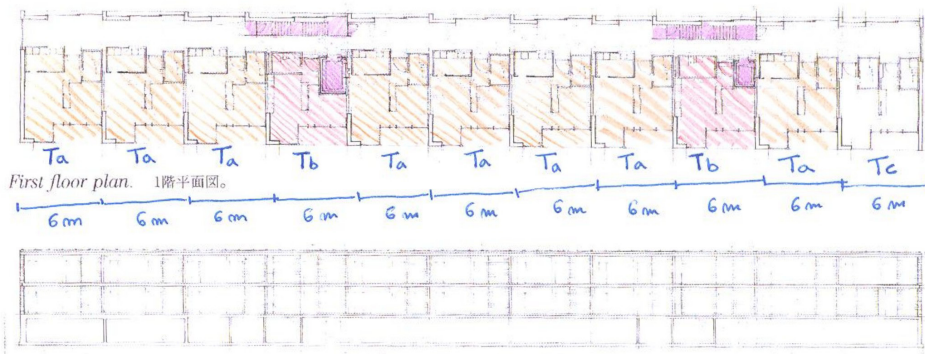
O projecto residencial para idosos insere-se num ambiente rural, no meio de um vale, ostentando na sua fachada principal as varandas cobertas e as janelas da sala voltadas a Oeste, vale acima, na direcção do pôr-do-sol. O edifício residencial é um só volume longitudinal, em que a entrada se faz na fachada virada a Este. Esta secção da grande entrada é decorada pelos residentes, sendo eles próprios a vigiar a partir das suas janelas da cozinha, fazendo amplo uso desta oportunidade.

O edifício possui uma cêrcea composta por dois pisos mais cave, ao longo de todo o edifício. A cave parcialmente enterrada e um pequeno avanço em

² Peter Zumthor. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-05-20]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$peter-zumthor](http://www.infopedia.pt/$peter-zumthor)>.

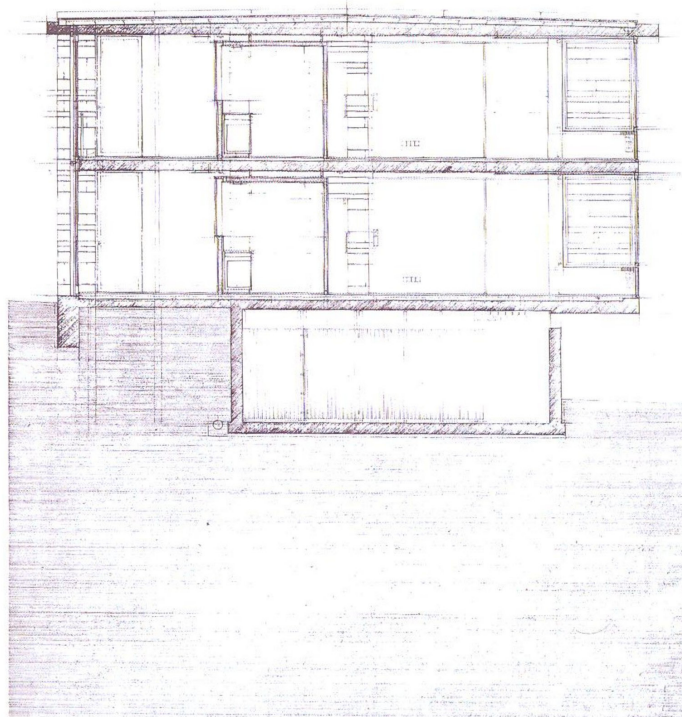


Sketch, plan. 平面スケッチ。



First floor plan. 1階平面図。

Longitudinal section. 長手方向断面図。



Cross section. 短手方向断面図。

Figura 56

Estudo morfotológico do Conjunto Habitacional- Suíça

balanço fazem com que o edifício pareça levitar no ar e assim preserve a queda natural do terreno.

Criado para idosos ainda com capacidade de executar as suas próprias funções familiares, este edifício permite-lhes usufruir dos serviços oferecidos pela casa de repouso que se situa nas traseiras (fachada Este).

Programa

Zumthor projecta aqui um edifício com um programa muito simples. Este edifício contém dois pisos onde estão inseridos 22 apartamentos de tipologia mínima. Na fachada Este existem duas entradas com acesso a uma longa galeria de distribuição e, na parte posterior, acesso aos apartamentos, cujas janelas das cozinhas estão voltadas para esta mesma galeria. Os apartamentos são dotados de quartos, de instalações sanitárias privadas, de cozinhas voltadas para Este, de varandas e de salas voltadas para Oeste. No edifício de repouso, situado nas traseiras do edifício principal, existem todos os serviços de apoio necessários aos idosos.

Materialidade

O respeito de Zumthor pelo local, de que falámos anteriormente, torna-se evidente na materialidade deste mesmo edifício. Os idosos aqui sentem-se em casa, porque que ele fez questão de usar formas geométricas puras e simples, juntamente com materiais de construção tradicionais, como o tufo vulcânico, madeira de larício, pinho e ácer, sobrados maciços e lambris de madeira. Zumthor mostra-nos mais uma vez a sua arquitectura harmoniosa e de simplicidade formal, testemunhando aqui a influência do seu passado profissional na sua obra, o que já anteriormente também referimos.



Figura 57, 58, 59

Conjunto habitacional para idosos - Suíça



Figura 60

Conjunto habitacional para idosos - Suíça

4.2.2. Aires Mateus - Lar para idosos, Alcácer do Sal, Portugal

Introdução ao Autor

Os arquitectos Francisco e Manuel Aires Mateus licenciaram-se na Universidade Técnica de Lisboa em 1987 e em 1986, respectivamente, e foram ambos colaboradores do arquitecto Gonçalo Byrne desde 1983, colaborando um com o outro desde 1988.

“A Arquitectura de Francisco e Manuel Aires Mateus situa-se num campo muito peculiar da prática arquitectónica, na medida em que o é programaticamente (de forma determinada e quase clássica), mas é também com campo de confluência entre práticas projectuais e formais que derivam da arte contemporânea e, de forma heterodoxa, se cruzam com a arquitectura tomada como disciplina, com as suas referências históricas e teóricas.

Os espaços que esta arquitectura define possuem uma característica que cedo se veio a afirmar e que se prende com as áreas de circulação entre os espaços que correspondem a tipologias de uso normalizadas e codificadas: os corredores, quase sistemas de circulação que afectam uma simbiose entre a organicidade do movimento e a racionalidade da planta, contornam os espaços, instituindo zonas, por vezes como que “interiores” às próprias paredes, outras vezes instituindo áreas amplas, cuja nomenclatura não se restringe aos códigos de nomeação de espaços habituais.”¹

A sua arquitectura é uma arquitectura simples e com uso recorrente a luz e à cor branca: eles fazem jogos de luz, de forma a controlar a própria luz e a temperatura através da morfologia inerente ao objecto arquitectónico. Nos seus vários projectos (como, por exemplo, as Residências Assistidas em Alcácer do Sal, a Casa no Litoral Alentejano, a Casa em Leiria e o Centro de Artes de Sines) a luz que afluí mais intensamente no interior do edifício é a que é reflectida nas próprias paredes do objecto arquitectónico.

Esta dupla de arquitectos também utiliza a sua arquitectura para definir

¹Delfim Sardo, Director do Centro de Exposições do Centro Cultural de Belém, fala dos arquitectos Aires Mateus na exposição que esteve no Centro Cultural de Belém até 15 de Janeiro de 2006, [acedido a 19 de Dezembro de 2012] Disponível em http://www.almedina.net/catalog/product_info.php?products_id=5044.

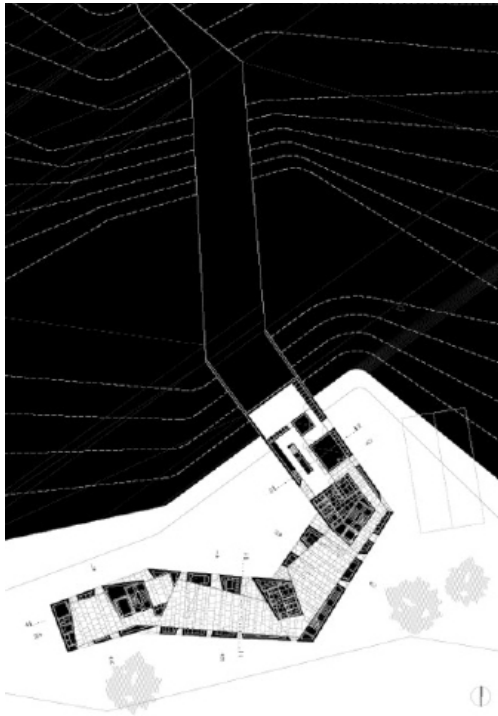


Figura 61 Planta rés-do-chão do lar de idosos - Alcácer do Sal - Portugal

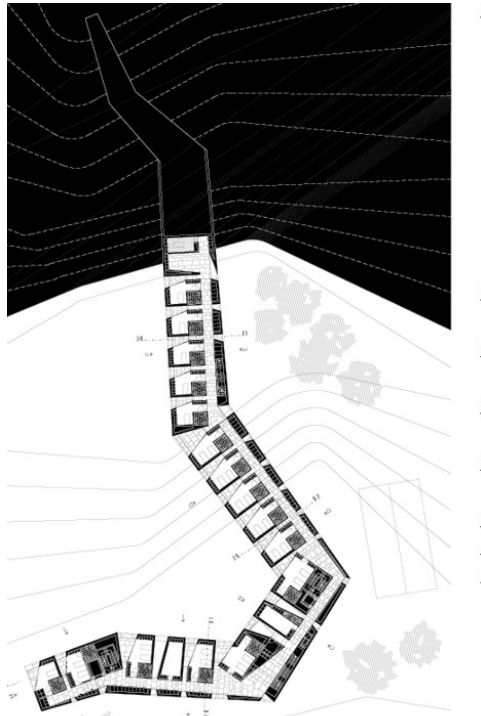


Figura 62 Planta 1º piso do lar de idosos- Alcácer do Sal - Portugal

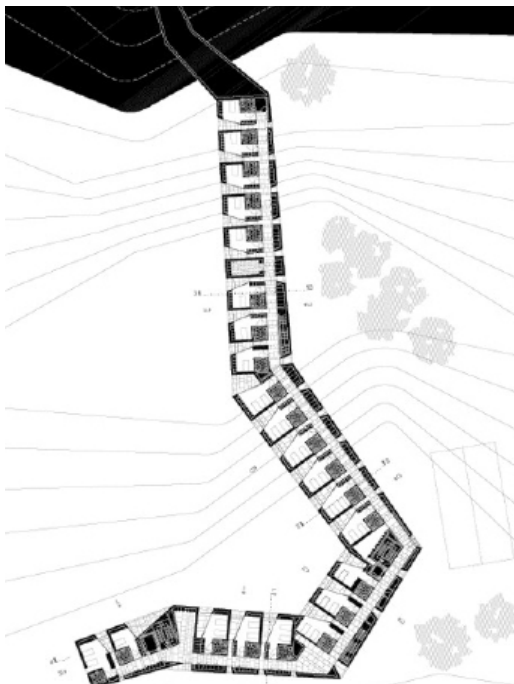


Figura 63 Planta 2º piso do lar de idosos- Alcácer do Sal - Portugal



Figura 64 Planta de Implantação- Alcácer do Sal - Portugal

limites/barreiras.

Podemos verificar essa estratégia nas Residências Assistidas em Alcácer do Sal, projectadas como se de um muro se tratasse, de forma a que se crie um espaço íntimo para os utentes residentes, e isto porque o projecto está inserido num parque verde, ainda em crescimento, onde se junta toda a comunidade. O mesmo acontece com o Museu do Farol de St. Marta, em Cascais, onde é reforçada a ideia de um muro já existente, ao qual foi dado mais valor e ênfase, para que viva mais o projecto em si, fazendo a barreira entre o mar e a terra.

A arquitectura de Aires Mateus é uma arquitectura contemporânea, capaz de transmitir paz e serenidade, é uma arquitectura para ser vivida com espírito de harmonia entre o ser humano e a natureza.

Implantação

O projecto das residências assistidas está inserido num parque verde, ainda em fase de crescimento, mas que já se tornou num local pretendido e de encontro da própria comunidade. A fachada principal está voltada para Oeste, onde se situam os quartos e as zonas de convívio, e na fachada traseira, voltada para Este, situam-se as galerias de distribuição. É um edifício que dispõe de espaços privados, para futuras hortas temáticas, situadas entre o edifício e o limite do terreno. Foi projectado como se fosse um muro onde se procura proteger a vida interior, acompanhando a pendente acentuada do terreno.

O edifício parte assim da cota zero para chegar a três pisos na zona da entrada. O arquitecto explica que a sua concepção está muito ligada à vivência alentejana. “A ideia é que cada pessoa possa ter o seu microcosmo para quando quiser estar sozinha, mas que também possa usufruir de uma área exterior, nomeadamente as tais hortas temáticas, ou estar em contacto com a comunidade nas áreas de convívio internas e no parque” (Maribela Freitas, 2011).



Figura 65, 66, 67

Lar de idosos - Alcácer do Sal - Portugal



Figura 68

Lar de idosos - Alcácer do Sal - Portugal

Programa

O edifício está dividido por três pisos e tem uma organização bastante simples. A sua disposição interior foi pensada de forma a simplificar a vida do utilizador. A ideia para a sua realização partiu de uma leitura atenta das vivências da população anciã, tendo em conta as suas necessidades e limitações. É o tipo de programa que se situa a meio caminho entre o hotel e o hospital, diz o arquitecto. “É um edifício que tem quartos com casas de banhos, onde se procura o máximo conforto e isso não é diferente de um hotel. Depois há utentes que necessitam de cuidados de saúde e tem de se fazer uma adaptação mais hospitalar.” (Maribela Freitas, 2011).

No piso 0 situam-se algumas valências, como a recepção e zona de apoio a visitantes, sala de jantar, sala de convívio e áreas técnicas. O mobiliário é simples e confortável e a luz natural é conjugada com a iluminação de candeeiros modernistas.

No primeiro e segundo pisos encontramos o campo da intimidade. Os quartos são duplos ou individuais e estão decorados de forma simples e acolhedora. Possuem casa de banho e varanda privativa. Mais uma vez a luz que chega ao interior dos quartos é a luz reflectida nas paredes dos terraços, que resguardam os utentes das vistas externas e os protegem da insolação directa.

Os corredores têm geometrias variadas para animar os percursos internos, atendendo a que a mobilidade dos utentes se processa de forma lenta, sendo pontuados por espaços de apoio e janelas, com vista para a natureza que circunda o complexo. Pretende-se que os caminhos a percorrer proporcionem vivências diversificadas, conta-nos o arquitecto.

Materialidade

Aires Mateus mostra-nos aqui o respeito pela natureza e pelo lugar, usando o edifício como um muro que entra e se mistura com o terreno em seu redor,



Figura 69

Lar de idosos- Alcácer do Sal - Portugal



Figura 70

Lar de idosos- Alcácer do Sal - Portugal

usando também a cor branca tradicional das habitações tipicamente alentejanas. A cor branca impera dentro e fora do edifício, é uma cor completamente neutral, mas a sinalética personalizada, feita através de galinhas de cor diferente para cada utente nas entradas dos quartos, bem como as colchas coloridas tornam os ambientes interiores variados.

É um edifício construído em betão branco e planos de envidraçados, dando a ideia de um tabuleiro de xadrez. O interior é feito com materiais claros, sendo a madeira dos armários pintada de branco para reflectir sempre a luz. O chão é revestido de mármore branco, e as paredes do interior, sejam elas de betão, tijolo ou gesso cartonado, são também sempre pintadas de branco, daí resultando que o espaço interior absorva o máximo de luz natural para a iluminação do edifício. Temos aqui o exemplo de uma arquitectura de geometria simples e moderna, capaz de transmitir harmonia ao local e aos idosos que aí residem.

4.2.3. Toyo Ito - Lar para idosos, Yotsushiro

Introdução ao Autor

Toyo Ito é um arquitecto Japonês que se formou pela Universidade de Tóquio, no Departamento de Arquitectura em 1965. É conhecido por criar arquitectura conceitual, através da qual ele procura expressar nos seus edifícios simultaneamente os mundos físico e virtual. É um expoente da arquitectura que aborda questões da cidade contemporânea simulada.¹

Esteve a trabalhar um breve período para o arquitecto Kiyonori Kikutake e Associados, e em 1971 cria o seu próprio escritório URBOT, que em 1979 passa a chamar-se Toyo Ito e Arquitectos Associados; em 2000 é condecorado com o título de Académico pela Academia Internacional de Arquitectura (IAA), alargando os seus conhecimentos em várias universidades onde recebe vários prémios, destacando-se o prémio pritzker ganho em 2013.

Toyo Ito tem uma vasta obra realizada, da qual destaco o Museu Municipal em Yatsushiro, a “serpentine gallery” em Londres, o Centro de Artes Performativas de Matsumoto, o World Games Stadium em Taiwan e a Residência para Idosos em Yatsushiro.

Implantação

O arquitecto usa neste seu projecto a geometria pura. Tudo tem uma forma geométrica, sua característica muito própria. A Residência para Idosos tem capacidade para 50 utentes e está situada na periferia da cidade de Yatsushiro, num pedaço de terra que foi recuperado ao mar, precisamente entre este e uma antiga estação de águas termais. A fachada principal está voltada para a rua, a Sudeste, onde se situam as áreas privadas que são os quartos. É na fachada traseira que se situam os espaços e áreas comuns, tais como a sala de jantar; a sala de estar e a piscina estão voltadas para Noroeste, com vista para o mar, mantendo

¹ Bibliografia de Toyo Ito, [accedida em Janeiro de 2013], Disponível em <http://www.pritzkerprize.com/2013/biography>

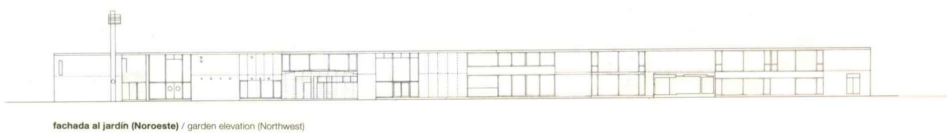
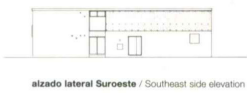
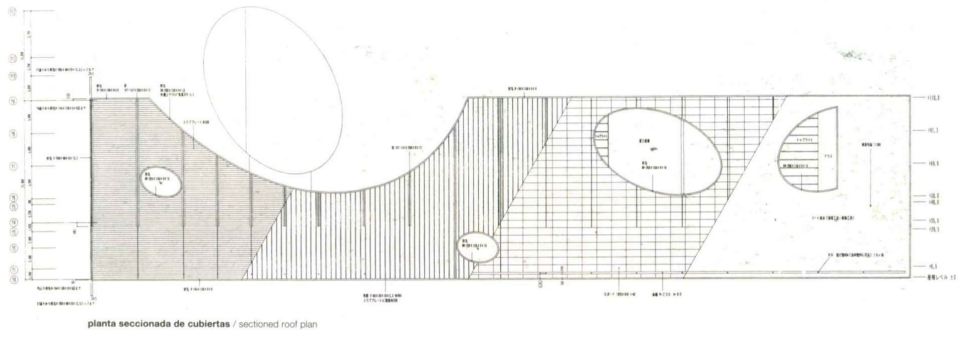


Figura 71

Lar para idosos - Yotsushiro

o mesmo acesso por ambos os lados ao edifício.

Programa

O edifício tem uma cêrcea de dois pisos, existindo no piso de baixo um corredor, ao longo de todo o edifício, que separa as zonas públicas (salas de jantar, salas de estar, piscina e jardim) das privadas (quartos individuais e duplos). No piso superior existem apenas zonas privadas.

Os espaços comuns estão fraccionados por várias aberturas, como janelas, que garantem a sua independência e penetração de luz suficiente para o interior. O passeio, ao longo do corredor central, permite que os moradores possam sequencialmente experimentar as diferentes perspectivas e diferentes aspectos das suas vidas diárias através dessas fragmentações de aberturas.

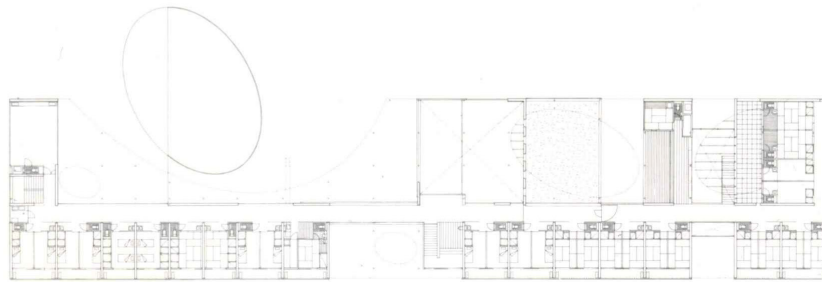
Materialidade

Toyo Ito dá uso a materiais tradicionais para revestir os pisos (como o tapete de madeira e de bambu), conseguindo evocar nos utentes uma certa nostalgia dos tempos antigos, actuando esses materiais ao mesmo tempo como contrapeso no projecto de construção moderna.

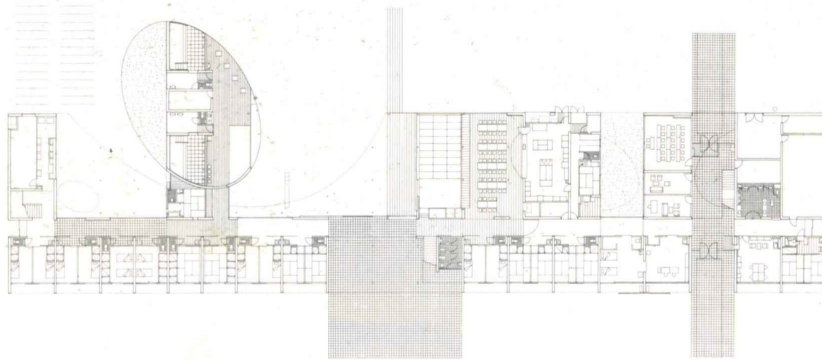
Todos estes espaços fragmentados são cobertos por um telhado largo e plano, construído por chapas de aço, e as paredes e as lajes são feitas de betão, apoiadas por colunas finas de aço.

A luz solar penetra directamente nos espaços comuns através de cortes ovais de vários tamanhos feitos na cobertura. A piscina está ligeiramente separada do edifício principal, fechada por um sarrafo de tela de policarbonato em seu redor.

É uma arquitectura moderna mas que não esquece o passado do país, podendo os idosos relembrar a sua infância através do uso de determinados materiais no local.



planta superior / upper level plan



planta baja / ground floor plan



fachada a la calle (Sureste) / street elevation (Southeast)

Figura 72

Lar para idosos - Yotsushiro



Figura 73

Lar para idosos - Yotsushiro



Figura 74

Lar para idosos - Yotsushiro

4.3. Conclusão

Aqui pretendemos estudar a implementação de programas de lares da terceira idade, através de obra construída. Para tal, analisámos três obras de três arquitectos diferentes, cujos programas são, contudo, iguais ou semelhantes, tendo verificado que os locais escolhidos por eles são locais onde o meio natural está incluído e, ao mesmo tempo, a residência para idosos não se isola, o que permite a sua ligação à comunidade. Outra das características da escola destes três exemplos é a opção dos arquitectos pela utilização de materiais e características dos locais na sua obra (p. ex.: materiais, luz, cores, água). Assim, os utentes desses espaços podem usufruir do ambiente habitual.

A luz solar assume um papel importante nestes edifícios, fazendo com que tenham uma boa iluminação solar. Verificámos que todos os espaços têm que ter “vida”, ou seja, não podem ser espaços “mortos”: então, através da cor, da geometria, dos materiais, da luz e contraluz, eles devem tornar-se capazes de gerar movimento nestes espaços, e ser criados para abranger cada canto do edifício de terceira idade, garantindo assim experiências e vivências novas.

Estes espaços destinam-se a ser utilizados por pessoas debilitadas ou semi-debilitadas e não devem ser iguais, mas sim apresentar diferenciações, cada um com a sua história, o que permite a cada utente experimentar novas experiências e vivências.

5. Caso de Estudo

5.1. Proposta de recuperação, reutilização e valorização da escola de Paderne

5.1.1. Desenvolvimento do projecto

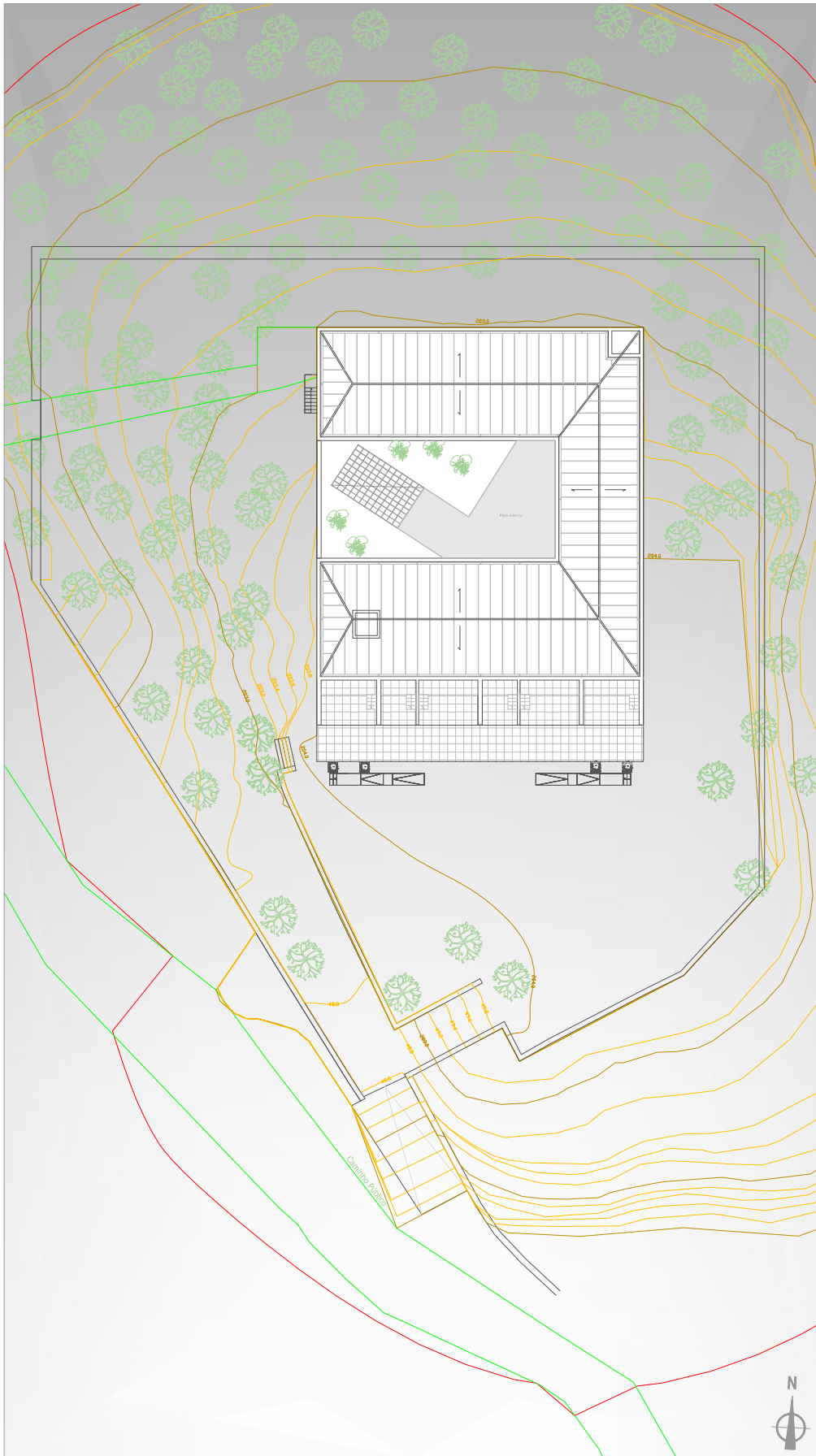
As escolas do plano dos centenários

Escolhi este tema porque considero que este tipo de arquitectura marcou uma determinada época da história do nosso país, bastante importante e significativa para o seu desenvolvimento, particularmente do próprio ensino, e foram as novas ideias e métodos de ensino que se praticam nos dias de hoje que ditaram o desuso deste género/tipo de edifícios.

Este património está, pois, ao abandono, o mesmo acontecendo com a população: por imperativos económicos, os jovens tendem a emigrar e o que resta é a população sénior e os velhos edifícios. Foi aqui que eu vi uma oportunidade de recuperar, reabilitar, valorizar e reutilizar este tipo de edifícios, que poderão ser usados para criar novas funcionalidades de apoio à classe sénior do concelho de Melgaço.

A opção pelo tema restauro/reabilitação/valorização das escolas do Plano dos Centenários e a sua adaptação a lares e apoio a idosos nasce porque elas foram idealizadas e projectadas para melhor ensinamento e melhor educação às crianças de então, afinal os idosos de hoje, esquecidos, abandonados e sem apoio, quer da sociedade quer do Estado. Salvaguardando o património cultural e arquitectónico, através da preservação destes edifícios, conseguimos manter vivo o testemunho e a história de um outro tempo, e simultaneamente, melhorar a qualidade de vida da população sénior deste concelho e freguesia.

Paderne, a freguesia que seleccionei como local de intervenção, localiza-se em Melgaço, sobre o vale do rio Minho. É uma zona praticamente rodeada de cultivo, mais propriamente a vinicultura, apresentando algumas excepções de floresta, composta por três espécies de arvoredo (pinheiro, carvalho e eucalipto), sendo a última delas a mais recente, uma espécie invasora trazida de outro con-



Planta de implantação da escola de Paderne esc:1:500

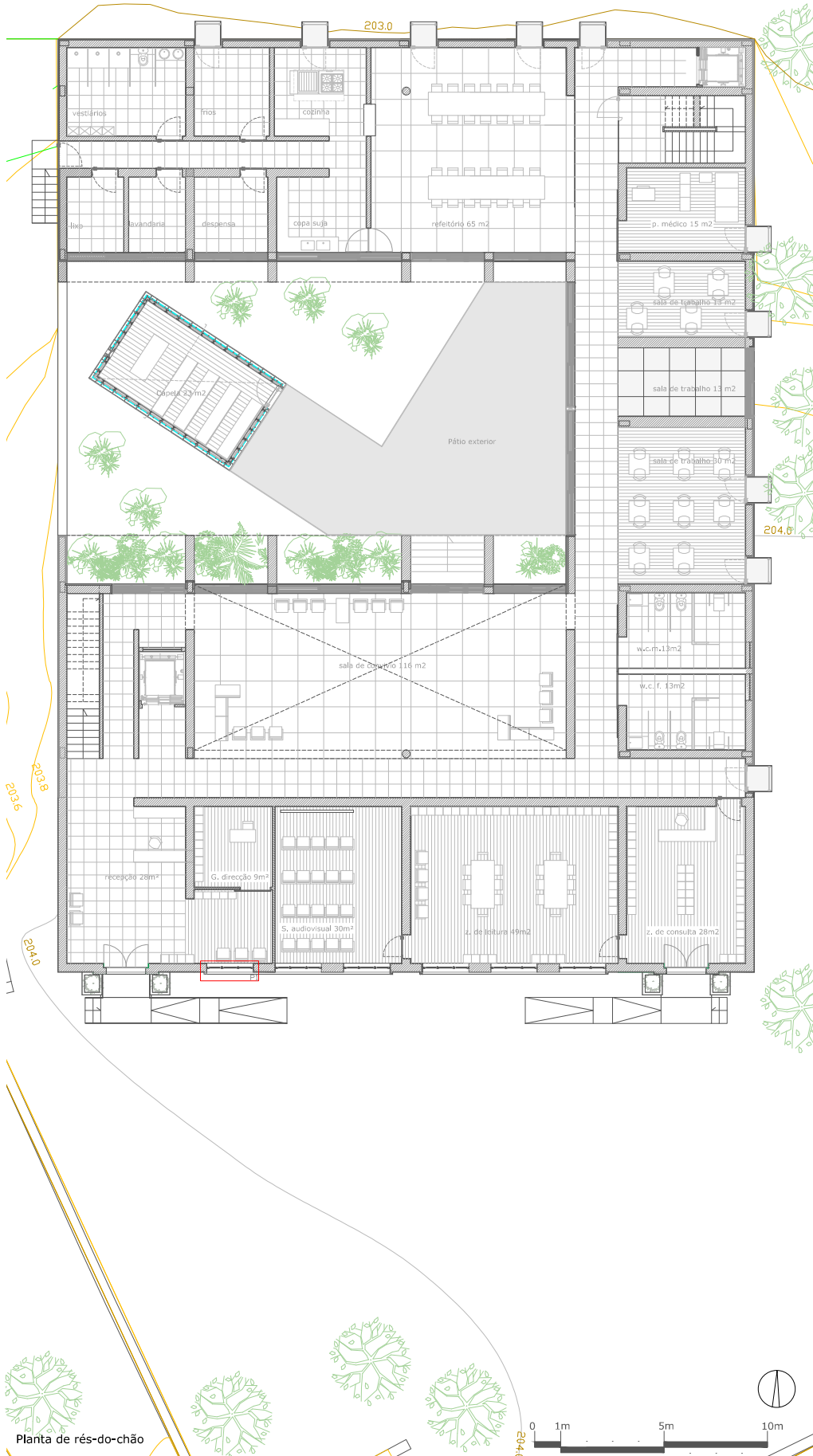
tinente para o nosso país.

Esta localidade tem uma paisagem humanizada, devido em grande parte ao cultivo do vinho. A sua actividade económica baseia-se na agricultura e pecuária, na vinicultura, na hotelaria e na exploração de águas mineromedicinais. Tendo analisado o património arquitectónico e cultural desta freguesia, pretendo, com a minha investigação, contribuir para ampliar o seu legado, acrescentando-lhe uma melhor qualidade de vida, designadamente à classe sénior.

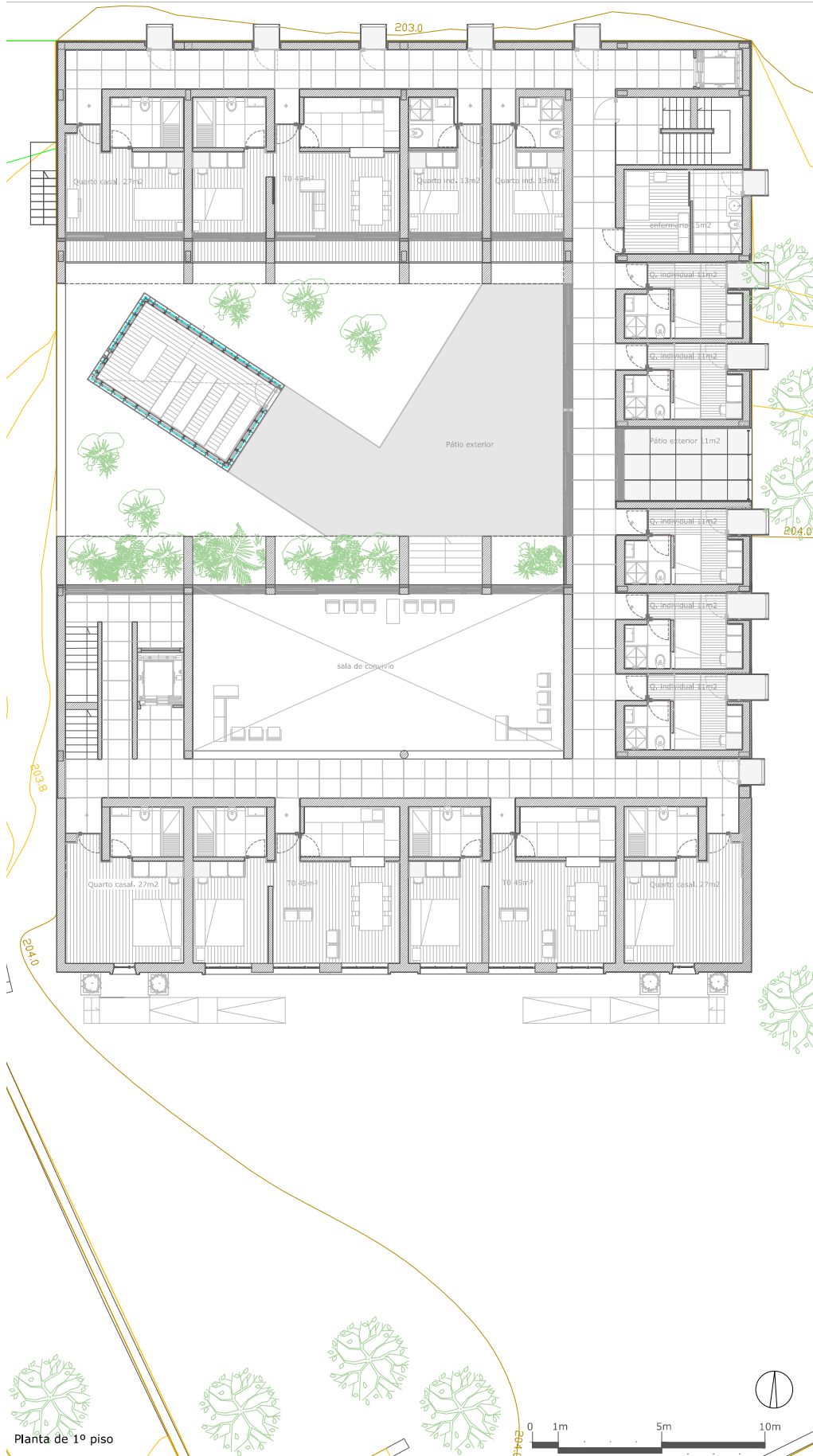
Com base nas análises de terreno que fiz, dectetei algumas carências, sobretudo a nível socioeconómico. Torna-se necessário criar e valorizar o projecto arquitectónico, de forma a proporcionar-se bem-estar, reinventando também novas ideias e novos meios de operar que gerem conforto e tranquilidade, o que passa pela valorização de edifícios existentes e sua reabilitação com vista à criação de vários projectos de apoio à população; por outras palavras e como já anteriormente referi, isso resume-se a dar vida a edifícios que tiveram uma função numa determinada época, atribuindo-lhes agora uma nova utilidade que visa uma população caída em abandono.

Impõe-se criar um ambiente acolhedor e humanizado, que a arquitectura permita potenciar, e desta forma fazer com que os utentes e funcionários se sintam confortáveis, como se estivessem nas suas próprias casas. Pela análise dos trabalhos que estudaremos, poderemos verificar a maneira como cada um dos arquitectos em questão demonstra uma aproximação diferente aos seus projectos, relativamente à forma de estabelecerem o equilíbrio entre o respeito pela privacidade/intimidade dos utentes, o incentivo à actividade social e o encontro entre todos os utilizadores.

A intenção desta investigação é, primeiramente, a reabilitação/restauro do património arquitectónico e, de seguida, a adaptação destas escolas a lares de idosos, proporcionando boas condições de habitabilidade aos residentes e transformando a alma deste lugar em vida calma, saudável e permanente, com passa-



Planta de rés-do-chão





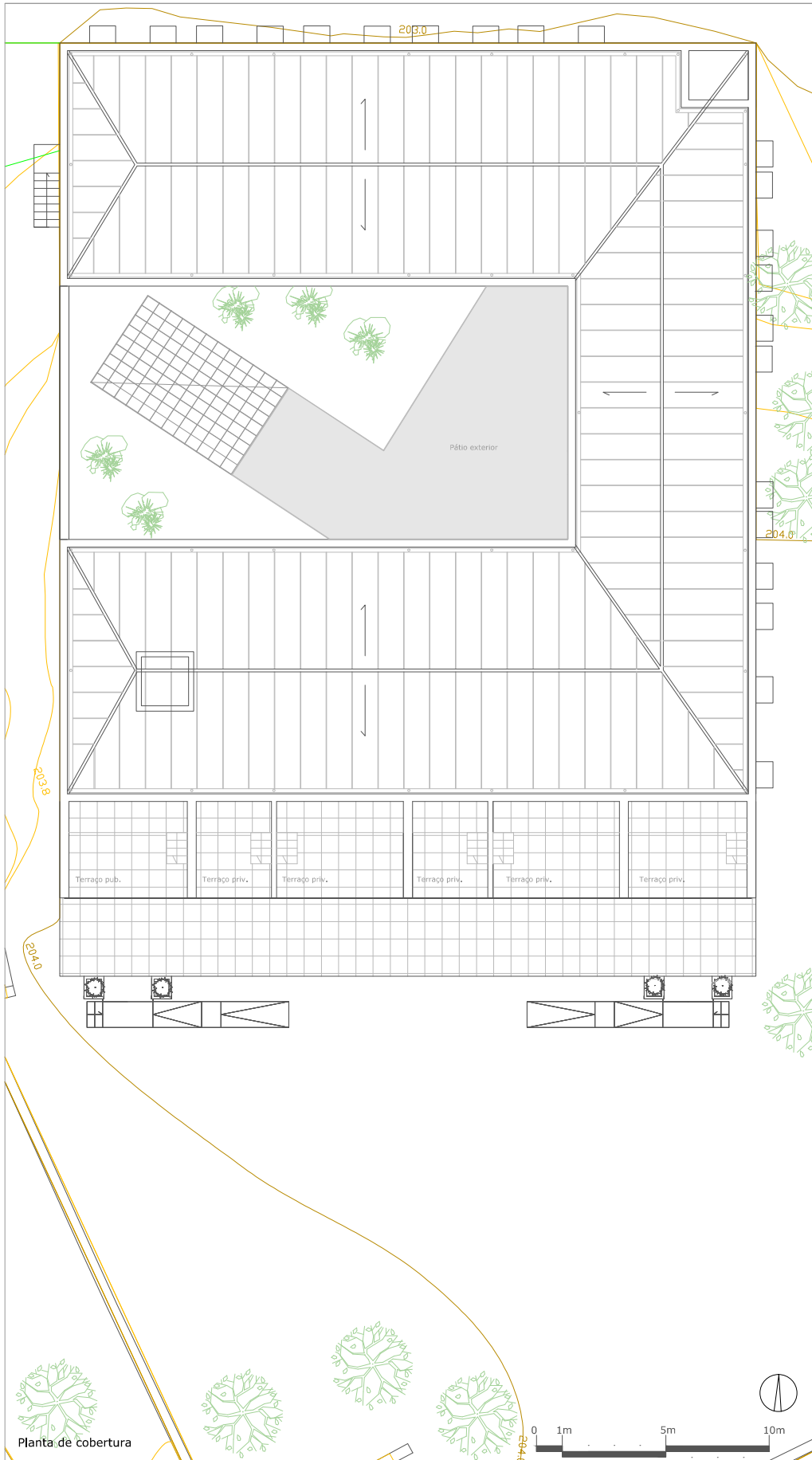
gem de valores e testemunhos de vivências fundamentados na aprendizagem do meio rural.

Achamos também necessário intervir na melhoria dos acessos, na revitalização da zona, expandindo-a de forma socioeconómica, criando programas ao longo da freguesia de Paderne para atrair turismo; criar um espaço para os utentes cultivarem; criar uma pequena biblioteca; criar uma sala audiovisual; projectar uma sala de actividades manuais (para ocupação dos tempos livres) e um espaço verde (jardim) para que os utentes possam contemplar, ler e passear, sentindo a Natureza; sentimos ainda a necessidade de criar um pequeno espaço de culto religioso (capela) dentro do jardim interior, visto que não podemos ignorar o facto de existir, ao longo da história, uma ligação forte da população da região à religião.

Temos também como objectivo traçar um projecto para uma classe etária que seja ainda capaz de exercer funções naturais, como se estivesse na sua antiga casa, isto é, criar tipologias T0 para os utentes mais autónomos e quartos duplos ou individuais para os acamados ou com mobilidade reduzida, sendo todos eles beneficiários de serviços permanentes assegurados por um centro de assistência que se encontrará implantado no edifício.

Como referência temos as obras de Peter Zumthor (Conjunto Habitacional para Idosos, Suíça), de Aires Mateus (Lar de Idosos em Alcácer do Sal, Portugal) e de Toyo Ito (Elderly People's home, Yotsushiro), tendo estudado a forma de desenvolvimento dos seus projectos, tanto a nível estético como material e tipológico. Daqui retirámos que Zumthor trabalha o edifício não de uma maneira exclusiva que crie ou defina um estilo arquitectónico; com a intervenção que propõe, ele apenas procura respostas para cada caso, tanto nas relações de reciprocidade que estabelece entre o homem, a obra e o lugar, como sob o ponto de vista tectónico, e essas suas respostas revelam-se rigorosas e eficazes.

Cada lugar tem a sua história e ele faz com que essas histórias fiquem



vivas com a nova arquitectura que propõe para o lugar, não alterando, portanto, nem o espírito/mensagem que esse mesmo lugar tem e que lhe é transmitido desde o primeiro esboço que traça.

Percebemos também que Zumthor é capaz de nos ilustrar uma linguagem dos materiais, das superfícies, da luz, das texturas e das estruturas, aspectos que se tornam bastante mais interessantes e relevantes do que a sua própria forma. Neste seu conjunto habitacional percebemos que ele valoriza o espaço comum e dá aos utentes a oportunidade de viverem o edifício com os materiais e texturas da sua região, proporcionando-lhes a oportunidade e a liberdade de poderem decorar à sua maneira o espaço público, para que o espaço de circulação consiga ter a sua própria vida e dinâmica.

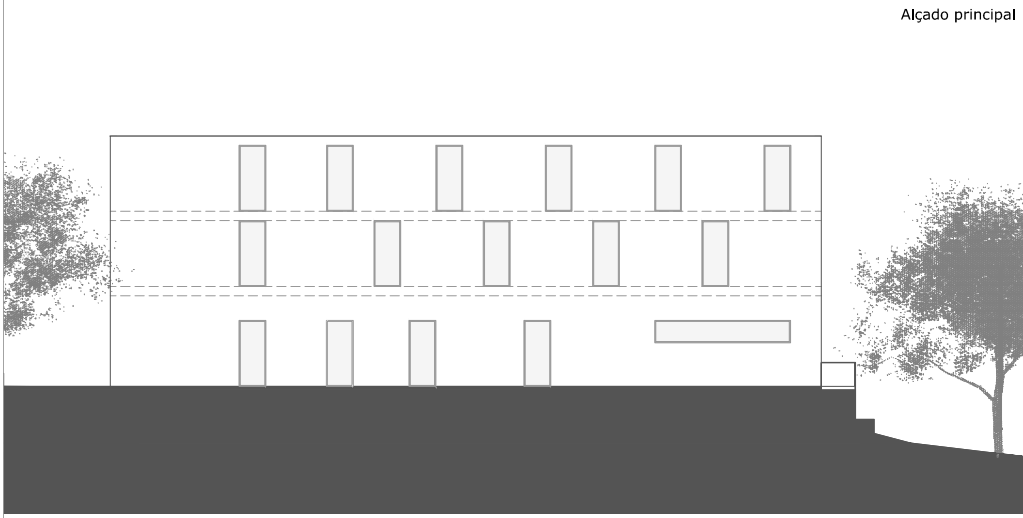
Da obra de Francisco Aires Mateus podemos retirar que o edifício, apesar de moderno, contém as características do espaço onde se insere: a luz alentejana que inunda o edifício e a cor branca da sua pele. É um edifício pensado de forma a criar espaço de intimidade do utente, um edifício “limite”, capaz de lhe trazer segurança, conforto, intimidade, sossego, tranquilidade e paz, proporcionando-lhe também, consequentemente, melhoria da qualidade de vida com vista a um maior prolongamento da mesma.

Aires Mateus trabalha o edifício como se ele fosse um hotel, capaz de trazer e manter a felicidade e o conforto do utente que nele habita. Verificámos aqui que os espaços são trabalhados de forma a torná-los dinâmicos, para que o utente possa usufruir deles, tornando assim a sua vida mais activa e também bastante dinâmica através da geometria usada, quer no edifício em si, quer no seu próprio espaço de circulação; essa geometria está relacionada com os recantos do edifício e da própria luz que o invade.

Procurei, no meu projecto, uma métrica muito reticulada e com base no desenho geométrico da escola. Usei materiais característicos do local, para que o utente se sinta confortável, ao mesmo tempo que reconhece esses materiais.



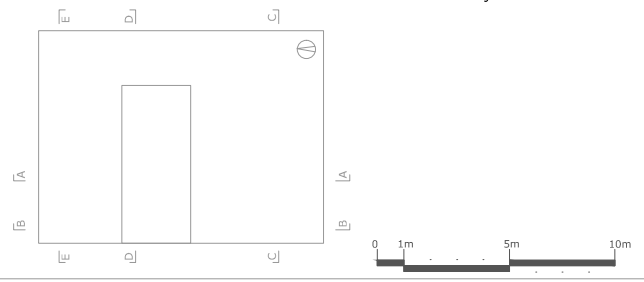
Alçado principal



Alçado traseiro



Alçado lateral nascente

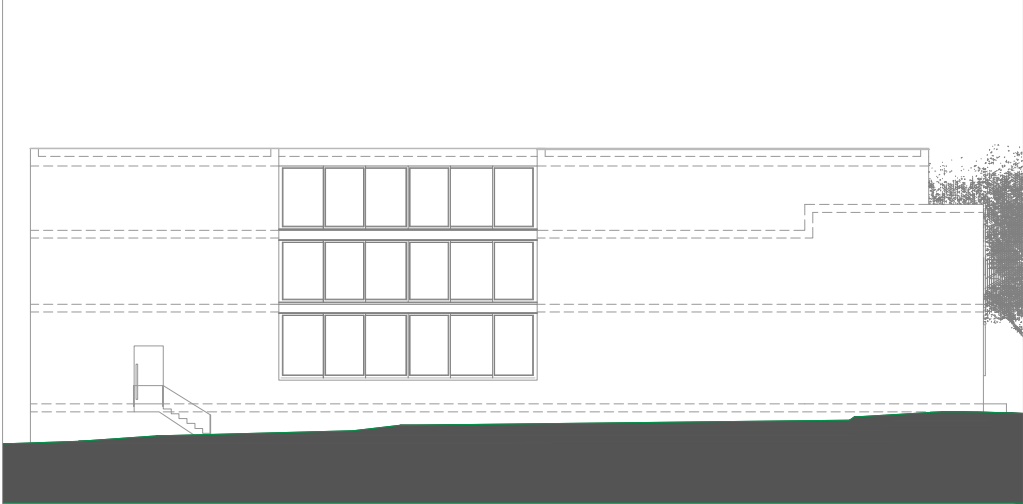


Dei também privilégio ao uso das cores em cada dormitório para que o edifício não se torne monótono e, paralelamente, o utente seja capaz de identificar com facilidade o seu módulo pessoal.

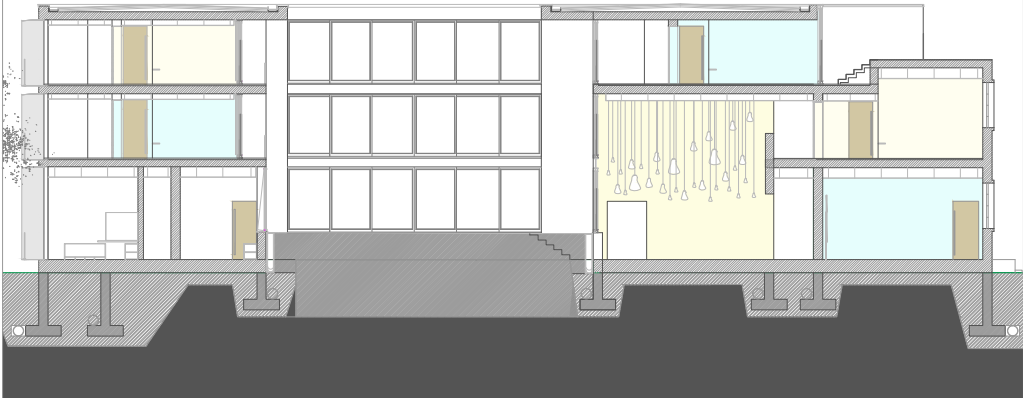
Uma das dificuldades deste projecto prende-se com o tratamento e a construção da cobertura e o aspecto exterior, estética e construtivamente, que deverá ser atractivo para os utentes. Penso também que o edifício tem que ‘viver’ para si e criar os seus próprios espaços, jardins e pátios privados para que exista privacidade, harmonia, segurança e conforto para o utente.

O lar está inserido no cimo de uma montanha, rodeado por uma massa arbórea de ambos os lados e do cultivo do vinho no alçado virado a sul (alçado principal). Este espaço já tinha como função um centro de dia para a população que vive em seu redor, mas as condições não eram as mais perfeitas. O que nos fez aproveitar este lugar, para podermos dar início a este conjunto habitacional para a população sénior da Paderne, foram as suas características e potencialidades e também o facto de ele já funcionar como o ponto de encontro dessa comunidade. Projectámos o edifício de forma a que, como já dissemos, ele ‘viva’ para si, garantindo assim a segurança, intimidade e protecção do seu interior. A ideia é que cada pessoa possa ter o seu próprio espaço quando quiser estar sozinha mas, ao mesmo tempo, tenha a oportunidade de usufruir dos espaços polivalentes do lar e dos seus jardins e pátios conjuntamente com os outros utentes.

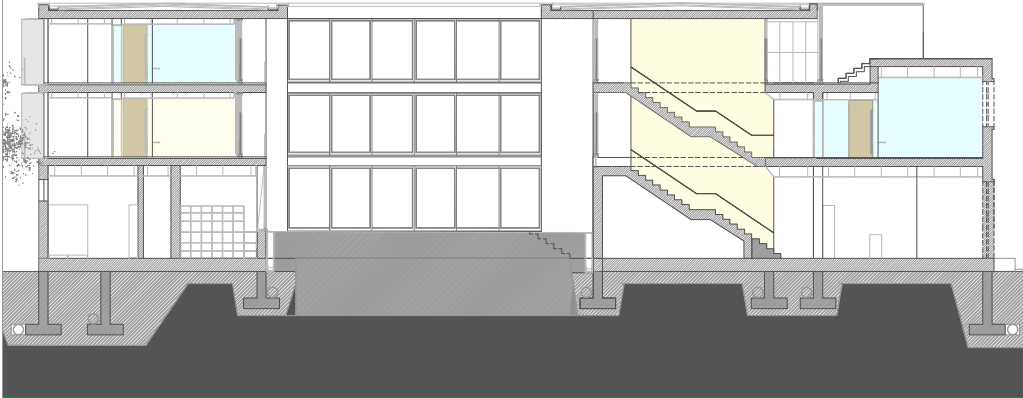
A organização interior do edifício foi pensada para simplificar a vida do utilizador. No piso do rés-do-chão situam-se várias valências, como a recepção, o gabinete de direcção, a sala de convívio, a sala de refeições e espaços técnicos, o posto médico, a sala de trabalho, instalações sanitárias públicas e a biblioteca; esta última está dividida em três compartimentos, nomeadamente uma zona de pesquisa, uma zona de leitura e uma zona audiovisual; desta forma, aproveita-se o edifício escolar para os idosos e esta valência fica também aberta ao resto da população. Os espaços e o mobiliário são confortáveis, adaptados e feitos com



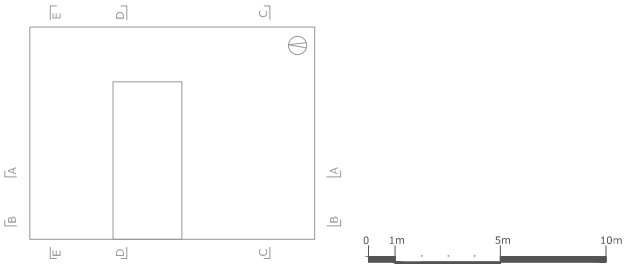
Alçado lateral poente



Corte A



Corte B



material da região (madeira, granito, mármore).

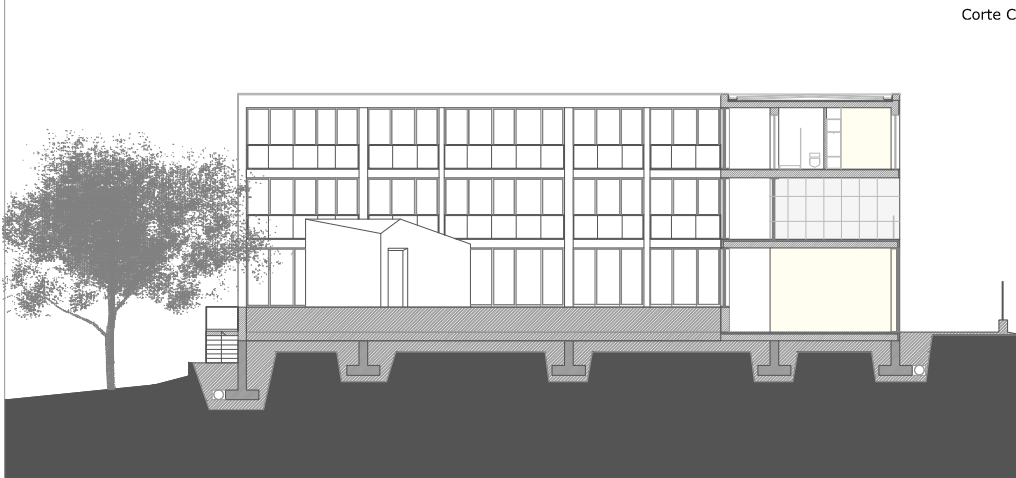
Este primeiro piso dá igualmente acesso ao jardim interior, ao pátio exterior e à capela, pensada para que o utente possa usufruir da sua religião no lar. Revestida em granito, é um espaço que não cumpre só a função de culto, pois surge como uma verdadeira peça de escultura no jardim e no pátio. Dou também primazia à luz natural, vivendo assim o edifício de espaços bastante luminosos, sempre em contacto com a natureza envolvente.

Subindo ao 1º e 2º piso chega-se ao recanto da intimidade pessoal de cada um. Este edifício é dotado de quartos individuais, duplos e de casais, mas tem também capacidade para apartamentos com uma área mínima de 49 m²; em cada um deles existe uma cozinha, uma sala, um quarto e instalações sanitárias, o que permite ao utente que aqui resida fazer a sua própria vida, podendo, contudo, para não estar sempre isolado, partilhar espaços comuns com o resto da comunidade (refeitório, salas de convívios e trabalhos, biblioteca, jardins,...).

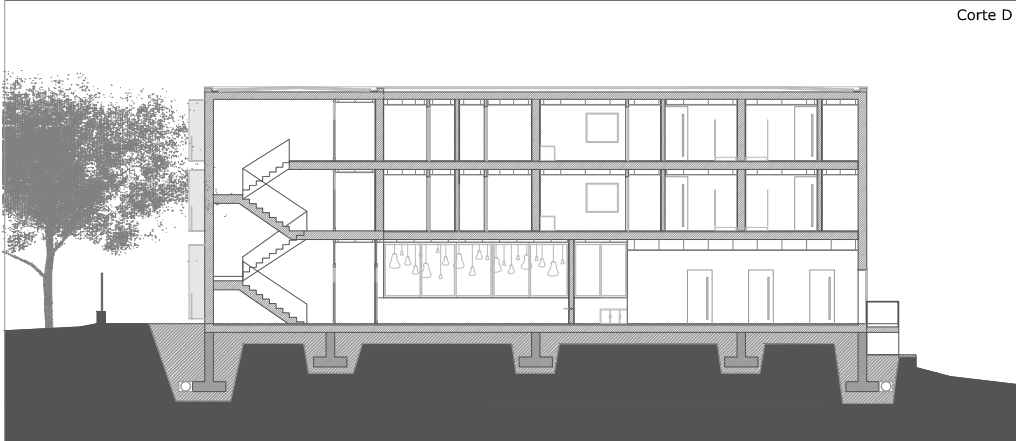
Tanto nos quartos individuais como nos duplos, e mesmo nos apartamentos, existe sempre uma varanda, uma varanda só dele que lhe permite partilhar com a natureza envolvente. Os espaços de circulação são todos dotados de painéis de vidro para que o idoso possa usufruir da vista sobre o pátio e, no 1º piso, o espaço de circulação tem a característica de dar acesso à sala de convívio, sobre-elevado sobre ela. Existe em cada piso uma enfermaria, apta a prestar o apoio necessário a cada utente.



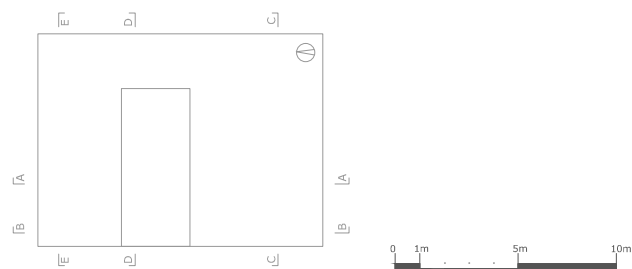
Corte C



Corte D



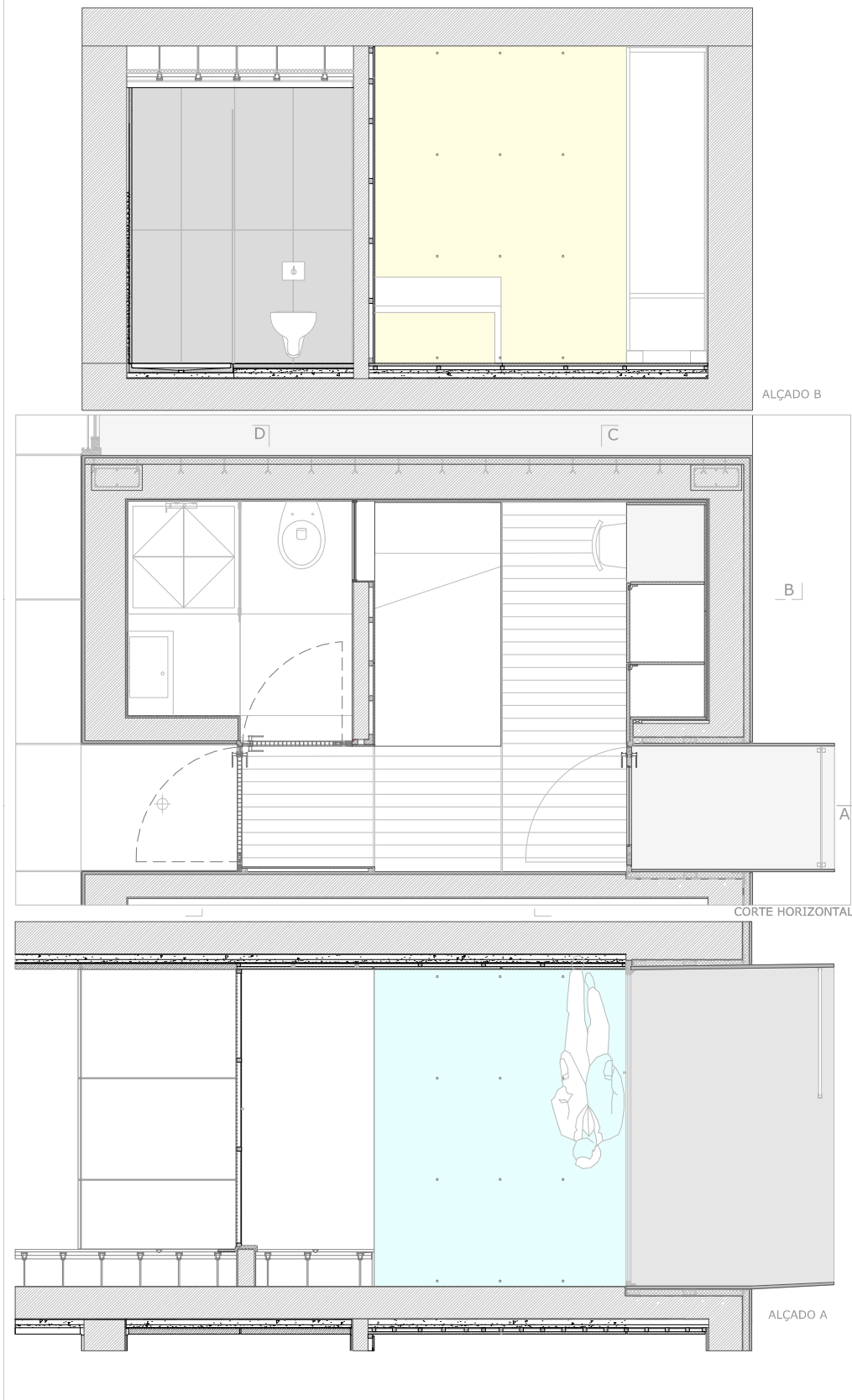
Corte E



Falemos agora no espaço privado, o módulo. A entrada do módulo tem a característica de parecer um buraco numa rocha, “uma entrada secreta”; este buraco faz com que exista uma antecâmara com o espaço de circulação, formando assim um espaço de rebordo para o utente antes de ele entrar no seu compartimento privado. Este espaço é dotado de um wc individual, revestido de mármore, e com a particularidade de permitir que através do quarto possa entrar luz natural.

Existe um envidraçado que, para além da sua função (deixar passar luz), ajuda também a quebrar/separar/transitar o revestimento empregue desde a porta até ao envidraçado (madeira), passando depois a betão pintado com as cores primárias, o que aumentando o pé direito da secção de dormir, comparativamente ao da entrada (altura da porta). Temos ainda um armário, a toda a altura do quarto que, para além da sua função principal, pode servir também como espaço de leitura, escrita ou desenho, isto é, uma secretária embutida no armário. Neste compartimento também existe um pequeno módulo, de forma paralelepipedal, com origem no rectângulo de ouro; este inicia-se dentro do quarto e acaba a levantar no edifício, formando assim uma fachada dinâmica, cheia de paralelepípedos de aço com uma simples guarda de vidro (aqui o utente pode usufruir da paisagem consoante a orientação do paralelepípedo).

5.1.2. Estudo e desenhos do Módulo



Módulo do quarto
esc: 1:50

- - Betão
 - - REBOCO
 - - MÁRMORE ESTREMOZ BRANCO EXTRA VR1
 - - BETONILHA
 - - WALLMATE
 - - MADEIRA
- LAVATÓRIO
EM MÁRMORE BRANCA ESCAVADO
- SANITA SUSPensa - COR BRANCA
- RESGUARDO
VIDRO TEMPERADO DE 10MM ESP. e ACESSÓRIOS EM
AÇO CROMADO
- DUCHE
MÁRMORE ESCAVADO
- ESPELHO
6MM DE ESPESSURA
- TOALHEIROS E ACESSÓRIOS EM AÇO INOX
- PAVIMENTOS
MÁRMORE ESTREMOZ BRANCO EXTRA VR1 3CM DE ESP.
SOALHO DE MADEIRA DE PINHO 3CM DE ESP.
- PAREDES
MÁRMORE ESTREMOZ BRANCO EXTRA VR1 2CM DE ESP.
BETÃO PINTADO DE COR ROSA OU AMARELO OU AZUL
OU VERDE.

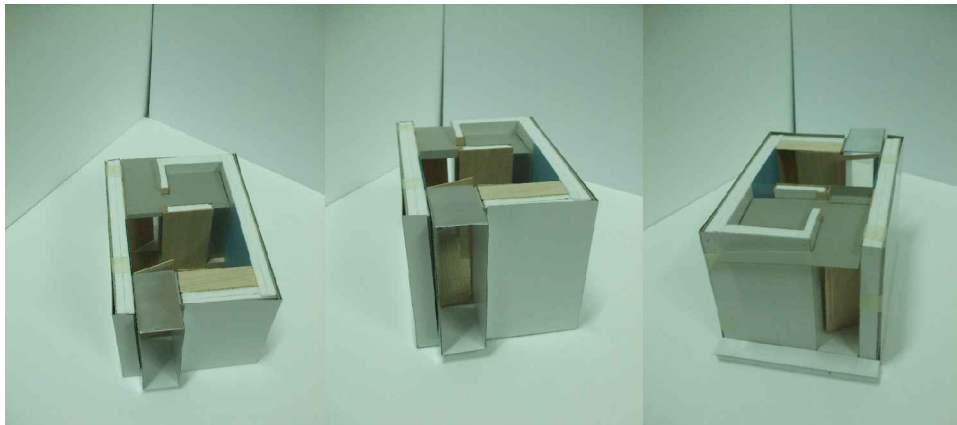
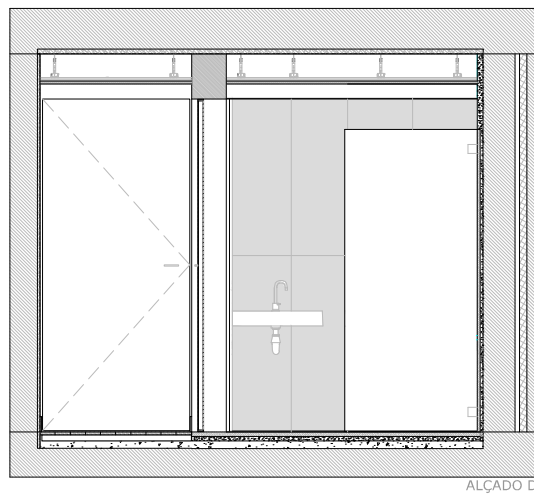
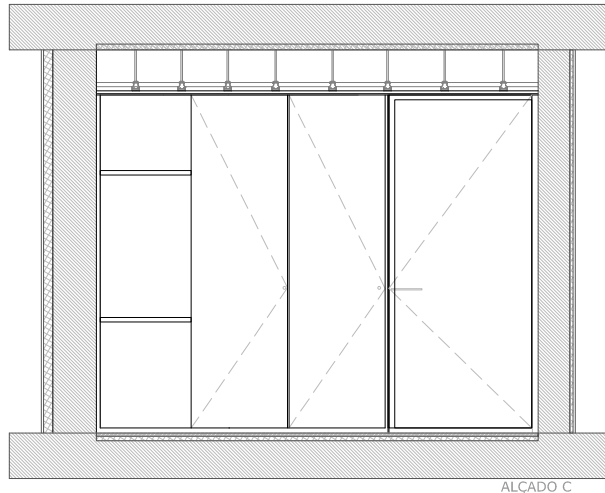


Figura 75

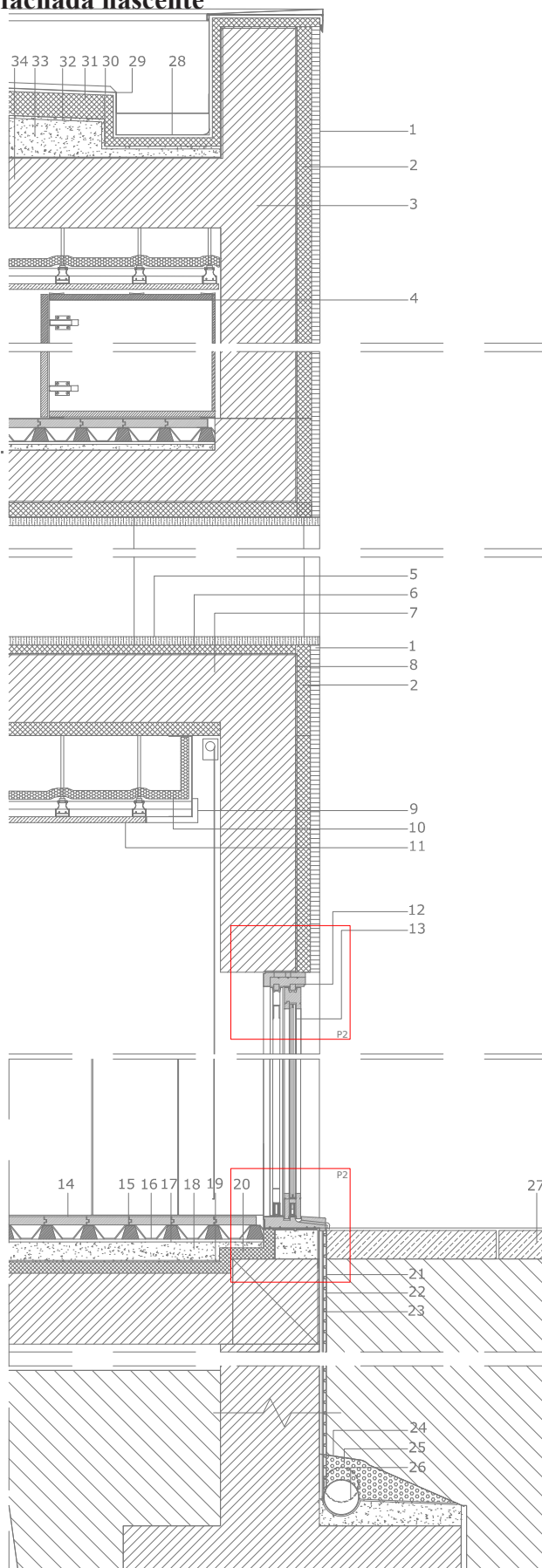
Figura 76

Figura 77

Módulo do quarto
esc:1:50

5.1.3. Corte construtivo pela fachada nascente

- 1 Reboco exterior 20 mm
- 2 Isolamento térmico de 40 mm esp.
- 3 Parede de betão 28 mm
- 4 Armário de madeira de pinho tratado
- 5 chapa de ferro de 30 mm esp.
- 6 Isolamento térmico 30 mm esp.
- 7 Laje de betão armado 250 mm esp.
- 8 Tela impermeabilizante
- 9 MDF Hidrofugo 12,5 mm esp.
- 10 lã de rocha 30 mm esp.
- 11 Tecto falso em gesso cartonado 12,5 mm esp.
- 12 Caixilho de madeira de pinho tratado
- 13 Vidro duplo
- 14 Soalho de madeira pinho tratado 30mm esp.
- 15 Ripado de madeira de pinho
- 16 Tela acústica
- 17 Argamassa de regularização 15 mm esp.
- 18 Enchimento de betão leve 60 mm esp.
- 19 Geotêxtil
- 20 Isolamento térmico 40 mm esp.
- 21 Camada de drenante tipo Enkadrain geo
- 22 Tela elastomérica tipo polyster 40 da imperialum
- 23 Regularização
- 24 Geotêxtil
- 25 Caixa de brita
- 26 Dreno perfurado
- 27 Lageado de granito 100 mm
- 28 Caleira em zinco
- 29 Camarinha de zinco
- 30 Barreira anti-vapor
- 31 Isolamento térmico de 80 mm esp.
- 32 Regularização com pintura impermeabilizante
- 33 Camada de forma de 130 mm esp.
- 34 Laje de betão armado 25 mm esp.



0 0,1m 0,5m
corte pela fachada virada a nascente

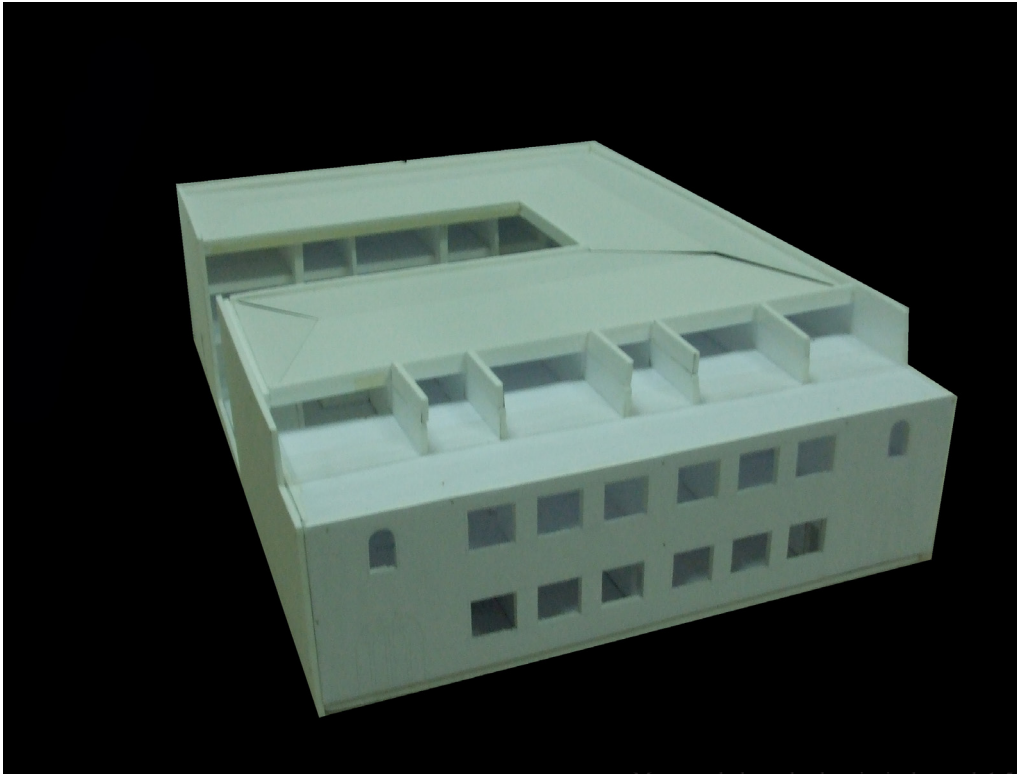


Figura 78

Maqueta do lar - alçado principal - escala 1:50

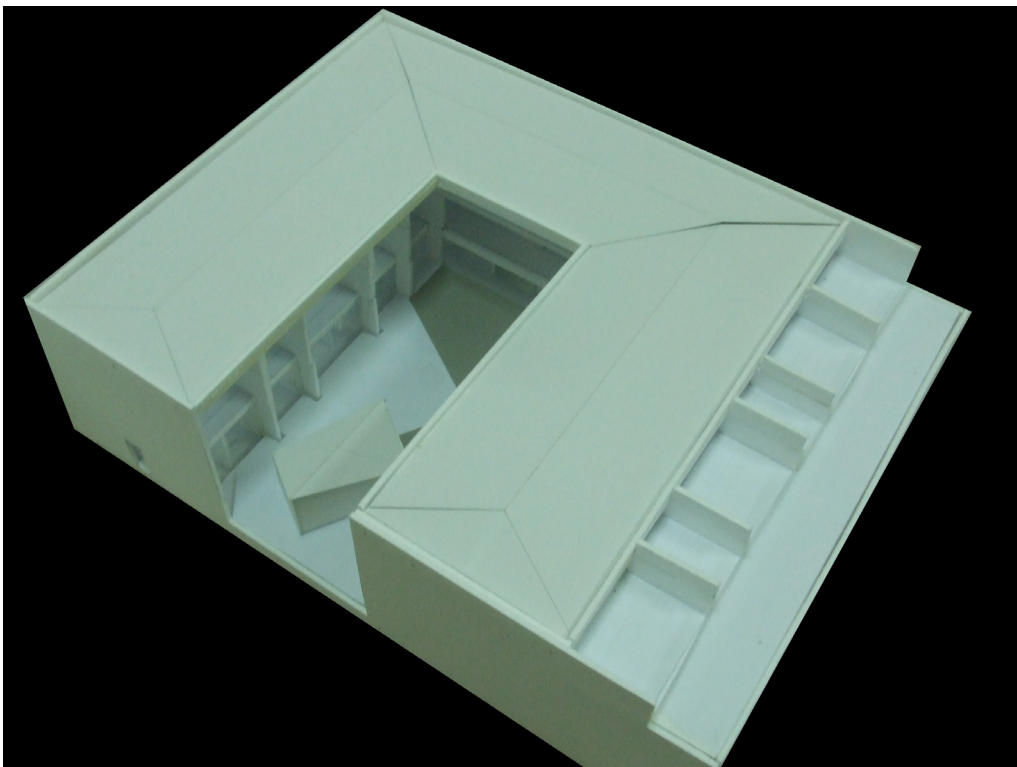


Figura 79

Maqueta do lar - vista de cima - escala 1:50

5.1.4. Maquetas da proposta para o lar de idosos - esc:1:50

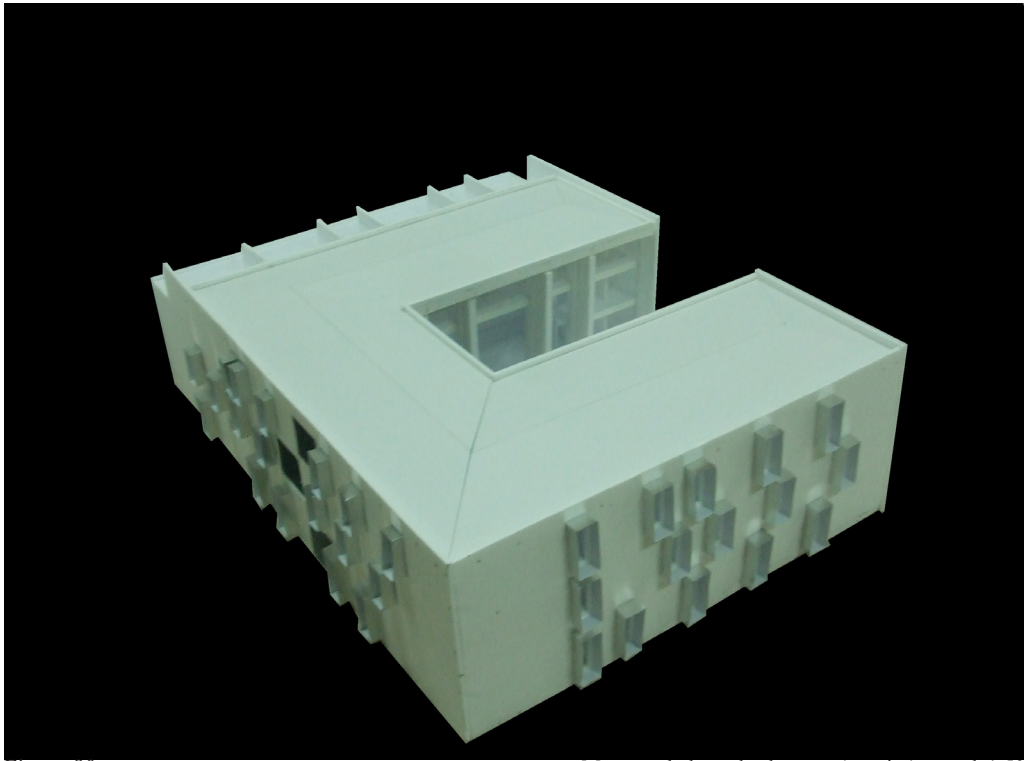


Figura 80

Maqueta do lar - alçado norte (traseiro) - escala 1:50

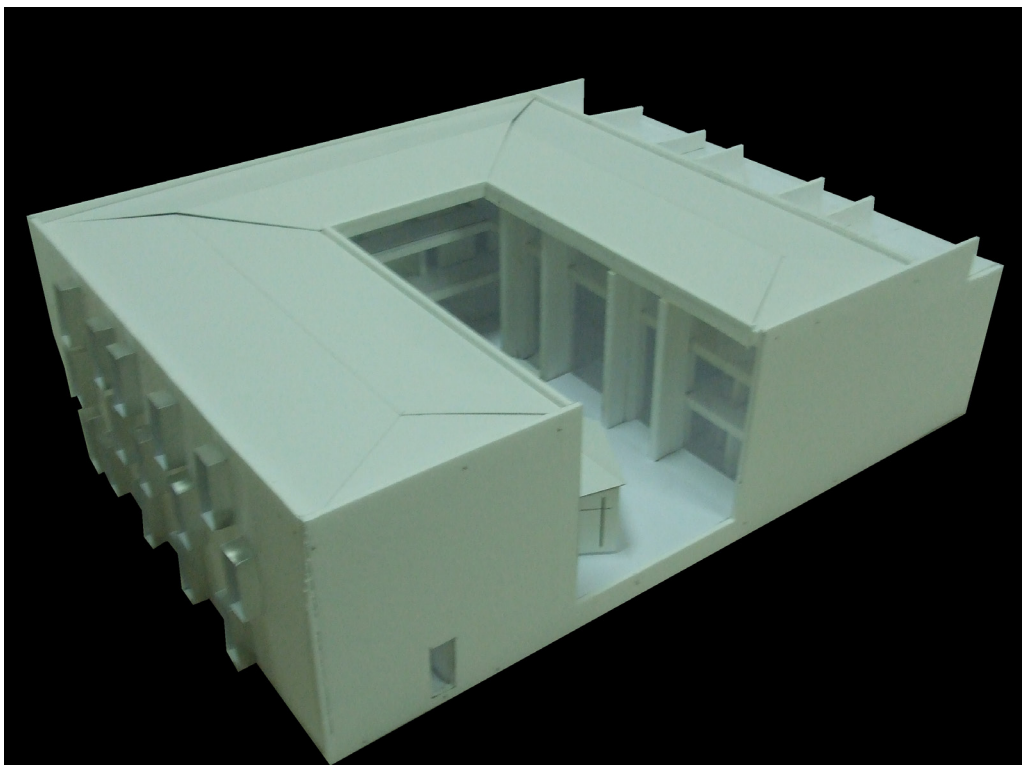


Figura 81

Maqueta do lar - alçado poente - escala 1:50

6. Conclusão

Esta investigação foi concretizada com o objectivo de demonstrar uma visão global do desenvolvimento e evolução do ensino em Portugal. Mas não nos limitámos a isso, procurámos também mostrar que essa evolução fez com que o edifício escolar típico à época tivesse perdido a funcionalidade e passasse a ser abandonado, tal como a sua população idosa. Verificámos que houve um forte envelhecimento da população, não apenas na zona de Melgaço mas em quase todo o interior do país, facto que nos sugeriu a reabilitação e reutilização destes espaços escolares para a criação de espaços de apoio a idosos.

É primordial sermos capazes de entender que o Plano dos Centenários marcou um tipo de arquitectura na história do nosso país, tendo-se presentemente verificado a viabilidade de reabilitação de escolas que o integraram.

O plano dos Centenários não serviu apenas para fazer chegar a educação a todo território português, ele representou também uma forma de demonstrar ao país que estávamos num momento de comemoração da educação em Portugal e de afirmação do poder de um regime ditatorial. Afirmando-se igualmente no combate à arquitectura modernista externa, Salazar fez assim implantar uma arquitectura típica de Portugal e das suas regiões, e, numa tentativa de sustentar a emigração rural, foram oferecidas melhores condições para que a população residente no interior permanecesse nas suas terras, fomentando em certa medida a agricultura de subsistência que visava suprir o consumo da própria população rural e também das cidades, bastante dependentes dessa produção, atendendo a que a economia do país de então era predominantemente rural e fechada.

A modernidade dos dias de hoje, tornando a vida mais agitada e intensificando solicitações e transformações sociais, fez reacender certos problemas já registados no passado, como é o caso concreto da emigração que contribuiu para a degradação e desocupação destes edifícios.

Impõe-se aqui evidenciar que não se trata de um problema exclusivo de Melgaço, mas sim verificável em todo o território nacional da zona interior,

tornando-se indispensável salvaguardar a preservação destes imóveis através da sua reabilitação.

Este trabalho ajudou-nos a compreender a importância deste tipo de programas realizados no nosso país, quer pelo seu marco histórico, quer pelas suas características arquitectónicas e também pela sua função e carga comunitária. Assim, percebemos que a reabilitação é possível e se torna necessária para a sua promoção, de modo a salvaguardar o património cultural, social e memorial que nos relata um período importante da história Portuguesa. A salvaguarda de edifícios de carácter público que servem de apoio à população local dota-os de novas funções sociais, possibilitando a sua utilização pela população tais como, centros de dia, centros de convívio, juntas de freguesia, refeitórios comunitários, lar de idosos.

A salvaguarda de edifícios de carácter memorial é afinal a conservação da memória daqueles que por ali passaram; a conservação da memória arquitectónica do edifício e suas características preserva a sua arquitectura, de forma a que as novas adaptações não o descaracterizem. Assim acontece com a imagem das escolas do Plano dos Centenários que, através do seu rejuvenescimento, adquirem uma nova utilidade pública posta em benefício da população.

Consideramos importante que, qualquer que seja a intervenção neste tipo de edifícios, se proceda a um estudo prévio ajuizado, de modo a que os centenários saiam promovidos e não descaracterizados pelas novas modernidades.

Como já demos a entender, é nosso objectivo proceder à reabilitação deste tipo de edifícios para apoio à classe idosa, o que nos faz deparar com a problemática da velhice ou seja, tentámos perceber qual o impacto que a velhice tem na sociedade actual, principalmente na concepção dos espaços geriátricos. Tentámos também, entender/perceber a leitura que o idoso tem face à velhice, nomeadamente a forma como ele vive e lida com as suas limitações físicas e psicológicas.

Aqui, analisámos vários casos de estudo que nos ajudaram a melhorar a elaboração de projectos para idosos, tentando assim atribuir ao arquitecto a responsabilidade social que o torne o elo mediador entre o promotor imobiliário e o futuro do idoso. Destaca-se uma necessária ponderação e avaliação sobre a adequação do terreno ou do programa proposto às condições do idoso, devendo esse programa ser impulsionador de um envelhecimento saudável e bastante activo. Verificámos também que o facto de o idoso estar muitas vezes incapacitado das funções da vida activa não se torna uma regra universal, isto é, ser idoso não implica estar obrigatoriamente incapacitado de funções de uma vida normal.

Por fim, começámos por enquadrar o local escolhido para a elaboração do projecto, tentando perceber as suas vantagens e desvantagens. Utilizámos também o estudo e as análises concluídas anteriormente para darmos início à reabilitação e ao reuso do espaço da escola de Paderne, actualmente a funcionar como centro de dia e apoio a idosos, porém, sem as condições que são necessárias e exigidas pela regulamentação. A nossa percepção é de que este tema necessita ainda do estudo e aprofundamento de muitas análises para que se possa, cada vez mais, contribuir para melhorar e prolongar a vida do idoso de uma maneira saudável e activa, permitindo que ele se mantenha sempre em contacto com o mundo exterior. O edifício nunca deverá ser um espaço fechado onde se “despeja” o idoso para ele lá terminar a sua vida, longe de tudo e de todos, encarado assim como um fardo para a sociedade actual. Afinal todos caminhamos para o envelhecimento, por isso, nós, arquitectos, temos a responsabilidade de tornar os espaços saudáveis e agradáveis para que os idosos desfrutem de uma vida ou resto de vida com igual qualidade ou até superior à anteriormente vivida na sua juventude e assim, reafirmando mais uma vez, a possibilidade positiva de reabilitar e reutilizar as escolas do Plano dos Centenários para uso da comunidade, mantendo as suas características únicas que estes edifícios contêm.

7. Bibliografia

- BEJA, Filomena, et al. 1990. Muitos anos de escolas - ensino primário - 1941, Vol. I. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção Geral de Administração escolar.
- BEJA, Filomena, et al. 1996. Muitos anos de escolas - ensino primário - anos 40 até anos 70 Vol II. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção Geral de Administração escolar.
- NÁPOLES, Ana Paula - A escola - Do Edifício aos Territórios vol I e II. - Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2010 (tese de doutoramento)
- PINTO, Ana Filipa Costa - A Arquitectura Escolar - Universidade Lusíada do Porto 09/10 (dissertação de mestrado)
- SARAIVA, Joana Correia - Arquitectura de Ensino - projecto para um Equipamento de ensino Artístico - Universidade Lusíada do Porto 10/11 (dissertação de mestrado)
- TEIXEIRA, Joni - Escola dos Centenários Reabilitadas - caso de estudo Melgaço - Universidade Lusíada do Porto 11/12 (dissertação de mestrado)
- CARVALHO, Rómulo de - 1986, História do ensino em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ROCHA, José Marques, Melgaço:Memória dos tempos passado e presente, Braga [S.n.], 2007
- AGUIAR, Bruno, 2010, O sentido da luz, Universidade Lusíada do Porto, (Dissertação de mestrado)
- ANÍBAL, Alexandra Cabeçadas Arsénio Nunes - A expansão da rede escolar do Ensino Primário durante o Estado Novo - uma política de voluntarismo minimalista. [Acedido a 2-11-2011_11:10], Disponível em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dd61024aca_1.PDF
- CARLOS, Jorge Manuel da Silva, 2005 - Escolas do Ensino Básico “Triplicadas” (Plano dos Centenários) Avaliação do seu desempenho térmico e propostas de intervenção. [Acedido a 2-11-2011_11:10], Disponível em http://www.cma-de.ubi.pt/pdf/teses_mestrado/Tese_JC.pdf
- PIMENTA, Paulo Sérgio Pereira, 2006 -A Escola Portuguesa. Do “Plano dos Centenários” À Construção da Rede Escolar no Distrito de Vila Real. Tese de Mestrado em Educação na Área de Especialização História da Educação e Pedagogia, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- SILVA, Mário José Melanda da, Agosto 2009 - Arquitectura Geriátrica -Departamento de Arquitectura da FCTUC: [acedido a 11-11-2011_16:10], Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/11585/1/Arq.%20Geriátrica%20Parte1.pdf>.
- DUARTE, Carla - Arquitectura e a Geriatria – Instituições Residenciais para Idosos”, Lisboa, Universidade Lusíada de Lisboa, [acedido a 11-05-2012_10:52], Disponível em - http://www.cd-arquitectura.com/site/tese_mestrado.pdf.
- GONÇALVES, José Manuel Campos Macedo, Fevereiro 2009, Peter Zumthor - Um estado de graça entre a tectónica e a poesia, Faculdade de Ciências e Tecnologias da UC, Departamento de Arquitectura, Prova Final de Licenciatura em Arquitectura: [acedido a 13-02-2012_23:42], Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/9838>.
- Câmara Municipal de Espinho, Setembro 2007 - Introdução histórica das

escolas, Espinho: [acedido a 2-11-2011_11:36], Disponível em http://portal.cm-espinho.pt/fotos/editor2/ii_evolucao_tipologia_edificios_escolares.pdf.

• Edifícios Escolares, Universidade do Porto, Porto: [acedido a 5-10-2012_10:30], Disponível em Neothemi.up.pt/temas/edificio.htm

• Felgueiras, Margarida (2009). O significado das Escolas Conde de Ferreira na instrução pública em Portugal. In O. Graça & M. Felgueiras (Eds.), *Escolas Conde de Ferreira: Marco histórico da instrução pública em Portugal* (pp. 29-38). Sesimbra: Câmara Municipal.

Documentação

• Instituto da Segurança Social, I.P, Guia prático como criar um lar -[acedido a 15-2-2012_21:15], Disponível em http://www.anje.pt/academia/media/guia_lar.pdf

• DGAS – Direcção-Geral da Acção Social – Núcleo de documentação técnica e divulgação – Lar de idosos, documento em pdf, [acedido a 10/10/2012] disponível em <http://www.forma-te.com/mediateca/view-document-details/1507-lar-deidosos.html>

• Instituto Nacional de estatística, censo 2011, [acedido a 20 de Fevereiro de 2012], disponível em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros

Periodicos

• NÁPOLES, Ana Paula, 2001, **O Equipamento escolar na cidade dos Equipamentos**. [S.I.]: Research&Publish.

• El Croquis, Construir el molde del espacio nº154. In **Aires Mateus 2002 2011**. Madrid: El Croquis Editorial, 2011. ISBN 978-84-88386-63-2. Esp.2, p.119-133.

• El Croquis, Toyo Ito nº71. In **Toyo Ito 1986 1995**. Madrid: El Croquis Editorial, 1996. ISSN: 0212-5683. Esp., p. 120-137.

• Phaidon Press, 2009, Toyo Ito, pág. 94 - 97

• Vários Autores, **Arquitectura Ibérica - Equipamentos**, Outubro 2005, Nº 11

Portais Online

• FG+SG fotografia de arquitectura | architectural photography: [acedido a 5-10-2012_11:15], Disponível em www.ultimasreportagens.com/alcacer/

• Dezeen Magazine, [acedido a 5-10-2012_11:30], Disponível em www.dezeen.com/2011/02/07/house-for-elderly-people-by-aires-mateus-arquitectos/

• Skyscrapercity, [acedido a 6-10-2012_10:15], Disponível em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1319491>

• Sérgio Guerra & Fernando Guerra, [acedido a 6-10-2012_10:30], Disponível em <http://www.noticiasarquitectura.info/especiales/mateus-alcacer-do-sal.htm>

• Arq. A. Arcuri, Desenhos e selecção de conteúdos, [acedido a 10-10-2012_11:05], Disponível em <http://www.noticiasarquitectura.info/especiales/mateus-alcacer-do-sal.htm>

• Aires Mateus, [acedido a 2-11-2012_13:45], Disponível em <http://www.aires-mateus.com/>

- Maribela Freitas, 2011, em BPI expresso, [acedido a 12 de Março de 2012], Disponível em <http://aeiou.bpiexpressoimobiliario.pt/arquitectura-moderna-na-quietude-alentejana=f67723>.
- Toyo Ito, [acedido a 9-10-2012_ 10:28], Disponível em <http://www.designboom.com/eng/interview/ito.html>
- Thomas Daniell, [acedido a 9-10-2012_11:30], Disponível em http://www.dnp.co.jp/artscape/eng/focus/0611_02.html
- www.infopedia.pt/peter-zumthor

7.1 Bibliografia de figuras

- **Pág.24** - figura 1 - fonte: www.googlemaps.com.
figura 2 e 3 - fonte: fotos da escola de Paderne do autor.
- **Pág.26** - figura 4, 5, 7 e 8 - fonte: maquetes e fotos do autor.
figura 6 - fonte: planta de implantação fornecida pelo Arquivo Municipal de Melgaço.
- **pág.38** - figura 9 - fonte: escola Conde Ferreira - Arquivo Histórico da Divisão de documentação da secretária Geral do M.O.P. Lisboa.
figura 10 - maquete da escola Conde Ferreira - fonte: Arquivo Histórico da Divisão de documentação da secretária Geral do M.O.P. Lisboa. [acedido em 12/5/2012] disponível em neothemi.up.pt/imagens/edificios/maquete.jpg.
- **Pág.40** - figura 11 - fonte: BEJA, Filomena, Muitos anos de escolas, Lisboa 1990, vol. I, pág. 80.
- **Pág.44** - figura 12 até 17 - várias escolas do país - fonte: Arquivo Histórico da Divisão de documentação da secretária Geral do M.O.P. Lisboa.
- **Pág.46** - figura 18,19 e 20 - várias escolas do país - fonte: Arquivo Histórico da Divisão de documentação da secretária Geral do M.O.P. Lisboa.
- **Pág.48** - figura 21 e 22 - fonte: BEJA, Filomena, Muitos anos de escolas, Lisboa 1996, vol. II pág. 46 e 47.
 - figuras 23 e 2 - fonte: BEJA, Filomena, Muitos anos de escolas, Lisboa 1996, vol. II pág. 61 e 62
 - figuras 25 e 26 - fonte: BEJA, Filomena, Muitos anos de escolas, Lisboa 1996, vol. II pág. 74 e 75.
 - figuras 27 e 28 - fonte: BEJA, Filomena, Muitos anos de escolas, Lisboa 1996, vol. II pág. 88 e 90
- **Pág.50** - figura 29 - mapa das escolas existentes no concelho de Melgaço - fonte: fornecida pela Câmara Municipal de Melgaço, Arquivo Municipal.
- **Pág.56** - figura 30 e 31 - mapa de Chaviães - fonte: www.googlemaps.pt
- **Pág.58** - figura 32 - Planta e alçados - fonte: BEJA, Filomena, Muitos anos de escolas, Lisboa 1996, vol. II pág. 50.
figura 33 - estudo da planta da escola - fonte: autor
- **Pág.59** - figura 34 e 35- fotos da escola de Chaviães - fonte: fotos do autor
- **Pág.62** - figura 36 e 37 - fonte: www.googlemaps.pt.
- **Pág.64** - figura 38 - plantas da escola do Prado, Melgaço - fonte: plantas fornecidas pelo arquivo municipal de Melgaço
figura 39 - escola do Prado, Melgaço - fonte: foto do autor
- **Pág.65** - figura 40 e 41 - escola do Prado, Melgaço - fonte: fotos do autor.
- **Pág.68** - figura 42 e 43 - mapas da escola de S.Paio, Melgaço - fonte: www.

googlemaps.pt

- **Pág.70** - figura 44 - plantas e alçados - fonte: BEJA, Filomena, Muitos anos de escolas, Lisboa 1996, vol. II pág. 50.

figura 45 - escola de S.Paio - fonte: foto do autor

- **Pág.71** - figura 46 e 47 - escola de S.Paio, Melgaço - fonte: fotos do autor

- **Pág.74** - figura 48 - mapa da escola de Paderne - fonte: www.googlemaps.pt.

figura 49- plantas, cortes e alçados da escola de Paderne - fonte: fornecida pelo Arquivo Municipal de Melgaço.

- **Pág.76** - figura 50 - mapa da escola de Paderne - fonte: www.googlemaps.pt

figura 51 - estudo das plantas e cortes da escola de Paderne, Melgaço - fonte: fotos do autor

- **Pág.77** - figura 52 e 53 - escola de Paderne - fonte: foto do autor

- **Pág.88** - figura 54 e 55 - planta de implantação e planta do módulo, lar para idosos- Peter Zumthor - fonte: flickr e exposição em Lisboa, 2008, edificios e projectos 1986 - 2007.

- **Pág.90** - figura 56 - plantas e cortes: fonte: flickr e exposição em Lisboa, 2008, edificios e projectos 1986 - 2007.

- **Pág.92** - figura 57, 58, 59 e 60 -fotos do lar de idosos, Peter Zumthor - fonte: theurbanearth.wordpress.com/tag/arquitetura-contemporanea/.

- **Pág.94** - figura 61, 62, 63 e 64 - lar de idosos, Alcácer do Sal - fonte: www.ultimasreportagens.com/alcacer/.

- **Pág.96** - figura 65, 66, 67 e 68 - lar de idosos, Alcácer do Sal - fonte: www.ultimasreportagens.com/alcacer/.

- **Pág.98** - figura 69 e 70 - lar de idosos, Alcácer do Sal - fonte: www.ultimasreportagens.com/alcacer/.

- **Pág.102** - figura 71 -plantas, cortes e foto, lar de idosos, Yotsushiro- fonte: El croquis 71, pág. 125.

- **Pág.104** - figura 72 - plantas, cortes e foto, lar de idosos, Yotsushiro- fonte: El croquis 71, pág. 124.

- **Pág.105** - figura 73 e 74 - fotos, lar de idosos, Yotsushiro- fonte: El croquis 71, pág. 121 e 128.

- **Pág.112 até 129** - plantas, cortes e alçados da proposta - fonte: desenhos do autor

- **Pág.127** - figura 75, 76 e 77 -maquetas do módulo da proposta - fonte: fotos do autor

- **Pág.130** - figura 78 e 79 - maqueta da proposta do lar, esc. 1:50 - fonte: fotos do autor

- **Pág.131** - figura 80 e 81 - maqueta da proposta do lar, esc. 1:50 - fonte: fotos do autor

- **Pág.144 e 145** - figura 82 até 94 - esboços e maquetas da evolução da proposta - fonte:fotos do autor

- **Pág.146 e 147** - esboços e desenhos da capela - fonte: desenhos do autor

- **Pág.148 e 149** - pormenores construtivos da proposta - fonte: desenhos do autor

Anexos

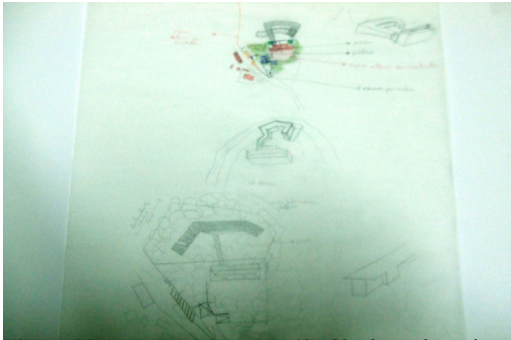


Figura 82 1º e 2º esboço do projecto

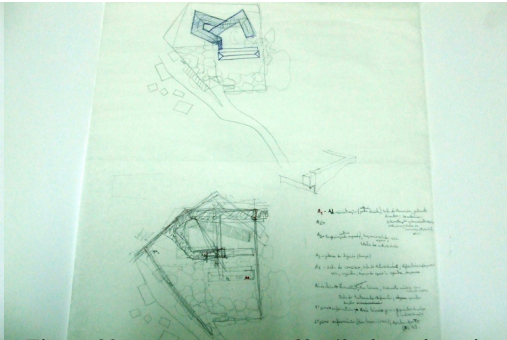


Figura 83 3º e 4º esboço do projecto

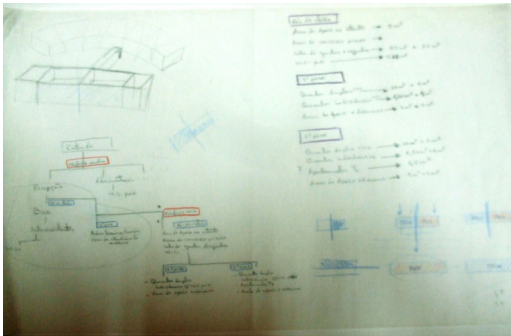


Figura 84 1º organigrama e áreas



Figura 85 2º organigrama e planta de área verde em redor da escola

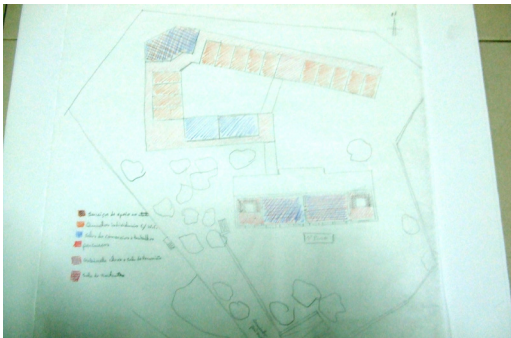


Figura 86 Planta rés-do-chão da primeira maqueta

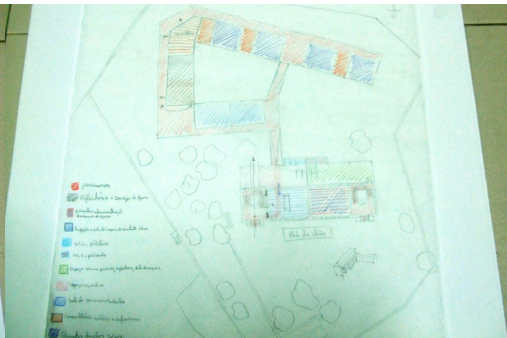
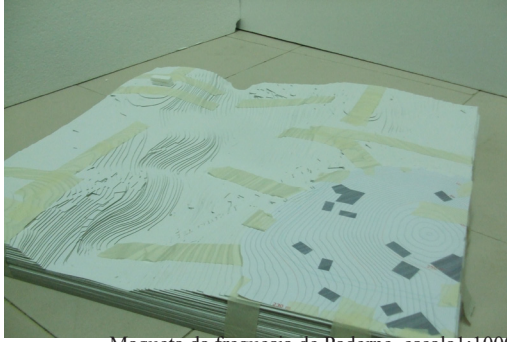


Figura 87 Planta 1º piso da primeira maqueta



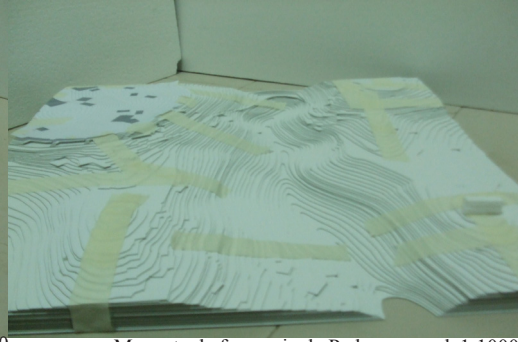
Figura 98 Planta rés-do-chão da segunda maqueta

fotos do autor



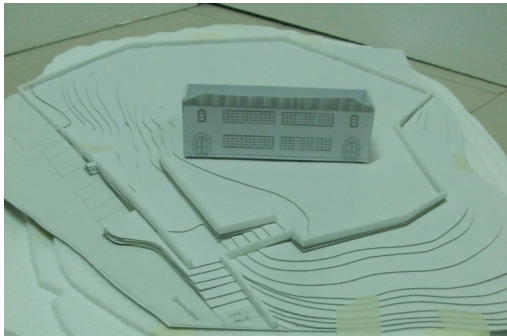
Maqueta da freguesia de Paderne, escala 1:1000

Figura 89



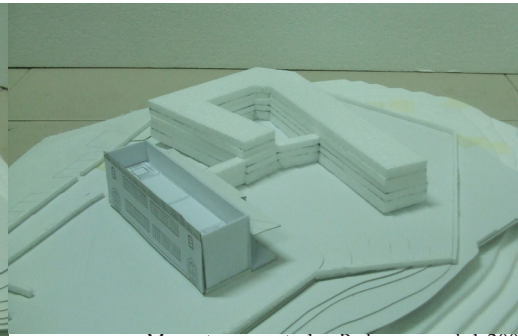
Maqueta da freguesia de Paderne, escala 1:1000

Figura 90



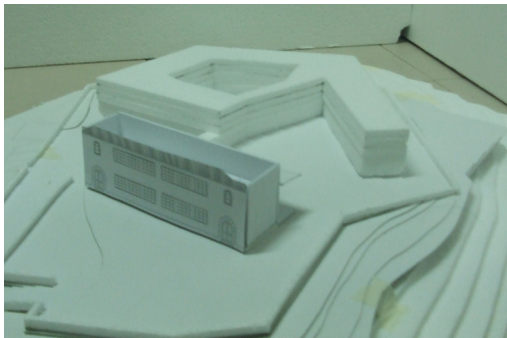
Maqueta da escola de Paderne, escala 1:200

Figura 91



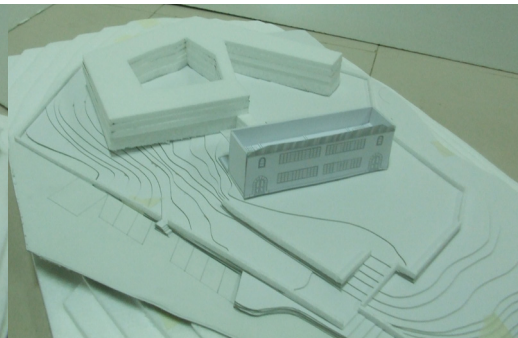
Maqueta proposta 1 - Paderne, escala 1:200

Figura 92



Maqueta proposta 2 - Paderne, escala 1:200

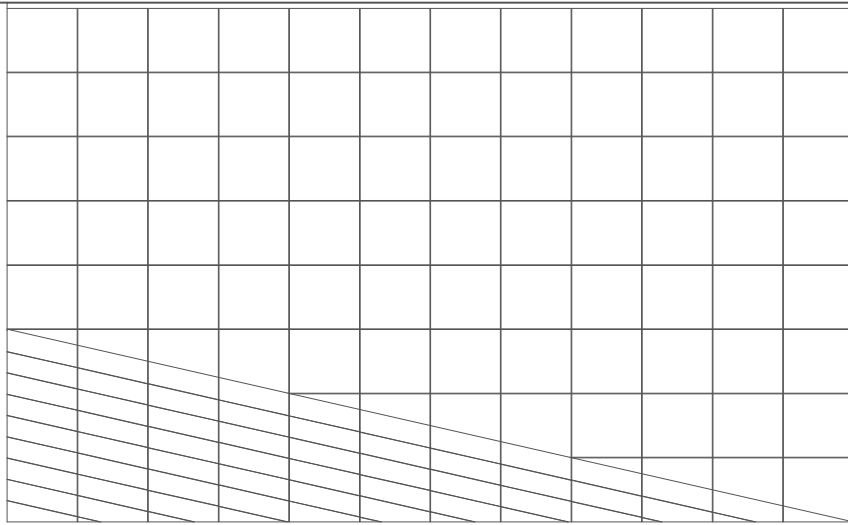
Figura 93



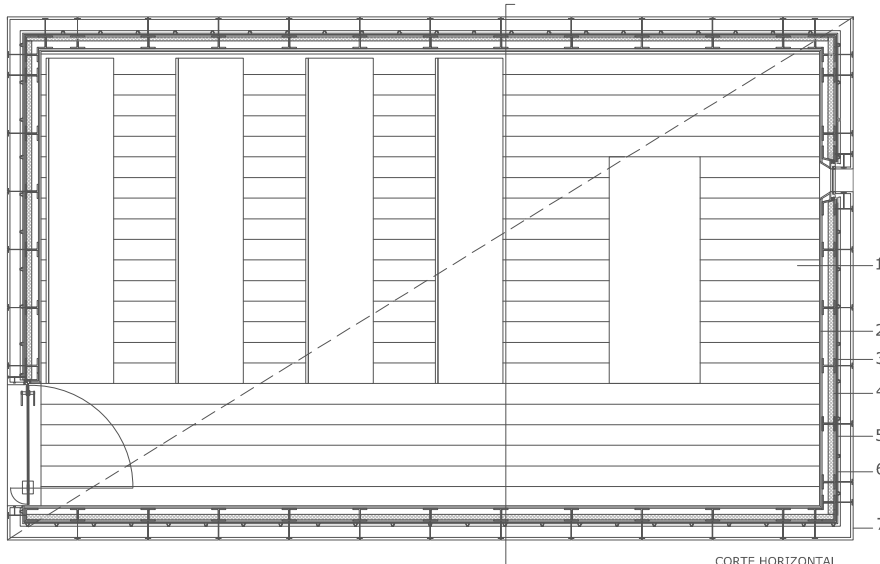
Maqueta proposta 2 - Paderne, escala 1:200

Figura 94

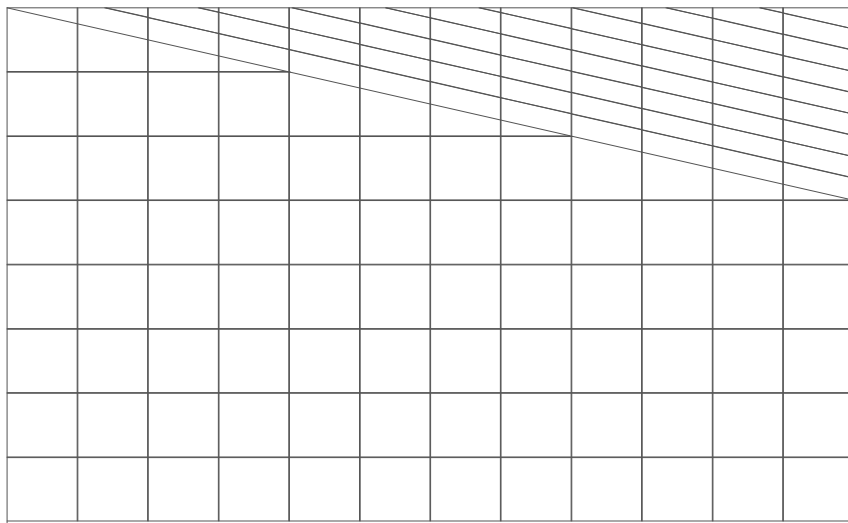
fotos do autor



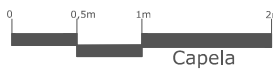
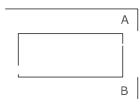
ALÇADO A



CORTE HORIZONTAL
CAPELA



ALÇADO B

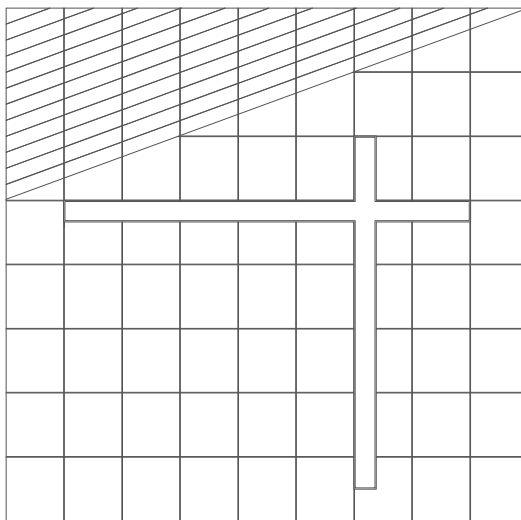


Capela

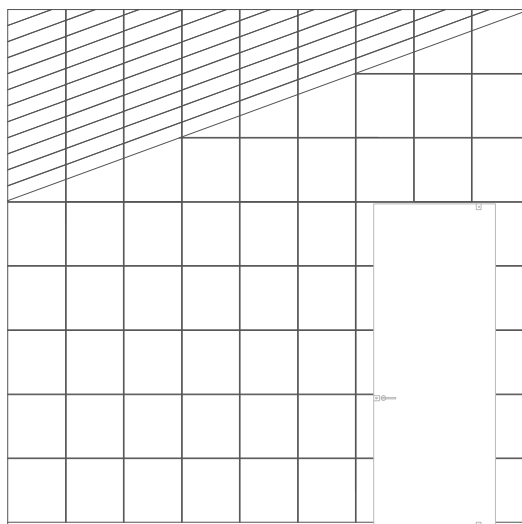
- 1** Soalho de madeira de pinho 30 mm esp. **2** Gesso cartonado duplo de 12 mm esp. **3** Perfil de aço em I **4** Isolamento térmico 40 mm esp. **5** MDF hidrofugo 12 mm esp. **6** Camarinha de zinco **7** Pedra granítica 40 mm esp.

Capela

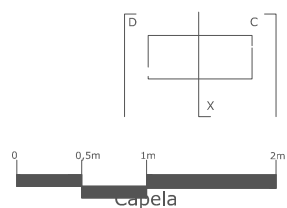
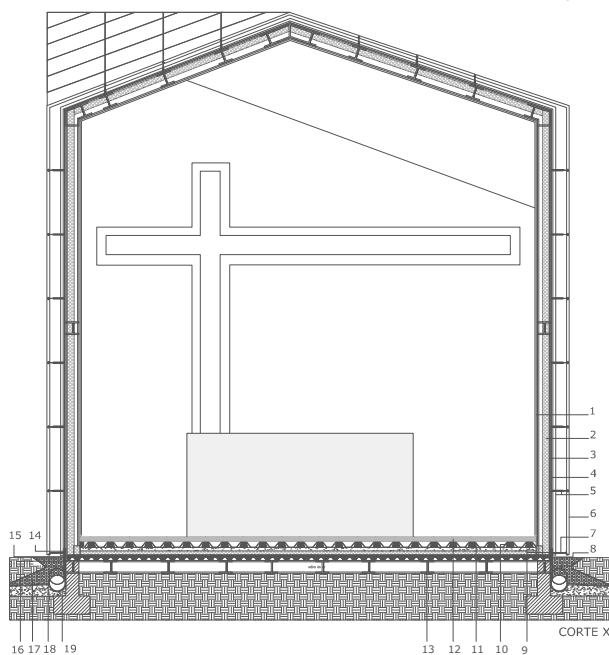
- 1 Gesso cartonado duplo de 12 mm esp.
- 2 Isolamento térmico 40 mm esp.
- 3 Perfil de aço em I
- 4 MDF hidrofugo 12 mm esp.
- 5 Camarinha de zinco; perfil de suporte da pedra
- 6 Pedra granítica 40 mm esp.
- 7 Isolamento térmico 40 mm esp.
- 8 Laje colaborante
- 9 Argamassa de regularização 26 mm esp.
- 10 Ripado de madeira de pinho tratado
- 11 Tela acústica
- 12 Soalho de madeira de pinho tratado 30 mm esp.
- 13 Perfil de aço em I
- 14 Camada drenante tipo enkadrain geo
- 15 Tela elastomérica tipo polyster 40 da imperialum
- 16 Regularização
- 17 Geotêxtil
- 18 Caixa de brita
- 19 Dreno perfurado

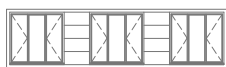
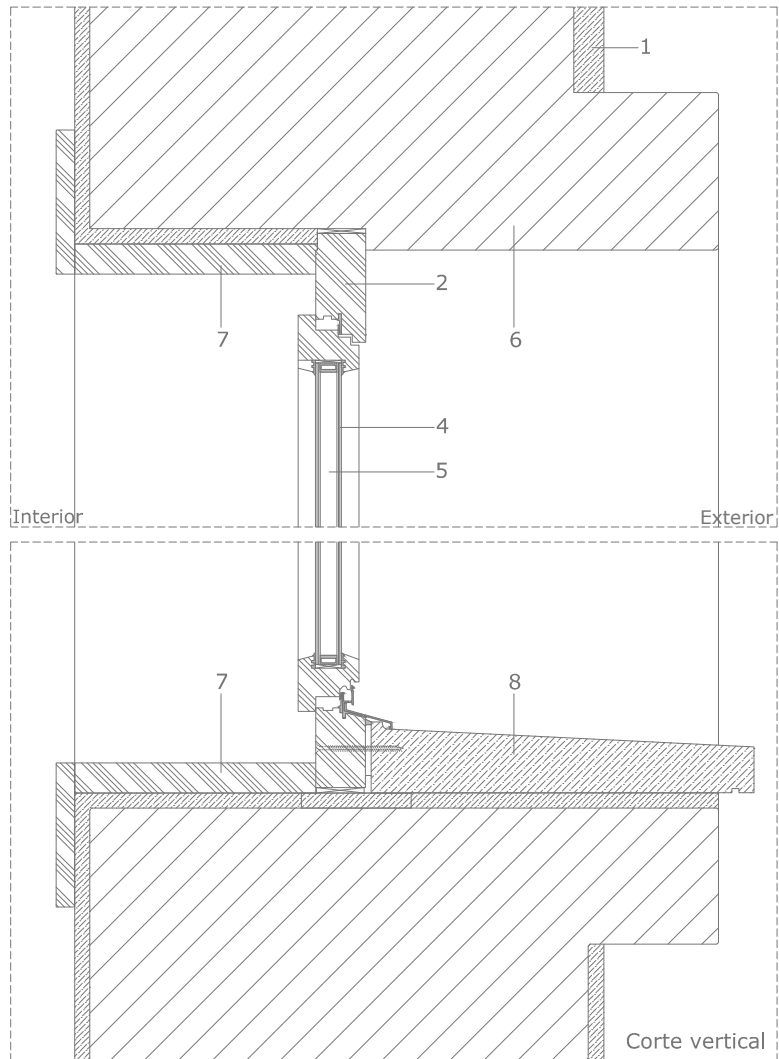
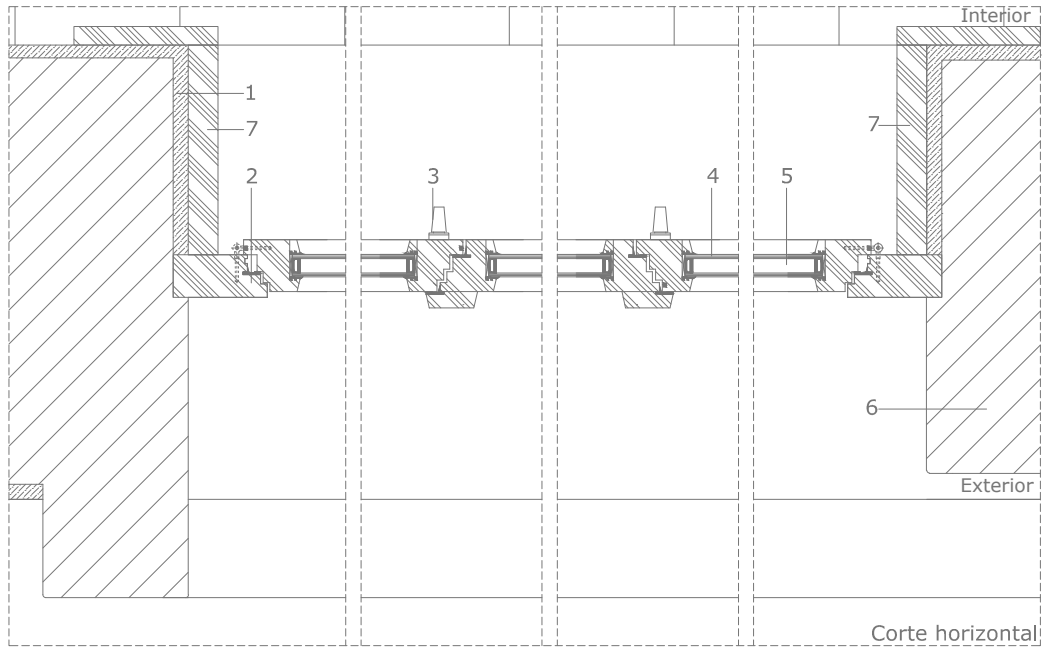


ALÇADO C



ALÇADO D

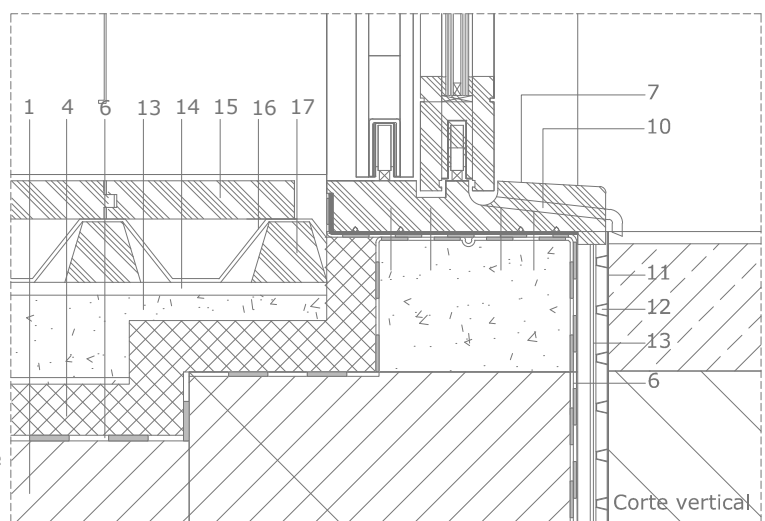
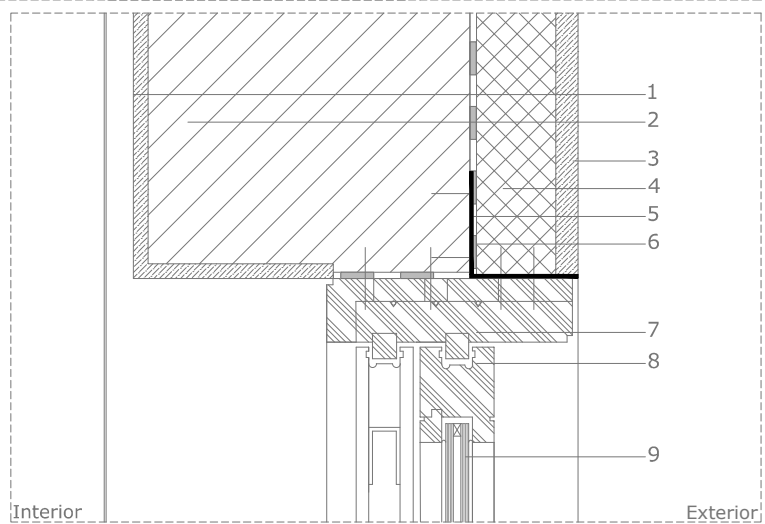
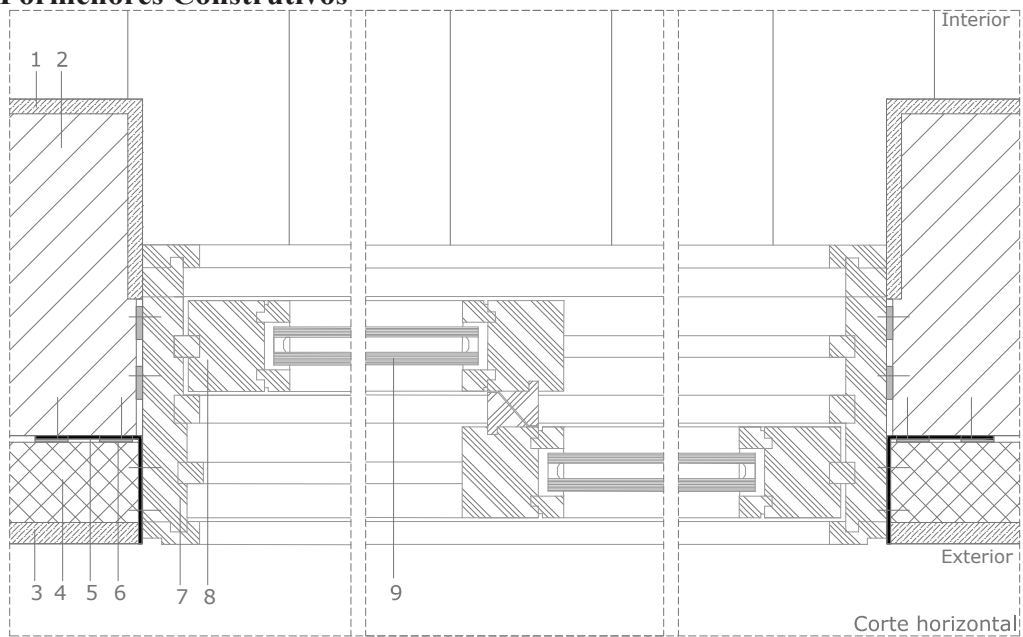




Vão da fachada principal
Pormenor 1
Escala 1:5 virada a sul

1 Reboco exterior **2** Caixilhos de madeira de pinho tratado **3** Puxadores em aço cromado **4** Vidro duplo **5** Caixa de ar **6** Pedra granítica **7** Aro de madeira interior (recobrimento) **8** Peitoril de mármore

Pormenores Construtivos



Vão da fachada nascente
 Pormenor 2
 Escala 1:5

- 1** Reboco interior **2** Betão armado **3** Reboco exterior **4** Isolamento térmico **5** Cantoneira aço **6** Impermeabilização **7** Aro e soleira de madeira pinho tratado **8** Caixilhos de madeira pinho tratado **9** Vidro duplo **10** Calha de ferro **11** Camada de drenante tipo Enkadrain geo **12** Tela elastomérica tipo polyster 40 da imperialum **13** Regularização **14** geotêxtil **15** Soalho de madeira pinho tratado **16** Isolamento acústico **17** Ripado de madeira de pinho tratado

Documentos fornecidos pela Câmara de Mergaço, sobre a escola de Chaviães.

Anexo 050

AC/JL

29

50

4.165

Exm.^o Senhor

O terreno para a construção da escola gémea de 2 salas do núcleo e freguesia de Chaviães, concelho de Mergaço, foi aprovado em 1948 sem que tivesse sido feita qualquer estimativa do custo das obras complementares.

Ao elaborar-se agora o projecto destas obras, verificou-se que para a vedação ter uma certa eficiência o orçamento ultrapassa 30 contos.

Nestas circunstâncias elaborámos dois projectos que junto enviamos e que diferem apenas no tipo de vedação.

Para as vedações com pedra, o orçamento atinge 35 contos; para vedação com pedra na frente principal e esteios e arame nos restantes limites do terreno o orçamento é de 30 contos.

Realizou-se no dia 16 do corrente um concurso com vista à execução destas obras, para o qual foram convidados os empreiteiros:

António de Sousa Queirós
Paulo da Silva Campos
Artur Dias de Freitas
José Fernandes Marques
Eusébio Exposto
António Batista Malheiros,

continua.....

Designação dos trabalhos	Quantidades	Preços		Importâncias 32	
		Material	Mão de obra	Material	Mão de obra
<u>PLANO DOS CENTENÁRIOS</u>					
<u>V FASE</u>					
<u>DISTRITO DE VIANA DO CASTELO</u>					
<u>CONCELHO DE NEREGACO</u>					
<u>FREGUESIA DE CHAVIÃES</u>					
<u>NÚCLEO ESCOLAR DE CHAVIÃES</u>					
<u>EDIFÍCIO ESCOLAR, GEMEO DE 2 SALAS</u>					
<u>OBRAS COMPLEMENTARES</u>					
<u>CAPITULO ÚNICO</u>					
<u>Artº.1º.- Escavação em terra compacta para regularização do recreio e abertura de cavoucos, incluindo espalhamento, apiloamento e estabelecimento de taludes.</u>					
<u>Regularização do recreio</u>					
30x8x0,5 = 120,000 m ³	MMLG				
<u>Abertura de cavoucos</u>					
42x0,5x0,3 = 6,300	126,300	8,000	1.010,000		
<u>Artº.2º.- Escavação em rocha branda, incluindo remoção.</u>					
2x10x5x0,5 =	m ³ 50,000	14,000	700,000		
<u>Artº.3º.- Alvenaria de pedra seca em fundações.</u>					
42x0,5x0,3 =	m ³ 6,300	110,000	693,000		
<u>Artº.4º.- Alvenaria de pedra seca, em muros, para rusticar nos paramentos visíveis.</u>					
Frente - 42x0,3x1 =	m ³ 12,600	130,000	1.638,000		
<u>Artº.5º.- Refechar e rusticar juntas, com argamassa de cimento e areia ao traço 1:3, incluindo abertura de barbacãs.</u>					
Frente - 1,5x42x1 =	m ² 63,00	7,000	441,000		
A transportar					4.482,000

42

- 3 -

ORÇAMENTO

30

Designação dos trabalhos	Quantidades	Preços		Importâncias	
		Materiais	Mão de obra	Materiais	Mão de Obra
Transporte				14.910	430
<u>Art. 13.º</u> .- Escavação para abertura de um poço com 1,20 m. de diâmetro, depois de revestido e 16 m. de profundidade, sendo 7 em terra e 9 em rocha dura, incluindo revestimento e laje de betão armado com tampa de 0,6 x 0,6.		P.	E.	11.274	400
				26.184	430
Aplicando o coeficiente de correcção de praça..... 0,9984468				26.143	463
<u>Art. 14.º</u> .- Vedação de esteios de granito ou de betão armado, espaçados de 3 cm., com 3 ordens de arame zincado nº. 9, com as dimensões indicadas nos desenhos.	180,3		14,00	2.580	400
<u>Art. 15.º</u> .- Casa de alvenaria de tijolo, com 0,11 de espessura, para resguardo da bomba, com as dimensões interiores de 2,3x1,4, altura de 2,2, rebocada exteriormente e caiada interiormente, incluindo: a) fundação de alvenaria b) porta de madeira de macacauba, engradada e almofadada com 0,035 de espessura, com as dimensões de 0,7 x 2 m., assente, incluindo aros, 3 dobradiças de metal, uma fechadura, 1 puxador metálico e envernizamento.		P.	E.	1.337	460
				30.001	423
Arredondamento				-	123
T o t a l				30.000	400
Porto, 9 de Agosto de 1955					
O ENGENHEIRO CIVIL					
<i>R. J. A. V. Pereira</i>					

Documentos fornecidos pela Câmara de Mergaço, sobre a escola de Paderne.

Anexo 018

JA/BV 27
18

PLANO DOS CENTENÁRIOS
VI - F A S E
DISTRITO DE VIANA DO CASTELO
CONCELHO DE MELGAÇO
FREGUESIA DE PADERNE
NÚCLEO ESCOLAR DE ALÉM

MEMÓRIA DESCRITIVA DO TERRENO PROPOSTO PELA CÂMARA MUNICIPAL
PARA A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO ESCOLAR, GÉMEO, DE 4 SALAS - -

TIPO MINHO

Nesta vistoria fomos acompanhados pelos Exm.ºs Snrs. Presidente da Câmara e Delegado Escolar.

Confrontações: - O terreno pertence a António Daniel Fontes e Daniel da Rosa e confronta a sul-nascente com este último proprietário, a nascente-norte com ambos, a poente-norte com Manuel Lourenço e a poente-sul com terreno baldio.

Orientação: - A fachada principal do edifício ficará voltada ao quadrante sul-nascente.

Área: - O terreno tem a área efectiva 1.938 m²., superior à exigida (1.800 m²).

Topografia e configuração: - O terreno é ligeiramente acidentado e tem a forma de um quadrilátero irregular.

Situação e acessibilidade: - Sito no extremo poente-norte da sede do núcleo em local airoso e batido pelo sol. É o melhor terreno que vistoriamos. O edifício ficará a ser visto de todos os pontos do núcleo, por se encontrar numa pequena elevação. *sede do*

lugares do
Tem fácil acesso a todos os núcleos pelo caminho público que passa junto ao limite poente-sul. *e caminhos de pé posto*

Abastecimento de água: - Como, o Snr. Presidente da Câmara nos informou que muito breve o núcleo terá abastecimento público de água prevê-se a ligação a essa instalação que deve estar em funcionamento no próximo ano de 1959.

A estimativa das obras complementares resumida nos trabalhos abaixo discriminados importa em Esc:- 30.000\$00.

Terraplenagens	3.500\$00
Vedações e acessos	14.000\$00
Esgtos	4.500\$00
Abastecimento de água	8.000\$00
	<u>30.000\$00</u>

MMLG

Porto, 10 de Dezembro de 1958

O ENGENHEIRO CIVIL,

Julio Augusto de Sousa Teixeira de Paula

DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

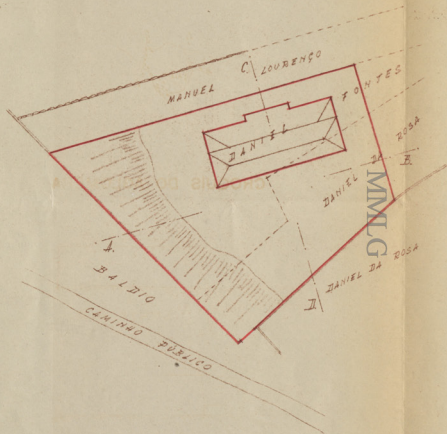
DELEGAÇÃO PARA AS OBRAS DE CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS PRIMÁRIAS

IMPLANTAÇÃO DE EDIFÍCIOS ESCOLARES

Distrito-VIAHA DO CASTELO Freguesia-PADERNE 17

Concelho-MELGAÇO Nuc. Escolar-ALÉM

ESCOLA GÊMEA DE 4 SALAS



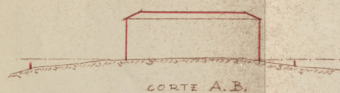
PLANTA TOPOGRÁFICA - ESCALA 1:500

ÁREA EXIGIDA 1.800 m²

ÁREA EFECTIVA 1.940 m²



CROQUIS DO AGLOMERADO



LAJADOS - ADIDAS

01/11/1934

PERFIS

O ENG. CIVIL

